

MARIA CAROLINA DE MIRANDA SIMÕES

**DESENVOLVIMENTO LOCAL NA CIDADE DE
CASSILÂNDIA: A FESTA DO PEÃO DE BOIADEIRO E A
CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE E DO SENTIMENTO DE
PERTENÇA**

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO LOCAL –
MESTRADO ACADÊMICO
CAMPO GRANDE – MS
2007**

MARIA CAROLINA DE MIRANDA SIMÕES

**DESENVOLVIMENTO LOCAL NA CIDADE DE
CASSILÂNDIA: A FESTA DO PEÃO DE BOIADEIRO E A
CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE E DO SENTIMENTO DE
PERTENÇA**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora
do Programa de Pós-Graduação em
Desenvolvimento Local, Mestrado
Acadêmico, da Universidade Católica Dom
Bosco, como requisito parcial para obtenção
do título de Mestre em Desenvolvimento
Local, sob a orientação da Profª Drª Maria
Augusta de Castilho.

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO LOCAL –
MESTRADO ACADÊMICO
CAMPO GRANDE – MS
2007**

FOLHA DE APROVAÇÃO

Título: Desenvolvimento local na cidade de Cassilândia: a Festa do Peão de Boiadeiro e a construção da identidade e do sentimento de pertença.

Área de concentração: Territorialidades e dinâmicas sócio-ambientais.

Linha de Pesquisa: Cultura e identidades locais.

Dissertação submetida à Comissão Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Local – Mestrado Acadêmico da Universidade Católica Dom Bosco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Local.

Dissertação aprovada em: 13/ 03/ 2008

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof^a Dr^a Maria Augusta de Castilho - UCDB

Pof^o Dr^o Marcelo Marinho – UCDB

Prof^a Dr^a Mônica Teresa Soares Pechincha - UCDB

Prof^a Dr^a Teresa Malatian – UNESP Franca/SP

Dedico àqueles que sempre confiaram nas minhas capacidades e habilidades como ser humano, àqueles que sempre estiveram ao meu lado incondicionalmente. Aos meus pais, o meu amor eterno.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela força que me dá para viver e acreditar que tudo é possível, mesmo nos momentos mais difíceis pelos quais tenho passado, sei que está comigo a todo instante.

À minha orientadora, Professora Maria Augusta de Castilho, que com toda sua sabedoria, compreensão, dedicação, profissionalismo e segurança me conduziu até o fim desta caminhada. Seus elogios e incentivos durante todo o decorrer deste trabalho foram imprescindíveis para que eu sempre buscasse fazer o melhor.

Aos professores, que deram o melhor de si para passar todo seu conhecimento a fim de que pudéssemos alcançar a plenitude de nossos sonhos.

Aos meus irmãos, Fernando Henrique e Maria Fernanda, que desde o início me apoiaram e me incentivaram para que eu pudesse chegar até o fim.

Aos meus avós postiços, Timóteo e Carminha, e à minha prima Natalia, que me abrigaram durante todos os encontros do Mestrado, com muito amor e carinho.

Ao meu namorado, Maurício, pela paciência e companheirismo durante todo tempo que me dediquei a esta pesquisa.

"Um país não muda pela sua economia, sua política e nem mesmo sua ciência; muda sim pela sua cultura" (Betinho, 1935/1997).

RESUMO

Esta pesquisa analisa a Festa do Peão de Boiadeiro de Cassilândia na construção e consolidação da identidade cultural e no fortalecimento do sentimento de pertença a Cassilândia. Nesse aporte destacam-se os seguintes objetivos específicos: avaliar a importância das potencialidades econômicas para o desenvolvimento da cidade de Cassilândia; identificar o perfil e as motivações dos participantes da 36ª Festa do Peão de Boiadeiro e verificar os fatores de convergência e divergência que existem na comunidade, na época de realização do evento. Para tanto, teve-se como questões norteadoras a percepção da população sobre a realidade da Festa do Peão de Boiadeiro de Cassilândia como alternativa de desenvolvimento local e a construção efetiva do sentimento de pertença e da identidade local por meio desta atividade. Esta comemoração projeta-se como evento de grande importância no cenário do rodeio nacional, além de ser a comemoração de maior relevância para a cidade. A celebração tem como premissa a valorização da cultura e identidade local, e traz aliado ao desenvolvimento humano e social, também o desenvolvimento econômico, mostrando nuances de desenvolvimento local. Esta valorização da cultura popular contribui para que a sociedade fortaleça sua auto-estima para tornar-se protagonista de seu processo de desenvolvimento. Vale ressaltar que a festa é uma parceria da comunidade para reavivar as velhas tradições e reforçar os laços de origem possibilitando ao grupo social crescer ao ser capaz de se organizar para realizá-la. Com o estudo verifica-se que o sentido da festa é comemorar acontecimento, reviver tradições, criar novas formas de expressão, afirmar identidade, preencher espaços na vida do grupo, dramatizar situações e afirmações populares, invocar a história e os costumes religiosos, contribuindo para a interação e parceria da comunidade, permitindo a todos se reconhecerem como um povo único, o que a revela como poderoso instrumento do desencadeamento de um processo de desenvolvimento local.

PALAVRAS-CHAVE: Desenvolvimento local; Cassilândia; Festa do Peão de Boiadeiro; Identidade e Cultura.

ABSTRACT

This research analyzes the traditional Cowboy's Party in the city of Cassilândia in the construction and consolidation of the cultural identity and in the reinforcement of the feeling of belongs the Cassilândia. In this approach are distinguished the following specific objectives: to evaluate the importance of the economic potentialities for the development of the city of Cassilândia; to identify to the profile and the motivation of the participants of the 36th Cowboy's Party and to verify the factors of convergence and divergence that exist in the community when the event takes place. Therefore, it was possible to come across these issues: the perception of the population on the reality of the Cowboy's Party in Cassilândia as an alternative of local development; and the effective construction of the feeling of belongs as well as the local identity due to this activity. This commemoration is projected as an event of great importance in the national rodeo scenario, besides being the most relevant commemoration in the city. The celebration has as premise the valuation of the local culture and identity, and it brings ally to human and social development and also to the economic development, showing nuances of local development. This valuation of the popular culture helps the society to fortify its self-esteem to become the protagonist of its process of development. It's worth to point out that the party is a partnership of the community to revive old traditions and to strengthen the origin bows making it possible to the social group to grow by being capable of organizing themselves to carry through it. With this study it is verified that the meaning of the party is to commemorate a happening, revive traditions, create new forms of expression, affirm identity, fill spaces in the life of the group, dramatize popular situations and affirmations, invoke religious history and customs, which all together contribute for the interaction and partnership of the community, allowing everyone to be recognize as a unique people. The event then discloses what it to be a powerful instrument for propelling a process of local development.

KEY-WORDS: Local development; Cassilândia; Cowboy's Party; Identity and Culture.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Mapa 1. Localização de Cassilândia no Estado de Mato Grosso do Sul	18
Foto 1. Antigo recinto da Festa do Peão	32
Foto 2. Recinto da Festa do Peão em 1975	32
Foto 3. Busto do Zé do Prado na entrada da Festa do Peão de Cassilândia	33
Foto 4. Camarotes	34
Foto 5. Estátua em homenagem a Cassius Clay Ferreira e aos peões de rodeio	35
Foto 6. Homenagem a Nossa Senhora Aparecida no encerramento da 36 ^a Festa do Peão	36
Foto 7. <i>Ranking</i> dos campeões da Festa do Peão de Boiadeiro de Cassilândia	36
Foto 8. Desfile da 36 ^a Festa do Peão de Boiadeiro de Cassilândia	38
Foto 9. Entrada da 36 ^a Festa do Peão de Boiadeiro de Cassilândia	51
Foto 10. Abertura da 36 ^a Festa do Peão de Boiadeiro de Cassilândia	56
Foto 11. Ofício religioso	58
Foto 12. Rodeio em touro	60
Foto 13. Rodeio em cavalo	63
Foto 14. Cerimônia do adeus no encerramento da Festa do Peão de Cassilândia	65
Figura 1. Características do desenvolvimento local presentes na Festa do Peão	103

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Sexo	80
Gráfico 2. Idade	81
Gráfico 3. Escolaridade	82
Gráfico 4. Local de residência	83
Gráfico 5. Estado civil	85
Gráfico 6. Profissão	86
Gráfico 7. Renda salarial	87
Gráfico 8. Meio de hospedagem dos turistas que participam do evento	89
Gráfico 9. Permanência dos turistas na cidade durante a 36ª Festa do Peão	90
Gráfico 10. Freqüência na festa	91
Gráfico 11. Meio de locomoção para ir ao evento	92
Gráfico 12. Participação em eventos anteriores	93
Gráfico 13 . Infra-estrutura da festa	94
Gráfico 14. Gasto dos entrevistados com o evento	95
Gráfico 15. Importância da Festa do Peão	98
Gráfico 16. Motivos da participação na Festa do Peão de Boiadeiro de Cassilândia	100
Gráfico 17. Sugestões dos entrevistados	101

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Sexo	79
Tabela 2. Idade	80
Tabela 3. Escolaridade	82
Tabela 4. Local de residência	83
Tabela 5. Estado civil	84
Tabela 6. Profissão	85
Tabela 7. Renda salarial	86
Tabela 8. Meio de hospedagem dos turistas que participam do evento	88
Tabela 9. Permanência dos turistas na cidade durante a 36ª Festa do Peão	90
Tabela 10. Freqüência na festa	91
Tabela 11. Meio de locomoção para ir ao evento	92
Tabela 12. Participação em eventos anteriores	93
Tabela 13 . Infra-estrutura da festa	94
Tabela 14. Gasto dos entrevistados com o evento	95
Tabela 15. Valores arrecadados durante a 36ª Festa do Peão de Boiadeiro de Cassilândia	96
Tabela 16. Pagamentos efetuados pela Comissão Organizadora da 36ª Festa do Peão de Boiadeiro de Cassilândia	96
Tabela 17. Importância da Festa do Peão	98
Tabela 18. Motivos da participação na Festa do Peão de Boiadeiro de Cassilândia	99
Tabela 19. Sugestões dos entrevistados.....	101

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 ASPECTOS HISTÓRICOS	17
1.1 O MUNICÍPIO DE CASSILÂNDIA	18
1.2 FESTA DO PEÃO DE BOIADEIRO EM CASSILÂNDIA	28
2 A 36ª FESTA DO PEÃO DE BOIADEIRO DE CASSILÂNDIA: CULTURA, IDENTIDADE E TERRITORIALIDADE NO CONTEXTO DO DESENVOLVIMENTO LOCAL	44
2.1 FESTA:CULTURA E SOCIALIZAÇÃO	44
2.2 ASPECTOS DO DESENVOLVIMENTO LOCAL NA 36ª FESTA DO PEÃO DE BOIADEIRO DE CASSILÂNDIA	49
2.3 O INÍCIO DOS TRABALHOS, O RODEIO E A CERIMÔNIA DO ADEUS	54
2.4 O PAPEL DA FESTA DO PEÃO DE BOIADEIRO DE CASSILÂNDIA NO DESENVOLVIMENTO LOCAL DA COMUNIDADE	65
3 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS COLETADOS	78
3.1 DADOS PESSOAIS DOS ENTREVISTADOS	79
3.1.1 Sexo	79
3.1.2 Idade	80
3.1.3 Escolaridade	82
3.1.4 Local de residência	83
3.1.5 Estado civil	84
3.2 DADOS PROFISSIONAIS DOS ENTREVISTADOS	85
3.2.1 Profissão	85
3.2.2 Renda salarial	86
3.3 QUESTÕES SOBRE A 36ª FESTA DO PEÃO DE BOIADEIRO	88
3.3.1 Meio de hospedagem dos turistas que participam do evento	88
3.3.2 Permanência dos turistas na cidade durante a 36ª Festa do Peão	90
3.3.3 Freqüência na festa	91

3.3.4 Meio de locomoção para ir ao evento	92
3.3.5 Participação em eventos anteriores	93
3.3.6 Infra – estrutura da festa	94
3.3.7 Movimentação financeira do evento	95
3.3.8 Importância da festa do peão	98
3.3.9 Motivos da participação na Festa do Peão de Boiadeiro de Cassilândia .	99
3.3.10 Sugestões dos entrevistados	101
CONSIDERAÇÕES FINAIS	106
REFERÊNCIAS	109
APÊNDICES	114

INTRODUÇÃO

Embora a Festa do Peão tenha surgido durante a segunda metade da década de 1950, mais precisamente no ano de 1956, foi a partir dos anos de 1970 que, como um evento de alcance regional, ela começou a ter a importância que a notabiliza hoje. De acordo com a narrativa de Pimentel (1997), que conta a história do surgimento desta atividade, tudo começou em Barretos, que desde sua fundação tem atividades econômicas relacionadas com a criação de gado, responsáveis pela definição de traços culturais específicos para a região. Pimentel (1997) lembra que existem duas razões que explicam as motivações do surgimento da festa: 1º- homenagear o herói anônimo do sertão, o peão de boiada, o “operário” da pecuária – setor econômico que representa hoje, e muito mais no passado, a principal atividade barretense; 2º- acabar com a imagem de arruaceiros de que gozavam os peões à época, dessa maneira procura-se criar uma competição entre os peões que desviasse a atenção para um outro hábito menos violento.

Assim, surgiu a Festa do Peão de Boiadeiro de Barretos, sua origem e evolução deve-se a existência de um conjunto de circunstâncias que fizeram com que a competição fosse concebida como essa manifestação cultural que toma o sertão e seu personagem principal, o peão de boiada, ou peão de estradão, como portadores de uma tradição específica. Pode-se compreender essa celebração como um evento fundador de todas as demais festas do peão que ocorrem no Brasil, já que ela é pensada por produtores e consumidores como um acontecimento somente a partir do qual a história do rodeio no Brasil pode ser contada. De Barretos, as comemorações espalharam-se inicialmente para outras cidades de médio ou grande porte do Estado de São Paulo, alastrando-se posteriormente em direção aos Estados de Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

Naturalmente, a idéia de organizar-se uma festa que lembrasse o passado da região, bem como a tradição pastoril tanto da montaria quanto da lida com o gado, que valorizasse a cultura do peão de boiadeiro, metaforizada na disputa entre o homem e o animal indômito, chega ao município de Cassilândia. Esse território esteve sempre ligado à tradição pastoril, já que surgiu de um emaranhado de fazendas de gado e até hoje tem como principal atividade econômica a pecuária extensiva. Em tal contexto, assim como em Barretos, a cultura local se apresenta ao mesmo tempo como espaço de manifestação e como um conjunto de imagens que remetem para diversos elementos que se multicondicionam: o peão, o cavalo, o boi, os perigos do cotidiano, os artefatos de couro.

Por esse prisma, entende-se que a Festa do Peão de Boiadeiro de Cassilândia é uma manifestação da territorialidade local, pois assim como asseguram Albagli e Maciel (2004), a territorialidade reflete o vivido territorial em toda sua abrangência e em suas múltiplas dimensões – cultural, política, econômica e social. Ainda referem-se à territorialidade como as relações entre um indivíduo ou grupo social e seu meio de referência, que expressam um sentimento de pertencimento e um modo de agir em dado território. Justifica-se, dessa maneira, o estudo dessa comemoração que reflete a cultura e a identidade desse território, analisando, sobretudo, a importância desses aspectos na ótica do desenvolvimento local.

A condução da pesquisa no espaço delimitado do pequeno município de Cassilândia, justifica-se pela facilidade de acesso às informações e aos informantes por se tratar do município de residência da pesquisadora. O presente estudo analisa a Festa do Peão de Boiadeiro de Cassilândia na construção e consolidação da identidade cultural e no fortalecimento do sentimento de pertença a Cassilândia. Nesse aporte destacam-se os seguintes objetivos específicos:

- Avaliar a importância das potencialidades econômicas para o desenvolvimento da cidade de Cassilândia;
- Identificar o perfil e as motivações dos participantes da 36^a Festa do Peão de Boiadeiro;
- Verificar os fatores de convergência e divergência que existem na comunidade, na época de realização do evento.

Para tanto, teve-se como questões norteadoras a percepção da população sobre a realidade da Festa do Peão de Boiadeiro de Cassilândia como alternativa de desenvolvimento local e a construção efetiva do sentimento de pertença e da identidade local por meio desta atividade. A metodologia utilizada para o desenvolvimento do trabalho e consequente alcance dos objetivos segue a relação constante entre teoria e prática, sem sobreposição em valor, mas construída com uma constante união entre ambos. Assim, a pesquisa segue a abordagem quali-quantitativa, pois envolve aspectos qualitativos e quantitativos, dando, todavia, ênfase aos aspectos qualitativos, utilizando-se para tanto, o método analítico para compreender como os aspectos do objeto da pesquisa se articulam entre si.

Quanto aos objetivos, esta pesquisa é do tipo exploratória, buscou-se obter maiores informações sobre o fato. Segundo Dencker (1998, p. 124), a pesquisa exploratória “caracteriza-se por possuir um planejamento flexível envolvendo, em geral, levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas experientes e análise de exemplos similares.” Em relação à participação do pesquisador é do tipo empírico-analítica, pois em conformidade com o que enfatiza Marques *et alii* (2006, p. 54), “é um tipo de pesquisa em que o pesquisador mantém distância estratégica do objeto de pesquisa, buscando o quanto possível não se envolver subjetivamente com as variáveis intervenientes.”

Quanto à coleta de dados, a pesquisa dividiu-se em dois momentos: pesquisa de campo e revisão bibliográfica. Para a pesquisa de campo utilizou-se a técnica de aplicação de formulários (ver apêndices) entre os participantes da 36^a Festa do Peão de Boiadeiro, e entrevistas estruturadas com o Presidente do Sindicato Rural. A revisão bibliográfica foi feita mediante consulta em livros, revistas, jornais e artigos pertinentes ao tema.

Esta dissertação compõe-se de três capítulos, sendo que a fundamentação teórica está inserida em todos os capítulos para proporcionar um melhor entendimento das relações entre as informações bibliográficas e os fatos apresentados, e ainda, facilitar a análise da consistência das informações e dos dados proporcionados pelos autores. No primeiro capítulo intitulado “Aspectos Históricos”, há um destaque para o município, bem como da Festa do Peão de Boiadeiro de Cassilândia. Esses elementos são de fundamental importância para se compreender a relação existente entre o território e o evento estudado.

O segundo capítulo, “A 36ª Festa do Peão de Boiadeiro de Cassilândia: cultura, identidade e territorialidade no contexto do desenvolvimento local”, aborda todos os fatores que corroboram para o desencadeamento de um processo de desenvolvimento local e que são encontrados na celebração, tais como: cultura, identidade, capital social e solidariedade. Além disso, trata da descrição de toda festa, que é formada por uma seqüência de eventos que começa sempre com uma cerimônia cívica de abertura, por meio da qual os principais responsáveis pela organização fazem uso da palavra para dar boas-vindas a todos os participantes e visitantes. Em seguida tem-se um ato religioso centrado no culto aos padroeiros do rodeio: Nossa Senhora Aparecida e São Sebastião. Somente então, começa propriamente o rodeio, que se repete todos os dias no mesmo horário até o encerramento das festividades. Ocorre, finalmente, o encerramento da festa, que se caracteriza pela entrega dos prêmios e pela queima de fogos, tidos pelos participantes como o ápice de toda a festa.

Por fim, o capítulo 3 intitulado: “Análise e Interpretação dos Dados Coletados” que busca relacionar os dados coletados na pesquisa de campo e todo o referencial teórico apresentado, a fim de contextualizar o resultado final do estudo. Seguem-se, logo após, as considerações finais da pesquisa, as referências bibliográficas utilizadas para o embasamento teórico, dados colhidos na internet e, ainda, apêndices relevantes para a composição final deste trabalho.

1 ASPECTOS HISTÓRICOS

As relações entre os seres humanos constituem a base da comunidade. São essas relações que determinam o comportamento e a vida na comunidade e, posteriormente, na sociedade. O indivíduo se socializa quando participa da vida em comunidade, assimilando suas normas, seus valores e seus costumes. Para entender como se dão essas relações, se faz necessário conhecer os aspectos históricos da comunidade estudada, como se deu a formação de seu território, pois sem conhecer a comunidade em questão, bem como sua realidade se torna difícil visualizar os caminhos a serem seguidos.

O desenvolvimento local procura integrar as potencialidades do território e seus interesses, por isso as manifestações locais são importantes no contexto analisado, daí a necessidade de conhecer a história da principal manifestação da territorialidade de Cassilândia, a Festa do Peão de Boiadeiro. Dessa maneira, entender as relações humanas estabelecidas em uma comunidade, ao longo de sua história, é de fundamental importância para o desenvolvimento local, já que destacar e analisar tais relações possibilita entender os interesses coletivos predominantes em uma comunidade.

Entende-se que, os territórios juntamente com as comunidades podem constituir identidades, isso acontece à medida que as pessoas estão estruturalmente localizadas a partir de suas relações. Martins (2002) reforça a idéia de que o lugar só adquire real sentido se for levada em consideração a abrangência espacial dos problemas, os interesses vividos por aqueles que compõem o cenário, ou seja, a comunidade e, também, os recursos existentes, podendo entender que é território um espaço delimitado onde os indivíduos interferem e criam um sentimento de apropriação desde sua origem.

1.1 O MUNICÍPIO DE CASSILÂNDIA

Cassilândia é um município brasileiro do Estado de Mato Grosso do Sul. Localiza-se a uma latitude 19°06'48" sul e a uma longitude 51°44'03" oeste, estando a uma altitude de 470 metros. Sua população em 2007 é de 20.916 habitantes e possui uma área de 3650 km². Situado na zona leste do Estado, o município de Cassilândia faz limite direto com os municípios de Paranaíba, Chapadão do Sul e Inocência (MS); Itajá e Aporé (GO), tendo os seguintes pontos extremos: localiza-se à margem direita do Rio Aporé, limite interestadual entre Mato Grosso do Sul e Goiás, em uma densa planície, nas encostas da serra do Pulador ou Morangas, circundada pelos ribeirões do Sul e Palmito. Está à 430 km de distância da capital, Campo Grande. (<http://www.ibge.gov.br>, 20/11/2007).

Mapa 1 – Localização de Cassilândia no Estado de Mato Grosso do Sul



Fonte: Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>, acesso em 20/11/2007.

A região estudada fazia parte do que denominava-se Sertão dos Garcias. De acordo com os estudos de Campestrini (2002), o sertão foi ocupado pelos colonizadores em 1828 e, pouco depois, começou a ser reconhecido pelos Garcia Leal, daí o nome Sertão dos Garcia, acompanhados por outras famílias. Chegando a estrada do Piquiri à região, em 1836, e no ano seguinte ao povoado, acelerou-se o desenvolvimento do local, tanto que em 1838 o arraial era elevado a distrito de paz com o nome de Santana do Paranaíba. Em 1857 Santana do Paranaíba era elevada à categoria de vila (município) e em 1894 foi elevada à categoria de

cidade. A partir de então a região foi se dividindo em distritos, quando em 1948 foi criado o distrito de paz de Cassilândia.

Segundo Alvarenga (1986), Cassilândia, apesar de ter surgido como povoado nos anos quarenta, até então, a inesquecível Vila de São José, tem uma história longa que vem desde o princípio do século passado. Na verdade, de 1900 a 1920, aproximadamente, poucas eram as fazendas rudimentares, mal ou bem montadas na região. Os poucos homens, comumente, corajosos e desbravadores, que se interessaram por esta região, na época, terra bruta, iniciaram incontido trabalho roceiro.

Em 1906, chega à então região do rio Correntes, em Goiás, vindos da cidade de Franca, no estado de São Paulo, o espanhol Antonio Paulino, casado com Rita Augusta de Araújo. Na ocasião, o casal tinha dois filhos, Emília e Sebastião (apelidado de Caboclo). Rita estava grávida do terceiro filho Joaquim (Tio Quincas), que nasceu na região onde mais tarde seria o patrimônio de São João, hoje a cidade de Itajá (LEAL, 2001).

No ano seguinte, Antonio Paulino atravessa o rio Aporé, pouco abaixo do salto e, encantado com a beleza do lugar e a quantidade de água existente, resolve iniciar a abertura da fazenda, que mais tarde seria denominada Fazenda Salto. O local escolhido para a sede foi o entroncamento de dois córregos que são afluentes do rio Aporé. Foi a primeira fazenda a ser aberta na região. Antonio Paulino regularizou as terras, junto ao poder público, em Cuiabá e registrou a Fazenda Salto em seu nome (LEAL, 2001).

Os cronistas da época assinalam que, por volta de 1930, nas terras que hoje compõem o município de Cassilândia, já se encontravam instalados diversos fazendeiros, entre os quais Antonio Paulino, Izaias Teixeira Borges e Evangelista Cândido de Oliveira, arrojados pioneiros e que se referiam àquelas paragens como Sertão dos Garcias.

Alguns anos se passaram e novas famílias foram chegando, novos trabalhadores, de enxada e ferramentas na mão, vieram para somar aos mais antigos e cooperar com o desenvolvimento daquela aglomeração de homens de grande determinação, em cujas terras, na maioria devolutas, visavam cultivá-las e vê-las cheias de abundância. No entanto, foi com a chegada de um mineiro de Patrocínio, que caminhou daquele estado a este no dorso de uma mula, em companhia de esposa e filhos, que surgiu a idéia de se transformar aquele

verdadeiro emaranhado de fazendas num povoado. O mineiro desbravador, Joaquim Balduíno de Souza, mais conhecido pela alcunha de Cassinha, a princípio viera única e exclusivamente com o objetivo de conseguir estabilizar-se no local em busca de uma vida melhor para sua família. Corria o ano de 1926, Cassinha se não estava totalmente rico, pelo menos havia melhorado a sua vida e de toda a família, com todo seu trabalho e sua determinação, conquistando a admiração e o respeito de todos os fazendeiros desta região (ALVARENGA, 1986).

De seu imóvel, em 1936, Antonio Paulino escriturou Joaquim Balduino de Souza na área onde hoje é a cidade, cerca de 300 hectares. O comerciante Amim José, procedente do município de José Bonifácio, chegou na região na década de 1940 em busca de novas oportunidades em Mato Grosso. Após hospedar-se em várias casas e sempre trabalhando com vendas, observou na região uma grande quantidade de famílias que ali residiam trabalhando com agricultura e pecuária. Por estarem longe de qualquer centro urbano, ocorreu-lhe a iniciativa da formação de uma vila na região que servisse de apoio para os fazendeiros que dia a dia se deslocavam para a região, o que foi de encontro com as idéias de Joaquim Balduino de Souza (LEAL, 2001).

Cassinha tinha planos progressistas e iniciou a luta para a construção de um povoado para substituir as densas matas, isso nos idos dos anos de 1940, quando o velho “Sertão dos Garcias” estava em alta e a Vila São José em seu início. Grande parte da área territorial de Cassilândia compreendida pertencia à Fazenda Salto, de Joaquim Balduíno de Souza e outros, que por autorização legal de sua família, fizeram-se saber de direito a doação de um terreno para o loteamento e instalação da vila, onde sucessivamente foram construídas casas, entre comerciais e residenciais (ALVARENGA, 1986).

No ano de 1944, Amim José adquiriu uma área de 60 por 40 metros quadrados em uma terra pouco inclinada e que terminava no córrego Palmito. Com a contratação de um ajudante, em poucos dias lhe foi entregue uma casa de pau-rolço de cavaco, na qual passaria a habitar com sua família. Esta casa é reconhecidamente a primeira habitação da cidade. No mesmo ano, surgiu um botequim e uma pensão, dando-se assim início a formação do povoado (LEAL, 2001).

Apesar de críticas baseadas em vilas fracassadas, Amim continuou com o desejo de iniciar uma cidade no local com a limpeza do terreno e criação da primeira rua, batizada de Joaquim Balduíno de Souza. Já se passava um mês de sua instalação no local e, com Cassinha, Amim separou o terreno no qual seria criada a primeira Igreja em homenagem a São José, devido ao sobrenome de Amim, e uma praça. Na mesma data determinaram o local da primeira escola e da casa do padre (LEAL, 2001).

Em 1945, Amim construiu e mudou-se para uma casa de alvenaria. Em consideração ao nome da vila, como já havia sido homenageado na Matriz de São José, Amim decidiu pelo nome de Cassilândia visando honrar o doador das terras Joaquim Balduíno de Souza, o Cassinha. Após delimitação dos quarteirões, as famílias começaram a se assentar no local, provenientes principalmente de Goiás e São Paulo, interessadas em abrir seus empreendimentos comerciais (LEAL, 2001).

O sonhar com a terra, ser “alguém”, criar a família sob a proteção de Deus são para o pioneiro os componentes básicos na constituição da cidadania. Foi em busca dessa auto-afirmação que a cidade foi surgindo e constituindo-se em pólo de decisão local de onde se disseminou o poder que expandiu por toda a sociedade, assumindo as formas mais regionais e concretas, investindo em instituições, tomando corpo e técnicas de dominação. Em suas observações, Bíscaro Neto (1993) aponta que a cidade nada mais era que um pequeno aglomerado de casas, geralmente rústicas, construídas de alvenaria, quando abrigavam famílias mais abastadas ou que se destacavam culturalmente das demais, de resto eram casas de madeira ou pau-a-pique, cobertas de telhas comuns ou de madeira.

Bíscaro Neto (1993) ainda afirma que geralmente os sanitários ficavam no fundo do quintal. O quintal era de uso comum, não havia cercas ou muros que servissem de limite entre um e outro vizinho. A inexistência de limites entre quintais mostra a solidariedade que havia no sertão para poder sobreviver às agruras. Embora cada família possuísse sua casa, o quintal era de uso coletivo, havendo respeito aos limites naturais de cada um. Miquilina da Silva Borges¹, que mudou com a família para a região na década de 1950, explana que até mesmo quando uma árvore frutífera ficava próxima à divisa, os frutos eram compartilhados de maneira igualitária, ou seja, os galhos que ficavam do lado do vizinho lhe asseguravam a posse dos frutos. Para sobreviver o homem precisava de uma organização. A solidariedade era

pressuposto básico dessa organização social, sem a qual a vida era dificultada pelo isolamento.

Em março de 1946, foi instalada a primeira escola da vila na própria casa de Amim José, tendo sido nomeada professora a sua filha, Aidê Amim. Cassilândia se desenvolvia a passos largos, quando Cassinha, que a par de suas atividades agropecuárias, explorava um serviço de balsas para travessia do Rio Aporé, foi barbaramente assassinado por desconhecidos em sua propriedade em 26/08/1946. Coube então a Sebastião Leal, amigo e colaborador de Cassinha, dar continuidade à sua obra (LEAL, 2001).

Muitas das características da sociedade caipira são observadas nesta região. No aporte de Cândido (1979) a sociedade caipira tradicional elaborou técnicas que permitiram estabilizar as relações do grupo com o meio, mediante o conhecimento satisfatório dos recursos naturais e a sua exploração sistemática. Os costumes na área estudada eram rudes, os homens eram irascíveis e valentes, matando-se uns aos outros com freqüência, desconfiando do estranho, mas prontos à hospitalidade desde que não surgissem dúvidas, assim como na sociedade caipira estudada por Antônio Cândido (1979). A organização social caracteriza-se pela unidade de agrupamento, estrutura fundamental da sociabilidade caipira, consistindo no agrupamento de algumas ou muitas famílias, mais ou menos vinculadas pelo sentimento de localidade, pela convivência, pelas práticas de auxílio mútuo e pelas atividades lúdico-religiosas.

Neste tipo de estrutura chamada de bairro, Cândido (1979) aponta dois elementos como integrantes deste conceito de bairro, começando pela base territorial, essencial à sua configuração. As habitações podem estar próximas uma das outras, sugerindo por vezes um esboço de povoado ralo, e podem estar de tal modo afastadas que o observador muitas vezes não discerne, nas casas isoladas que topa a certos intervalos, a unidade que as congrega. Mas além de determinado território, o bairro se caracteriza por um segundo elemento, o sentimento de localidade existente nos seus moradores, muito observado nesta localidade estudada, e cuja formação depende não apenas da posição geográfica, mas também do intercâmbio entre as famílias e as pessoas. A convivência entre eles decorre da proximidade física e da necessidade de cooperação.

¹ Entrevista autorizada concedida à pesquisadora em 25/08/2007.

De acordo com o aumento da densidade demográfica, há, portanto, não só o aparecimento e desenvolvimento de bairros, mas um deslocamento de seus limites e perda de suas funções. Cândido (1979, p.76) assegura que o bairro “é uma estrutura lâbil, capaz de flutuação e, por isso mesmo, ajustada às necessidades do povoamento disperso e da ocupação do território.” Note-se que sob esta estrutura, percebe-se muitas vezes a origem familiar. O bairro, com efeito, podia ser iniciado por determinada família, que ocupava a terra e estabelecia as bases da sua exploração e povoamento. Ao fundamento territorial, juntava-se o vínculo da solidariedade de parentesco, fortalecendo a unidade do bairro e desenvolvendo a sua consciência própria.

Após dois anos foi criado o Distrito de Cassilândia (ex-povoado), por Lei Estadual nº 154, de 12/10/1948, no município de Paranaíba, sendo eleito Juiz de Paz o cidadão Eduardo Pereira da Silva. O Cartório do Registro Civil, instalado em 1949, teve como primeiro titular Hermelinda Barbosa Leal, esposa de Sebastião Leal. Foi elevado à categoria de município com a denominação de Cassilândia, por Lei Estadual nº 368, de 30/06/1954, sendo instalado em 03/08/1954, data de sua emancipação político-administrativa e de seu aniversário (<http://biblioteca.ibge.gov.br>, 30/03/2007).

Para Bourlegat (2000), as primeiras formas de organização social no planeta constituíram de pequenas coletividades, agrupadas em território restrito e isoladas entre si. Orientaram-se no sentido da formação de comunidades, ou seja, buscando maior comunicação com outros seres humanos, por meio de vínculos de estreitamento espontâneo entre os indivíduos, por sentimento de vizinhança. Assim, a ampliação da intimidade pela proximidade foi uma forma do grupo controlar o ambiente de vida. O que vem de encontro à construção do território de Cassilândia que foi mostrado anteriormente.

A análise do território caracteriza-se por uma questão que o reconheça como um espaço contíguo onde afloram as emoções e perpetuam a história vivida em um local. Portanto, é necessário condicioná-lo a referenciais que busquem despertar uma interpretação que o contemple em um contexto histórico, que atribua um sentimento de pertença ao grupo e ao espaço.

Santos (1999, p.51) considera que “[...] a configuração territorial, ou configuração geográfica, tem, pois uma existência material própria, mas sua existência social, isto é, sua existência real, somente lhe é dada pelo fato das relações sociais”.

Sob essa óptica, Santos e Silveira (2001) consideram que o território se afigura como um espaço indissociável das relações entre pessoas e pessoas, pessoas e ambiente vivido, no qual uma procura por sua explicação, devendo-se considerar a interdependência entre natureza e ação humana, uma vez que revela ações passadas e presentes, configurando-lhe um sentido de pré-existência.

Nessa perspectiva, o território aparece como um tecido social carregado de história, no qual as heranças e vínculos culturais têm papel importante para construir condições que viabilizem a implementação de variáveis para sua transformação, tendo em vista que as ações humanas são passíveis de modificações ao longo de sua trajetória histórica.

Conforme afirma Machado (2005, p.07):

[...] analisar o território significa entendê-lo como um produto da história da sociedade, e que, portanto, está em constante modificação. Ele é o resultado de um processo de apropriação de um grupo social e do quadro de funcionamento da sociedade, assim, ao mesmo tempo, uma dimensão material e cultural dadas historicamente. A noção de território pode ser utilizada sem problemas, em todas as escalas de análise.

Na concepção de Tuan (1980), a análise do território conduz a uma reflexão sobre a sua constituição para o ser humano, quando ele constrói como um lugar carregado de emoções e racionalidade, ao qual embute sentido e abstração do conhecimento advindo de seu meio físico e sócio-cultural. Assim, o ser humano é capaz de conceber o seu território como um espaço que alude a uma grande carga emocional, atribuindo-lhe um sentido de pertença e apropriação na criação de sua identidade local.

Portanto, considera-se que o grupo social constrói sua própria dinâmica de adoção ao espaço a partir de uma identidade cultural fundamentada nas relações que mantêm com o meio, ou seja, é capaz de delimitar configurações que atribuem sentimentos vitais e simbólicos à sua existência em determinado território. Haesbaert (1995) aponta que o território possui duas fases, sendo um espaço dominado ou apropriado de forma política e apropriado de maneira simbólica, onde as relações sociais produzem ou fortalecem uma

identidade utilizando-se do espaço como referência. Nesse sentido, essa dupla dimensão deve ser analisada de acordo com a intensidade com que se apresentam.

Essa estruturação dá forma ao território, regula as relações entre o grupo social e o meio ambiente onde ele se desenvolve, estabelecendo vínculos mais permanentes entre o mesmo e a terra. Salienta-se, portanto, que o elemento de base para a relação comunidade-natureza é a questão do território, que não depende apenas das características geofísicas existentes, mas também das relações sociais presentes que permitem uma representação identitária e sócio-cultural que conduza à reprodução de um espaço em que manifeste suas ações.

Por outro lado, Arocena (2001) procura relacionar que o grupo desenvolve suas atividades em espaços físicos bem delimitados, que por sua vez, carregam características significativas para o grupo que o habita por manter uma descrição das gerações passadas. Isto é, o contexto histórico da comunidade permite compreender o território como um espaço territorialmente formado pelos efeitos das transformações causadas pela sua ocupação e que propicia um sentimento de pertença ao grupo em relação ao território.

Souza (1995, p. 78-96) sustenta que:

O território é fundamentalmente um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder [...] o poder corresponde à habilidade humana de não apenas agir, mas de agir em uníssono, em comum acordo. O poder jamais é propriedade de um indivíduo; pertence ele a um grupo e existe apenas enquanto o grupo se mantiver unido [...]. Assim como o poder é onipresente nas relações sociais, o território está, outrossim, presente em toda a espacialidade [...] territórios são construídos (e desconstruídos) dentro de escalas temporais as mais diferentes: séculos, décadas, anos, meses ou dias.

Hoje a idéia de território está ligada ao seu uso, sua construção, por instituições e grupos sociais que ao longo dos tempos, definiram novas formas, compreendendo dinâmicas de apropriação efetiva e afetiva. O poder está relacionado à construção e ao uso do território. Michel Foucault *apud* Lacerda Júnior (2004) ressalta que o poder está em todas as relações sociais pois todas as relações são relações de poder e está presente em todos os lugares.

Lacerda Júnior (2004) ainda declara que Foucault e Raffestin concordam que o poder se manifesta pela ocasião da relação e diz que o que difere é que Raffestin não encontra nenhuma possibilidade de distinguir poder, seja de ordem política, econômica ou cultural. Já

Foucault acredita que não há no princípio das relações de poder oposição binária e global entre os dominadores e dominados. Os autores relacionam poder ao domínio estabelecido por meio das relações dos indivíduos. Porém, para esses autores, o poder não é algo nas mãos de alguém, ele é exercido pelos seres humanos e é produzido nas relações entre os mesmos.

Sobre a definição de território Raffestin (1993, p. 143) afirma que “o território se forma a partir do espaço, é resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível”. Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente, o ator “territorializa” o espaço. “O território, nessa perspectiva, é um espaço onde se projetou um trabalho, seja energia e informação, e que, por consequência, revela relações marcadas pelo poder” (Idem, p. 143-144).

Por isso, percebe-se que território projeta trabalho, energia e informação, onde manifesta-se as relações de poder no território. Os atores que obtêm posse e administram o território exercem o poder sobre o território. Partindo dessas idéias, pode-se identificar territórios toda vez que uma coletividade humana se apropria de um lugar e ali passa a estabelecer relações de posse e domínio. Essa concepção leva em conta que um território é apropriação e estabelecimento de relações de poder em seu interior.

Atualmente a estrutura social existente no território estudado está dividida em três grupos: a classe política, os comerciantes e proprietários de terra e os trabalhadores assalariados. Esta hierarquia é bem aparente quando observa-se a relação existente entre os grupos, onde é nítida a posição de cada um. A classe política que administra o território exerce o poder sobre o território, bem como os comerciantes e proprietários de terra que financiam este poder. Já os trabalhadores assalariados são responsáveis pelo estabelecimento de relações de poder no interior do território e que realmente representam a identidade local. Esta hierarquia é replicada na Festa do Peão de Boiadeiro do local, conforme será mostrado no capítulo 3, já que quem participa do evento é este grupo, que se prepara durante todo o ano para este grande acontecimento e vai à cerimônia festiva porque gosta e se identifica com ela e não apenas para se projetar socialmente.

Os territórios são relações de poder que se materializam no espaço social. É a materialidade do território que também influencia a organização deste. É nesse momento que Santos (1996, p. 52), quando define espaço como sistema de objetos e de ação, aproxima-se

dessa idéia, ao afirmar que “o sistema de objetos e o sistema de ações interagem. De um lado, os sistemas de objetos condicionam a forma como se dão as ações e, de outro lado, o sistema de ações leva a criação de objetos ou se realiza sobre objetos preexistentes”.

Pode-se afirmar que o território é composto por três elementos chaves: sociedade/espaço/tempo. Em sua concepção, a análise territorial deve ser compreendida a partir do ser humano em seu contexto sócio-histórico e temporal, uma vez que sua relação com o espaço corresponda a sua apropriação, estabelecendo consequentemente um sentido e valor atribuído a sua identidade e capacidade que tem de manifestar racionalmente sua perspectiva cultural.

Novamente Souza (1995) acrescenta que, na Geografia Política, o território aparece como espaço concreto em si, com suas características naturais ou sociais construídas, sendo sustentado e apropriado por um grupo social e, ainda, sendo visto como algo criador de raízes e de identidade própria.

Isso se explica pelo fato de que o ser humano, enquanto ser social e portador de subjetividade, reproduz de forma sistêmica a identificação do espaço tendendo a personalizá-lo como seu, como sua história, a fim de manter sua memória e fortalecendo o sentimento de pertença e reconhecimento do território como espaço vital para sua sobrevivência e manutenção.

O território é, portanto, o espaço das relações sociais que se conectam em harmonia para a apropriação por grupos sócio-culturais que refletem uma identidade comum, sentido de pertencer ao grupo e ao espaço em que estão inseridos e apropriação do território, que conduz à territorialidade. Para tanto, Benjamin de Lacerda Júnior (2004, p.251-252), ressalta que:

A apropriação, por outro lado, pode assumir uma dimensão afetiva, derivada das práticas espacializadas por parte de grupos distintos definidos segundo renda, raça, religião, idade ou outros atributos. Nesse sentido o conceito de território vincula-se a uma geografia que privilegia os sentimentos e simbolismo atribuídos aos lugares. Os dois significados podem, contudo, combinar-se definindo territórios plenamente apropriados, de direito, de fato e afetivamente. Território constitui-se, em realidade, em um conceito subordinado a um outro mais abrangente, o espaço, isto é, à organização espacial. O território é o espaço revestido de dimensão política, afetiva ou ambas. A territorialidade, por sua vez, refere-se ao conjunto de práticas e

suas expressões materiais e simbólicas capazes de garantirem a apropriação e permanência de um território por um determinado agente social, o Estado, os diferentes grupos sociais e as empresas.

Santos (1978) afirma que a territorialidade refere-se às relações entre um indivíduo ou grupo social e o seu meio de referência, manifestando-se nas várias escalas geográficas como uma localidade, uma região ou um país e, dessa maneira, expressando um sentimento de pertencimento e um modo de agir no âmbito de um dado território. Percebe-se assim que, a territorialidade supõe o vivido territorial, em toda sua abrangência e em suas múltiplas dimensões cultural, política, econômica e social. Como atributo humano, ela é primariamente condicionada por normas sociais e por valores culturais, que variam de sociedade para sociedade.

Entendendo territorialidade como o conjunto de práticas desenvolvida por instituições ou grupos, no sentido de controlar um território, pode-se destacar que a festa do peão de boiadeiro de Cassilândia é uma manifestação da territorialidade deste local, por se tratar de um evento cultural que retrata sua história, a fim de manter sua memória e fortalecer o sentimento de pertença e reconhecimento do território.

1.2 FESTA DO PEÃO DE BOIADEIRO EM CASSILÂNDIA

Na mesma época que Cassilândia se configura como município, o rodeio esportivo surge como evento no Brasil. Inspirado no trabalho de manejo do gado em fazendas, o rodeio foi concebido inicialmente como um desafio entre os peões, o passatempo nos momentos de folga transformou-se em festas do peão caindo logo no gosto popular porque retratavam o dia-a-dia das fazendas. As primeiras festas do peão acontecem em Barretos, no ano de 1955, sendo que a consagração destes eventos típicos com montarias em cavalos e touros acontece nos anos de 1960 e 1970.

É nesta época que surge a Festa do Peão de Boiadeiro de Cassilândia, seguindo o exemplo de Barretos, realizada anualmente no recinto do Sindicato Rural, construído especialmente com esta finalidade. Além do espetáculo proporcionado pelos peões durante as provas do rodeio, são realizados ainda, grandes *shows* com artistas renomados, exposições e leilões de gado, baile, dentre outras atividades sociais.

Pode-se compreender a festa de Barretos como um evento fundador de todas as demais festas do peão que ocorrem no Brasil. Como um espetáculo, a Festa do Peão de Barretos se destaca no cenário nacional e procura se apresentar pública e ostensivamente conforme os números que comprovam sua grandiosidade e a transformam em um exemplo a ser seguido por todos os eventos deste gênero no país. De acordo com a Assessoria de Imprensa de “Os Independentes”, grupo responsável pela organização desta cerimônia, a 52^a edição da Festa de Peão de Boiadeiro de Barretos, que aconteceu de 16 a 26 de agosto de 2007, mostrou mais uma vez a força de uma indústria que movimenta cerca de R\$ 50 milhões na macro-região de Barretos. Mas não é somente a movimentação financeira do evento que impressiona: do carrinho de picolé estacionado na entrada do Parque do Peão, ao estacionamento oficial do Parque do Peão, o evento registrou números grandiosos.

Na Feira Comercial os expositores saíram satisfeitos com a comercialização dos seus produtos. Foram disponibilizados 3.000 metros quadrados, ocupados por 146 expositores, que levaram para o Parque uma equipe de 1,9 mil pessoas para trabalhar na logística e operacionalização do espaço. Somando os profissionais credenciados de todos os setores do Parque, foram cerca de 15 mil pessoas prestando serviços. Para atender a esse público, apenas no Refeitório Central do Parque do Peão foram servidas aproximadamente 55 mil refeições no período da Festa. A grandiosidade continua. Entre as apresentações artísticas, distribuídas em três grandes palcos e casas de shows, mais de 80 cantores, duplas e bandas mostraram os seus talentos nesta edição do evento (ASSESSORIA DE IMPRENSA DE “OS INDEPENDENTES”).

Conferindo de perto tudo isso, o público: a 52^a Festa do Peão recebeu mais de 800 mil visitas em 11 dias. Nos estacionamentos oficiais, aproximadamente 45 mil carros e mais de 900 ônibus e 300 vans de turismo foram acomodados. E em uma festa tão importante, a maioria dos visitantes não quer voltar para casa sem uma lembrança ou *souvenir*. Só em camisetas oficiais com a marca “Os Independentes”, por exemplo, foram confeccionadas 40 mil peças e, mais de 80% delas vendidas até o penúltimo dia do evento. No *camping*, espaço para aqueles que optam por “morar” no Parque do Peão, 1,5 mil pessoas montaram suas barracas no *camping* dos casados. No *camping* dos solteiros, o número dobra: 3 mil pessoas ficaram hospedadas (ASSESSORIA DE IMPRENSA DE “OS INDEPENDENTES”).

O Estádio de Rodeios, o "coração" da festa, foi palco das montarias e participações de mais de 800 competidores, que se inscreveram em busca de prêmios atrativos, que, somados, passaram de meio milhão de reais. Na arena, mais de 1,5 mil animais protagonizaram um verdadeiro *show* de feras. O local acomoda nada menos de 35 mil pessoas sentadas nas arquibancadas por dia. O Rancho do Peãozinho, parque temático com mais de 35 mil metros quadrados de área útil dentro do Parque do Peão, recebeu aproximadamente 75 mil visitas durante os dez dias de atividades. No local os pequenos foram protagonistas e puderam se divertir e aprender com total segurança e conforto. Para se ter uma visão panorâmica de tudo isso, só mesmo sobrevoando a área. Como o tráfego aéreo é intenso, o Parque do Peão foi equipado com dois heliportos homologados pelo DAC (Departamento de Aviação Civil), que abrigaram pelo menos 700 pouso e decolagens de helicópteros utilizados para vôos panorâmicos e fotos aéreas, sendo que a aeronave mais utilizada, a "Robson 44", consumiu 1,5 mil litros de combustível durante a festa (ASSESSORIA DE IMPRENSA DE "OS INDEPENDENTES").

Nesse contexto, tendo como modelo a Festa do Peão de Barretos, nasce esta comemoração em Cassilândia, em agosto de 1968, como iniciativa de alguns amigos que, vendo a expansão deste tipo de evento no país, resolvem organizar uma festa do gênero para celebrar o aniversário da cidade e, concomitantemente, homenagear as raízes populares da região, valorizando-as. Desde sua primeira edição, os rodeios provocam fortes emoções em todas as camadas sociais, do fazendeiro ao peão. Isso porque as pessoas vêem nos rodeios alguma coisa que diz muito de sua maneira de ser e viver, identificando-se plenamente com a vigorosa luta entre o homem e o animal, prática cotidiana dos peões nas fazendas da região.

De acordo com José Ancelmo de Oliveira², popularmente conhecido como Gás, cassilandense apaixonado pela Festa do Peão de Boiadeiro e pesquisador da história desta celebração, este primeiro evento foi realizado no centro da cidade, no antigo salão do Máximo, entre as ruas Sebastião Leal e Wladislau Garcia Gomes. Fruto de uma conversa de amigos na Casa de Carnes Moderna, onde entre eles estavam os proprietários do empreendimento Valter Aristides de Andrade e Paulo Machado, e os amigos Ademálio Rodrigues de Almeida, Geraldo Simonini, Waldir Alves Gonçalves (Liquinho), Toninho Brandão e Laudemiro Gonçalves (Xixo Cadete), a idéia da realização desta atividade festiva

² Dados colhidos via entrevista autorizada em 20 de julho de 2006.

surgiu pois, nesta época este tipo de evento estava se expandindo e consagrando no Brasil. Por não ter recinto próprio foi tudo organizado na base do improviso (informação oral).

A arena foi construída por Valter José de Souza, os cartazes e ingressos foram confeccionados na cidade de Jales, pois na cidade não existia gráfica. O recinto da festa foi cercado por um tecido que veio de São José do Rio Preto que media aproximadamente 2,50 m de altura por 400 m de comprimento. A energia elétrica foi gerada por um gerador adaptado em uma máquina de esteira, o caminhão tanque que foi utilizado para molhar a terra e diminuir a poeira veio de Aparecida do Taboado/MS. Também foi construído um rancho para abrigar os peões de outras cidades e a alimentação dos peões era por conta dos organizadores. As montarias eram somente em cavalos e o principal tropeiro era Jorge Santos (informação oral).³

Foram quatro dias de festa, sendo que as montarias realizavam-se no período da tarde e à noite funcionavam as barracas de alimentação e de baile, pois a energia gerada não era suficiente para abastecer tudo ao mesmo tempo. Dessa maneira, eram cobrados dois ingressos, um durante a tarde e um à noite. Não existiam arquibancadas para o público e as premiações eram pagas em dinheiro (informação oral).⁴

No ano seguinte, mudou-se apenas o local e a Festa do Peão foi realizada no Cassilândia Tênis Clube (CTC). Em 1970 a festa passou a ser organizada pelo Sindicato Rural de Cassilândia que adquiriu um recinto próprio para a realização do evento na saída para o município de Paranaíba. A partir desta data, a organização do evento passou a ser levada mais a sério, pois com infra-estrutura própria o recinto já possuía uma arena para a realização das montarias, palco de *shows*, onde recebia os melhores cantores da época, alojamento para os peões, porém já não era mais fornecida alimentação para os mesmos, e área para o comércio de alimentos e bebidas, entretenimento e parque de diversão. Na noite anterior ao aniversário da cidade era realizado o Baile do *Cowboy*, e na noite do aniversário (03 de agosto) era realizado o Baile de Aniversário da Cidade, ambos no CTC (informação oral).⁵

Estes dois eventos sociais eram uma atração à parte da Festa organizada pela diretoria do CTC. O Baile do *Cowboy* era destinado ao público mais jovem e solteiros que

³ Id.

⁴ Id.

usavam calças *jeans*, camisas, botas e chapéus, vestimenta característica dos peões, para se divertirem ao som de músicas sertanejas, caipiras e *country* até o amanhecer do dia. Já o Baile de Aniversário da Cidade era destinado aos casais da sociedade cassilandense que se vestiam elegantemente para celebrar esta data.

Foto 1 - Antigo recinto da Festa do Peão



Fonte: Disponível em: www.cassilandia.news.com.br, acesso em 12/09/2006.

Em 1971 foi montada a arquibancada para o público assistir às montarias, e assim mesmo, improvisada. Como a arena foi construída num buraco, o barranco deste buraco foi coberto com palha de arroz e serviu para o público sentar e assistir ao rodeio. Nos anos de 1984 e 1985, além dos rodeios em cavalo, havia as competições do rodeio amador em touros. E no ano seguinte inicia-se o rodeio profissional em touros, maior atrativo da festa até os dias de hoje (informação oral).⁶

Foto 2 - Recinto da Festa do Peão em 1975



Fonte: Disponível em: www.cassilandia.news.com.br, acesso em 12/09/2006.

⁵ Id.

⁶ Id.

Em 1987 o Sindicato Rural comprou um terreno maior e inaugurou o novo recinto da Festa de Peão de Boiadeiro, na saída para o município de Chapadão do Sul/MS. É neste local onde até hoje é realizado o evento, com arquibancada com capacidade para 6.250 pessoas sentadas, e a área total do recinto com capacidade para 10.000 pessoas. A comemoração passou a ter 5 dias de programação, iniciando-se sempre na quarta-feira e terminando no domingo. O ano de 1991 foi marcado pela última locução do Zé do Prado, locutor oficial do rodeio de Cassilândia desde 1970, e considerado o melhor locutor de rodeios do Brasil.

Foto 3 - Busto do Zé do Prado na entrada da Festa do Peão de Cassilândia



Foto: Dalmo Cúrcio, julho,2006.

Com o crescimento do evento, nos anos de 1996 e 1997, a festa do peão de Cassilândia foi realizada durante 10 dias, nos moldes da Festa de Barretos e todos os eventos passam a acontecer dentro do recinto, acabando o Baile do *Cowboy* e o Baile de Aniversário da Cidade. Porém em 1998, devido às dificuldades financeiras, a festa voltou a ser realizada em cinco dias.

Com o passar dos anos os promotores deste evento vêm se comprometendo em melhorar a estrutura do recinto, e em 2004 o recinto já contava com um palco de *shows* com camarim, sala de espera e banheiros, a entrada da festa era toda informatizada com catracas eletrônicas, na arena foram construídos 19 camarotes com capacidade para acomodar 152 pessoas, que mostra claramente a hierarquia da organização social local, além de um restaurante com capacidade para oferecer 200 refeições por dia, que é terceirizado e as

refeições comercializadas. Os camarotes ocupam menos da metade lateral esquerda da arena do rodeio de Cassilândia, mas se fisicamente eles se resumem à configuração de um pequeno espaço, socialmente a sua ocupação permite o gozo de alguns privilégios que os espectadores das arquibancadas não detêm. Entre esses, podem ser citados o uso de um serviço de *buffet* privativo, a cobertura que protege os espectadores e, principalmente, o livre acesso ao pavimento que fica acima dos bretes, onde as montarias podem ser vistas mais de perto. No entanto esta privacidade, a “mordomia” e as concessões têm um preço que só os representantes da classe política e dos comerciantes e proprietários de terra podem pagar, replicando nitidamente a hierarquia social.

Foto 4 - Camarotes da arena de rodeio



Foto: Maria Carolina Simões, julho 2007.

Nesta data também é realizada a 1º exposição de gado Nelore, onde foram montados dois circos e dois barracões de estrutura metálica com capacidade para 60 animais. Neste ano a Festa de Peão de Boiadeiro de Cassilândia foi considerada a 5ª melhor festa do gênero pela TV Record, que se baseou numa série de reportagens sobre as curiosidades, o peão brasileiro e o mundo do rodeio e leva em consideração a premiação, a organização, nível das tropas e peões participantes do evento. A festa é patrocinada por empresas do município ou que tem negócios na cidade, o poder público municipal vêm investindo cada vez mais no evento, conforme as palavras de Eltes de Castro⁷, que está envolvido diretamente com a organização da Festa do Peão de Cassilândia há 22 anos e é o atual presidente do Sindicato Rural, “ os nossos patrocinadores são bem diversificados indo desde aquele que patrocina o 10º prêmio no valor de R\$ 500,00, até aquele que doa um carro 0KM. Este ano de 2007, os

⁷ Dados colhidos via entrevista autorizada em 23/10/2007.

que mais se destacaram foram a Prefeitura Municipal, Cervejaria Cristal de Cassilândia e Frigorífico Tatuíbi, em valores financeiros” (informação oral).

No ano de 2006, a diretoria do Sindicato Rural tomou algumas iniciativas para homenagear aqueles que marcaram a história da Festa do Peão, desse modo construiu uma estátua em homenagem a Cassius Clay Ferreira da Silva, o peão mais importante do município, representando todos os peões de rodeio, e colocou na entrada da cidade em frente do recinto onde é realizada a Festa do Peão de Boiadeiro de Cassilândia. Além disso, fez um *ranking* com o nome de todos os campeões do rodeio em touro e cavalo, desde o primeiro evento. Também homenageou o maior locutor de rodeios do Brasil, Zé do Prado, com a colocação de seu busto na entrada do recinto da festa.

Foto 5 - Estátua em homenagem a Cassius Clay Ferreira e aos peões de rodeio



Foto: Maria Carolina Simões, julho 2007.

O encerramento do evento é marcado por uma grande queima de fogos de artifício onde são homenageadas as pessoas que faleceram durante o ano e que marcaram a história de Cassilândia, além de ser um momento de fé e religiosidade onde todos cultuam a imagem de Nossa Senhora Aparecida, a padroeira dos peões.

Foto 6 - Homenagem a Nossa Senhora Aparecida no encerramento da 36ª Festa do Peão em 2006



Fonte: Dalmo Cúrcio. Disponível em:
www.cassilandia.news.com.br, acesso em 25/06/07.

Foto 7 - *Ranking* dos campeões da Festa do Peão de Boiadeiro de Cassilândia



Foto: Dalmo Cúrcio, julho, 2006.

Há ainda uma série de *shows* realizados por artistas e cantores de música sertaneja. E como em qualquer festa brasileira que se preze não pode faltar um desfile, no domingo de manhã, último dia do evento, acontece o desfile de tropas, que mostra o carro de boi, o trole, toda a tradição tropeira e homenageia os peões, sua trajetória e sua importância para a cidade, além de comemorar o aniversário da cidade. Iniciou-se no ano de 1963, organizado por José Francisco de Almeida (Quité) e limitava-se a algumas dezenas de tropas, carroças e carros-de-boi. Nos anos de 1980 junta-se à organização do desfile o empresário Francisco Serrano Farinha (Chico Português). Esta comemoração, assim como a Festa do

Peão de Cassilândia, a cada ano de sua realização vem tomando proporções maiores e hoje é considerado o maior desfile de tropas do Bolsão Sul-Matogrossense (REVISTA TEMPOS NOVOS, 2000).

É organizado pelo Sindicato Rural de Cassilândia, Prefeitura Municipal e a comunidade em geral. Conta com a participação de tropas de bom padrão racial com boas arreatas de bois, carroças, muares, carros-de-boi, caminhões com churrasco e cerveja, comitivas, não só da cidade, mas também de São José do Rio Preto, Votuporanga, Fernandópolis, Jales, Santa Fé do Sul, Costa Rica, Alcinópolis, Itajá, Aporé, Caçu e Itarumã. O desfile tem em média 5 quilômetros, saindo do recinto da festa do peão e terminando na Praça São José com um grande churrasco, no qual tudo é doado pela comunidade. Além disso conta com a participação de mais de mil cavalos, 1500 bois e dezenas de caminhões com churrasco e cerveja para animar o público presente. É realizado na parte da manhã, prosseguindo o dia inteiro com a festa na Praça São José (REVISTA TEMPOS NOVOS, 2000).

O churrasco comunitário é o ponto alto do desfile onde tudo é distribuído gratuitamente a todos aqueles que estão presentes na cerimônia. Este ritual é organizado por uma comissão de pessoas da comunidade, diferente da comissão organizadora da Festa do Peão, envolvendo representantes de todas as classes sociais do município. Esta comissão é responsável pela arrecadação da carne, dos refrigerantes, pães e tudo mais que for ser utilizado na preparação do grande churrasco. Além disso, também é responsável pela organização estrutural do evento, como montar as churrasqueiras que ficam na rua, escalar as pessoas responsáveis pela preparação e distribuição dos alimentos e bebidas para que o tumulto seja o menor possível. Todas as atividades são desenvolvidas por voluntários.

Foto 8 - Desfile da 36ª Festa do Peão de Boiadeiro de Cassilândia



Foto: Dalmo Cúrcio, julho,2006.

A partir de 1970, quando a Festa do Peão de Boiadeiro de Cassilândia passa a ser organizada pelo Sindicato Rural, observa-se a preocupação de seus organizadores em aperfeiçoá-la a cada ano, já que é a maior e mais importante comemoração da cidade. Diante desta perspectiva, é perfeitamente aceitável a idéia de que esta seja uma manifestação da territorialidade deste local, por se tratar de um evento cultural que retrata sua história, a fim de manter sua memória e fortalecer o sentimento de pertença e reconhecimento do território.

Acompanhando as idéias propostas por Souza (1995, p. 99), pode-se dizer que territorialidade “é aquilo que faz qualquer território um território [...], relações de poder espacialmente delimitadas e operando sobre um substrato referencial [...], é um certo tipo de interação entre o homem e espaço”. Portanto, é a forma como se processa a relação de poder, situação em que acontece a ação, sendo que tais manifestações podem ocorrer de forma material ou imaterial. A territorialidade é como o território se expressa, o modo de ser, o cotidiano vivido, a cultura vivida, é marca simbólica, usos e costumes.

Para fundamentar essa discussão, Corrêa (2005) destaca as questões introduzidas por Claval (1999) e Bonnemaison (2002) sobre a importância das festas para determinadas sociedades, justificando, dessa forma, organizações espaciais específicas, verdadeiros geossímbolos, que marcam no espaço o tempo festivo do corpo social. Ainda nesse sentido, das marcas no espaço do tempo de festa na sociedade, Corrêa (2005) evidencia os estudos de Di Méo (1991), que ao trabalhar a associação entre a dimensão geográfica da festa e sua

função social, aponta para o processo de territorialização desse fenômeno social, sob a ótica dos signos espaciais articulados com a função de regulador da festa na sociedade. Assim, os signos são apresentados como marcas que delimitam o espaço como festivo, e o sentido é legado à festa por meio do exercício de seu papel político, de sua carga ideológica (calcada, principalmente, pelo sagrado e por valores culturais) e do valor de trocas simbólicas e econômicas.

Sendo assim, a cerimônia festiva, diante dessa perspectiva geográfica, permite descobrir signos espaciais que, ao assumirem a condição de geossímbolos, estabelecem um vínculo a partir de uma identidade existente entre o grupo social que festeja e o espaço. Essa identidade é construída sob a perspectiva de atribuir valores políticos, ideológicos e afetivos ao espaço da festa, condição básica para a territorialização desta. Nesse sentido, Corrêa (2005, p. 149) assevera que “a essência da celebração passa a ser definida como uma luta pelo poder, significada pela (e na) conceituação de seu espaço delimitado por fronteiras que, dessa forma, semiografam seu território”. De acordo com a presente proposta de análise, o ato de festejar enseja a constituição de territorialidades que delineiam o território.

Para Eltes de Castro⁸(2007), “a Festa do Peão de Cassilândia é por tradição uma paixão popular já inserida na cultura popular do cassilandense e representa para o município, guardando as devidas proporções, o que o carnaval representa para o Rio de Janeiro.” Em relação a especificidade da cerimônia o presidente afirma que em primeiro lugar diz respeito à maneira de organizar o evento, pois:

“... a comissão organizadora além de se preocupar em profissionalizar a organização, acompanhando e buscando novas atrações e tecnologias que transformam a festa em um grande espetáculo, assim como Barretos, também conserva aquele jeitinho “amador” de festa do interior que mostra as raízes e tradição popular, procurando sempre agradar a comunidade. Você pode perceber isso quando vai no Bar do Turco e vê as pessoas comentando, discutindo e analisando as montarias da noite passada. Isso não acontece nem em Barretos, nem em Jaguariúna.”

Outro aspecto que identifica a Festa do Peão de Cassilândia segundo Eltes de Castro é a premiação do evento. Ele é enfático quando assegura que “Cassilândia é uma das únicas festas de peão do Brasil que ainda dão carro 0 km como prêmio, e aqui nós damos dois carros, um para montaria em touro e outro para montaria em cavalo. Esse ano só Barretos,

além de Cassilândia, deu carro 0 km na premiação. Se o Sindicato não consegue o patrocínio para este prêmio, a gente banca, como aconteceu na festa do ano passado, porque esta premiação é a marca da Festa de Cassilândia.”

Diante desse contexto, da festa como território que se constitui por meio das práticas culturais inseridas em uma multiplicidade de relações de diversas naturezas (religiosa, econômica, artística, lúdica, política, etc.), faz-se necessário para melhor refletir sobre o ato de festejar, agregar uma tipologia das festas como orientação para a análise objetivando distingui-las do puro espetáculo. Para tanto, os critérios de tempo e participação emergem como fundamentos que sedimentam a definição do ato de festejar.

Por esse viés, Corrêa (2005) encontra em Duvignaud (1983) um dos caminhos pelos quais a classificação de festa pode ser trabalhada. Com arrimo nos conceitos propostos pode-se classificar a Festa do Peão de Boiadeiro de Cassilândia, como festa de representação, já que apresenta a divisão entre atores e espectadores. Os atores são os que participam diretamente da organização da festa, os espectadores são os que participam indiretamente. Porém, estes últimos atribuem uma significação à comemoração e, por conseguinte, também são afetados pelo ato de festejar. Entretanto, vale destacar que tanto atores como espectadores, mesmo sendo estabelecida uma fronteira, são conscientes da regra do jogo, ou seja, dos ritos, das cerimônias e dos signos. O que gera a distinção entre essas duas condições, no entanto, é a perspectiva pela qual atores e espectadores percebem o acontecimento, que é orientado de acordo com o papel atribuído a cada um.

Nesse sentido pode-se enfatizar que a comissão organizadora, os peões, os tropeiros, os locutores, os salva-vidas e os cantores são os atores da festa, pois fazem parte diretamente da organização do evento e percebem a cerimônia como uma atividade representativa e muito importante no cenário nacional das festas de peão. Já os cassilandenses são os espectadores, pois conforme o próprio presidente do Sindicato Rural de Cassilândia afirma “a comunidade é para a Festa do Peão o termômetro de avaliação, embora não participem efetivamente da organização, sua opinião é muito importante pois fazemos a festa para a população. Quanto mais pessoas visitam os dias de festa, mais se caracteriza a melhoria na organização do evento” (informação oral).⁹

⁸ Dados colhidos via entrevista autorizada em 23/10/2007.

⁹ Id.

Ao se optar por estabelecer o estudo a respeito da Festa do Peão de Boiadeiro sob a ótica da festa de representação, privilegia-se a questão do ato de festejar sob uma leitura do papel do evento como uma alternativa de desenvolvimento local. Ao se organizarem para realização da celebração, atores e espectadores promovem o congraçamento entre os homens e produzem um arranjo espacial do ambiente da festa em que o sentido de poder se articula com a ação de geossimbolizar, tendo em vista que o espaço cultural é um espaço geossimbólico marcado pela afetividade e por significações, portanto, territorializado. É um território que se assume como uma marca do sentido da atividade festiva: identidade, cultura, solidariedade, cooperação e festejo.

Desde a primeira edição da Festa do Peão de Cassilândia, a população, de maneira geral, está ligada à realização do evento, mesmo que não seja a responsável direta por sua organização. As pessoas esperam e se preparam o ano todo para esse acontecimento que é muito importante para a cidade e para a vida de seus habitantes. Em 2006 o público presente nos cinco dias do evento foi de aproximadamente 30.000 pessoas, entre pagantes e não pagantes, de acordo com as informações do Sindicato Rural, e conforme a fala de Ana Paula Dias¹⁰, secretária do Sindicato Rural de Cassilândia há aproximadamente 10 anos, “sem dúvida nenhuma a comunidade é peça essencial para a realização da festa, pois é a comunidade que movimenta, que dá renda durante as festividades e participa com sua presença nos *shows*, no rodeio, etc” (informação oral). Além disso, a opinião da comunidade é levada em consideração na hora da contratação dos tropeiros, da boiada, dos cantores e dos outros atrativos.

À medida que os dias desta celebração se aproximam, as pessoas ficam mais alegres, emocionadas, produtivas, orgulhosas de pertencerem à Cassilândia e a cidade fica mais movimentada. Conforme assegura Vanier (1982, p. 277) “a festa é muito diferente do espetáculo, em que alguns atores ou músicos divertem e distraem os espectadores.” Nesta comemoração todos devem ser atores e espectadores. Cada um deve representar e participar, caso contrário não será uma verdadeira festa.

Considera-se que a Festa do Peão de Cassilândia foi “boa” quando atende as expectativas tanto dos atores quanto dos espectadores do evento. Isso acontece quando os atores se colocam na posição de espectadores e desempenham seu papel com a alma, com o

coração, com sentimento e prazer e fazem da cerimônia um grande ritual. Para isso os espectadores também devem cumprir seu papel de incentivador, motivador e se mostrar ativo diante da organização da festa, colocando-se na função dos atores, pois assim o Sindicato Rural sempre conseguirá trazer para o evento bons peões, boas boiadas, bons cantores e consequentemente mais pessoas participarão da festa. Dessa maneira a Festa do Peão desempenhará seu papel no processo de desenvolvimento local, elevando a auto-estima da comunidade, promovendo a valorização da cultura e identidade e ainda aquecendo a economia local.

Apesar de ser corriqueiro na cidade a música, a dança, a alimentação e o modo de vestir do peão boiadeiro, na época de realização desta manifestação popular, um maior número de pessoas passa a demonstrar algumas características da cultura sertaneja que esta atividade coloca em evidência, trajando calça *jeans*, camisa, botas e chapéu e ouvindo música sertaneja em todos os lugares, revelando a cultura e identidade local. Sob esse aspecto, Hermet (2002) afirma que as atividades culturais, interpretadas como manifestações de afirmação coletiva e simbolizando uma identidade comum, formam uma fonte de prazer a medida que as comunidades valorizem-nas como expressões culturais de seu próprio grupo.

Conforme observa Arocena (2001), toda sociedade se nutre de sua própria história e constrói um sistema de valores interiorizados por cada um de seus membros, podendo ser caracterizada pelo compartilhamento de traços identitários e sentimento de pertença que cada indivíduo mantém frente ao ambiente em que se insere.

Em leitura análoga, Ortiz (1994) caracteriza essa memória comum como memória coletiva, por intermédio da qual os grupos sociais compreendem o mundo de forma contínua, procurando manifestar as relações que têm com o pretérito e dando-lhe sentido, de modo a projetar-se para o futuro, sempre inserido dentro de um contexto histórico.

Por esse prisma, é por intermédio da retrospecção que o homem aprende a reviver sua memória e a recordar de acontecimentos passados que se fizeram notáveis, pois uma memória fortalecida é aquela organizada no sentido da construção e representação da própria identidade. Quando se procura manter a identidade coletiva de um determinado grupo, busca-se proteger a memória de seus ancestrais e consequentemente a própria memória do grupo.

¹⁰ Dados colhidos via entrevista autorizada em 15/08/2007.

Nesse mesmo sentido, Espinheira (1994) defende a idéia de que a memória coletiva só o é quando os grupos partilharem da mesma vivência pretérita e comemorações ritualizadas, conferindo identidade e sentido em relação a coesão grupal, pois relembrar fatos e acontecimentos é de fundamental importância para a construção da identidade, bem como das crenças e valores presentes na memória social de cada indivíduo ou da coletividade.

Refletir sobre identidade e memória coletiva é incorporar à cultura subsídios motivadores da autopromoção humana, quando se projetam diferentes estratégias para o desenvolvimento humano, cultural e coletiva.

Ressalta-se ainda que esta atividade festiva não tem apenas importância cultural, mas também econômica, pois movimenta todo o comércio local durante sua realização e com o seu crescimento tornou-se um modelo de festa capaz de incentivar o turismo na região. Por esse lado, verifica-se que este evento, que tem como premissa a valorização da cultura e identidade local, traz, aliado ao desenvolvimento humano e social, também o desenvolvimento econômico, configurando-se como uma iniciativa de desenvolvimento local.

É inquestionável, portanto, a importância de estudar esta atividade que representa um motivo de orgulho para a comunidade, no qual as pessoas percebem o que são capazes de acumular e distribuir, já que a festa é uma parceria da comunidade para uma vida mais digna, é ritual, divertimento e modo ação simultaneamente. Ela reaviva as velhas tradições, reforça laços de origem, mas também incorpora novos elementos e anseios, na qual pode-se observar nuances de desenvolvimento local.

2 A FESTA DO PEÃO DE BOIADEIRO DE CASSILÂNDIA: CULTURA, IDENTIDADE E TERRITORIALIDADE NO CONTEXTO DO DESENVOLVIMENTO LOCAL

A formação de grupos sociais concentra-se na cultura que pode ser vivenciada no tempo e no espaço em que se encontram ao apresentar um mundo de símbolos, de auto-defesa e sustentação para manter sua integridade. Todavia, conforme aponta Castells (1999), os indivíduos se agrupam em organizações sociais, que ao longo do tempo, geram um sentimento de pertença ao território e em muitas ocasiões, uma identidade cultural definida. Por se tratar de uma manifestação da territorialidade local, graças à realização da Festa do Peão de Boiadeiro, que tem no rodeio sua principal e mais autêntica atração, a cultura do peão boiadeiro, que representa a cultura da comunidade cassilandense, pode ser apresentada e valorizada.

As festas fazem parte da cultura brasileira desde a época colonial, e é por meio das mesmas que se pode comemorar acontecimentos, reviver tradições, criar novas formas de expressão, afirmar identidade, preencher espaços na vida do grupo, dramatizar situações e afirmações populares. O que as revelam como poderoso instrumento de interação, compreensão, expressão da diversidade, englobando-as e permitindo a todos se reconhecerem, na festa, como um povo único.

2.1 FESTA: CULTURA E SOCIALIZAÇÃO

Com o termo festa, na verdade, procura-se definir e circunscrever, de modos muitas vezes impreciso, uma forma de ação coletiva, muito peculiar, que nas palavras de Guarinello (2001, p. 971-972):

- a) implica uma determinada estrutura social de produção, já que elas são laboriosamente e materialmente preparadas, custeadas, planejadas, montadas, segundo regras peculiares a cada uma e por atividades efetuadas no interior da

própria vida cotidiana, da qual são necessariamente o produto e a expressão ativa;

- b) envolve a participação concreta de um coletivo, seja ele a sociedade em seu conjunto, ou grupos dentro dela, com maior ou menor expressão ou força legitimadora, distribuindo-se os participantes dentro de uma determinada estrutura de produção e de consumo da festa, na qual ocupam lugares distintos e específicos;
- c) aparece como uma interrupção do tempo social, uma suspensão temporária das atividades diárias que pode ser cíclica, como nas festas de calendário, ou episódica, como na comemoração de eventos singulares, implicando uma concentração da atenção, dos esforços e dos afetos dos participantes em torno de um objeto específico;
- d) articula-se em torno de um objeto focal, que pode ser um ente real ou imaginário, um acontecimento, um anseio ou satisfação coletivos e que atua, como motivação da festa. A reunião comemorativa que constitui a festa é seu próprio objetivo, o importante é que o objeto focal funcione como pólo de agregação dos participantes, como símbolo de uma identidade que pode ser, mais ou menos circunstancial ou permanente;
- e) por fim, uma festa é uma produção social que pode gerar vários produtos, tanto materiais como comunicativos ou, simplesmente, significativos. O mais crucial e mais geral, desses produtos é, precisamente, a produção de uma determinada identidade entre os participantes, ou, antes, a concretização efetivamente sensorial de uma determinada identidade que é dada pelo compartilhamento do símbolo que é comemorado e que, por afetos e expectativas individuais, como um ponto em comum que define a unidade dos participantes. A festa é, num sentido bem amplo, produção de memória e, portanto, de identidade no tempo e no espaço sociais.

Festa é, portanto, uma ação política, que se dá num tempo e lugar definidos e especiais, implicando a concentração de afetos e emoções em torno de um objeto que é celebrado e comemorado e cujo produto principal é a simbolização da unidade dos participantes na esfera de uma determinada identidade. É um ponto de confluência das ações sociais cujo fim é a própria reunião ativa de seus participantes, dessa maneira, produz identidade. É produto da realidade social e, como tal, expressa ativamente essa realidade.

Infere-se, contudo, que festa é um trabalho social específico, coletivo, da sociedade sobre si mesma.

Amaral (1998) pontua sua explanação com inúmeras referências a Durkheim (1968) que diz que as principais características de todo tipo de festa são: a superação das distâncias entre os indivíduos; a produção de um estado de efervescência coletiva e a transgressão das normas coletivas. No divertimento em grupo, pensa Durkheim, do mesmo modo que na religião, o indivíduo desaparece no grupo e passa a ser dominado pelo coletivo. Nesses momentos, apesar ou por causa das transgressões, são reafirmadas as crenças grupais e as regras que tornam possível a vida em sociedade. Ou seja, o grupo “reanima periodicamente o sentimento que tem de si mesmo e de sua unidade. Ao mesmo tempo, os indivíduos são reafirmados na sua natureza de seres sociais” (DURKHEIM, 1968, p.536).

Ainda com esteio nas idéias de Durkheim (1968), Amaral (1998) menciona que com o tempo a consciência coletiva tende a perder suas forças, logo, são imprescindíveis tanto as cerimônias festivas quanto os rituais religiosos para reavivar os laços sociais, que correm, sempre, o risco de se desfazerem. Neste sentido, pode-se imaginar que, quanto mais festas um dado grupo ou sociedade realizam, maiores são as forças produzidas contra o rompimento social ao qual os grupos estão sujeitos. As celebrações são uma força no sentido contrário ao da dissolução social. As atividades festivas permitem a estruturação e a regeneração da sociedade. Contra o poder do individualismo, a salvação está no holismo inerente às festas. Muitas sociedades mantêm as comemorações como ponto de contato com sua cultura e tradição, ainda que incorporando elementos não tradicionais até o momento.

Assim, para o autor em destaque, a fronteira flutuante entre a festa, a religião e a característica comum a ambas é estabelecida de acordo com a seguinte dinâmica:

Toda festa, mesmo quando puramente laica em suas origens, tem certas características de cerimônia religiosa, pois em todos os casos, ela tem por efeito aproximar os indivíduos, colocar em movimento as massas e suscitar assim um estado de efervescência, às vezes mesmo de delírio, que não é desprovido de parentesco com o estado religioso (DURKHEIM, 1968, p. 547 *apud* CORRÊA, 2005, p. 143).

Sob essa óptica durkheimiana, o ato de festejar ou divertir-se em grupo, assim como a prática religiosa, insere o ser humano numa ação coletiva, que, por sua vez, passa a dominá-lo, sinalizando que a festa, mesmo não sendo religiosa, como é o caso da Festa do Peão de Boiadeiro de Cassilândia, possui uma essência de caráter religioso pautada na solidariedade social, garantindo o contrato que nos une uns aos outros.

Apesar do caráter absolutamente secular da Festa do Peão, a devoção religiosa de cunho católico não está dela dissociada e a fé em Nossa Senhora Aparecida e São Sebastião, padroeiros dos peões, é constantemente referida, e os santos chamados para protegê-los. Antes do início do rodeio, todos os peões participantes se reúnem na arena, onde, juntamente com o público assistente, retiram seus chapéus e rezam por sua segurança. Essa devoção insere-se no contexto da religiosidade popular, cuja fonte primordial é a religião católica. Tais devoções apresentam um conjunto de representações e práticas religiosas dos católicos que não dependem da intervenção eclesiástica para serem adotadas pelos fiéis.

É o momento da festa religiosa, expressão da religiosidade dos participantes, pois mesmo aqueles que não são católicos, em um ato de solidariedade e respeito, pedem proteção aos peões. Neste ponto assim como argumenta Vanier (1982) a festa liga-se a uma tradição familiar e religiosa, é a alegria com Deus. Cada cultura, cada tradição, exprime essa alegria de um modo diferente, mais ou menos espetacular, mais ou menos recolhida. No coração da comunidade está o perdão e a festa. São as duas faces da mesma realidade, a do amor. A celebração é uma experiência comum de alegria, um canto de ação de graças. Comemora-se o fato de estar juntos e dá-se graças pelo dom que nos é dado. A cerimônia festiva alimenta os corações, dá de novo esperança e força para viver os sofrimentos e as dificuldade da vida cotidiana.

A atividade festiva exprime e torna presente, de modo palpável, a finalidade da comunidade. Assim, é um elemento essencial da vida comunitária. Na festa, apagam-se as irritações nascidas do cotidiano, são esquecidas as pequenas brigas, tanto que na Festa do Peão de Boiadeiro de Cassilândia, as brigas são quase inexistentes, são mínimas as ocorrências de violência. O lado estático da comemoração unifica os corações, passa uma corrente de vida. É um momento de admiração em que a alegria do corpo e dos sentidos está ligada à alegria do espírito. É o momento mais humano e mais divino da vida comunitária. A celebração é alimento, revitalização. Torna presente, simbolicamente, a finalidade da

comunidade e, como tal, estimula a esperança e dá nova força para retomar com mais amor a vida cotidiana (VANIER, 1982).

Por meio da observação do vivido, pode-se descobrir vários tipos de festas, uma conscientizadora, uma que concentra e redistribui riquezas, uma que supre as necessidades reais, ao mesmo tempo que as simbólicas, uma que vivifica a história, outra que é a própria história popular, distante dos livros oficiais. Pode-se verificar que a festa é tão importante para as sociedades, que pode ser entendida até mesmo como o modelo de ação e participação de seus membros. Ou, para ir mais longe, a vivência de uma experiência de cidadania alternativa.

Em seu estudo sobre a formação da Festa à Brasileira, Amaral (1998) evidencia o raciocínio segundo o qual a festa colonial brasileira constituía um desafio para os diversos grupos sociais contra as dificuldades do cotidiano, além de um escape para as tensões acumuladas contra o poder, fosse ele concentrado na figura do senhor de escravos ou do funcionário metropolitano, do governo português ou da igreja católica. Mas ela se constituía, também, num espaço privilegiado para a criação de tradições e consolidação de costumes, permitindo ainda que culturas estabelecessem contatos de modo mais pautado pelos valores lúdicos, religiosos e artísticos. Desse modo, constituíram linguagens simbólicas com alguns termos compartilhados e que permitiram uma melhor tradução de cada uma delas para as demais, fazendo, inclusive, fluir de umas para outras, novos símbolos e valores culturais.

Por esse prisma, a festa representa um importante papel na construção da sociedade e da sociabilidade brasileiras. As relações facilitadas pelo contato na festa, permitem que os aspectos mais fortes das culturas surjam de modo mais denso. A cerimônia festiva é ainda uma das linguagens favoritas do povo brasileiro que para ela traduz preferencialmente, seus valores mais caros e suas utopias. Neste sentido, a festa não é afirmação nem negação da sociedade, nem fruição inconsequente, nem consciência. Ela é antes uma das dimensões nas quais se dão algumas das primeiras experiências do sentir-se brasileiro.

É de grande relevância ressaltar que, num sentido profundo, as festas ligam-se ao universo da economia. Tendo suas origens nos ritos que buscavam interferir nos ciclos naturais para o provimento da subsistência, eram momentos de agradecimento ou de súplicas

à natureza, elos de ligação entre o imponderável, visto como divino, sagrado e o homem impotente (JANCSÓ e KANTOR, 2001).

O vínculo com a economia, porém, é ainda mais profundo que o dos ritos propiciadores de chuvas, fertilidade, boas colheitas, celebradores de germinação, do sol, do calor. A necessidade de sobrevivência, de melhor domínio dos recursos naturais, levou os seres humanos à vida em grupo. Esta, se bem geradora de melhores condições, implica renúncias, tensões, competições e conflitos. As festas, neste caso, constituem importante espaço de sociabilidade, com suas alegorias, representações e elaborações dos conflitos, uma espécie de válvula de escape, que torna possível a vida comunitária. Por meio da fantasia, da criação/recriação livre, as revanches são retrabalhadas em espaço lúdico, as frustrações e reivindicações são expressas. É o momento de desarranjo/rearranjo que equilibra a sociedade e torna possível sua manutenção e reprodução (JANCSÓ e KANTOR, 2001).

As cerimônias festivas permitem o encontro, a visibilidade, a coesão dentro de comemorações que recriam os padrões de comportamento, dando a identidade desejada, trazendo o descanso, os prazeres e a alegria e introjetando valores e normas da vida em grupo, partilhando sentimentos coletivos e conhecimentos comunitários. Assim, as festas são festas de construção de relações e de afirmação social, embora façam a crítica da ordem vigente, ao se realizarem também com o intuito de preencherem lacunas sociais deixadas pelo Estado em diferentes sentidos. Se a primeira finalidade e mais importante é a comemoração, a conciliação entre os inconciliáveis, não se pode deixar de notar sua força política e o papel de aglutinadora de forças que poucas vezes se vê na população brasileira quando se trata de lutar por seus direitos ou organizar-se em partidos ou associações civis para a promoção de seu próprio desenvolvimento.

2.2 ASPECTOS DO DESENVOLVIMENTO LOCAL NA 36^a FESTA DO PEÃO DE BOIADEIRO DE CASSILÂNDIA

Segundo o percuciente parecer de Pimentel (1997, p.17) a festa do peão de boiadeiro compõe-se de “um conjunto de cerimônias por meio das quais seus participantes ritualizam o resgate da tradição pastoril brasileira através da ressignificação e da revalorização da categoria sertão”. Ainda neste estudo, Pimentel (1997) afirma que o sertão é

o núcleo central do país e sua continuidade é dada mais pela forma econômica predominante, que é a pecuária extensiva, do que pelas características físicas, como tipo de solo, clima e vegetação.

Diante do exposto, para o referido autor, esta festa expressa uma forma de domesticação do sertão. É conveniente lembrar que transcorreram exatamente cem anos desde a epopéia de Canudos, a partir da qual os brasileiros passaram a dar importância maior para um conceito muito antigo, o de sertão. Euclides da Cunha e Guimarães Rosa mostraram magnificamente que o sertão não é um só. No início da história do Brasil, era o que estava longe da costa. Mas com a penetração do interior surgiu a crença de se tornar um lugar atingível, o que é uma contradição. Isto porque ele é, por definição, o que está longe, que está além dos homens, da cultura. Com o tempo, esta idéia mais ortodoxa do sertão foi amenizada, passou a ser uma categoria de oposição ao urbano, um sinônimo do rural. A festa do Peão de Boiadeiro tendo como cenário o mundo urbano, originária em uma cidade tão importante como Barretos, foi uma forma de introduzir o rural no urbano. O sertão selvagem torna-se assim urbanizado, domesticado, sendo identificado com a atividade econômica pastoril, apresentando-se como signo constitutivo da identidade nacional que se reconhece como universal mesmo nas suas manifestações mais locais (PIMENTEL, 1997).

De acordo com o estudo de Bíscaro Neto (1993) em todo o processo de colonização é percebido que a vinda do homem para o sertão, de certa forma, disciplinou a vida no campo contribuindo para criar o novo trabalhador rural, brasileiro, ordeiro, produtivo, voltado para o lucro, distante de seu meio natural, da sua tradição e de seu passado. Foi justamente apoiado no sonho da propriedade, no explorar o conceito de posse como consolidação da cidadania que se montou a maquinaria ideológica que acenava para o pioneiro os caminhos do sertão, que traduzia todos os anseios de riqueza, de tranquilidade para a família, da certeza da vitória.

Conforme estas idéias, não deixa de ser impressionante perceber que o que o sertão tem de específico é ser o espaço para a criação de gado, elemento preponderante na formação do território dos cassilandenses, como foi visto no capítulo anterior, e que é revivido nos rodeios da Festa do Peão de Boiadeiro de Cassilândia. O sentido de representação dos rodeios é, portanto, invocar a história, os costumes e a cultura, reforçando ainda a identidade local e os laços comunitários ao se apresentar como a festa maior desta

comunidade. Nesse aporte ela representa a mediação entre o passado e o presente, o reviver de momentos decisivos da história do povo cassilandense e também das histórias pessoais.

Foto 9 - Entrada da 36ª Festa do Peão de Boiadeiro de Cassilândia



Foto: Dalmo Cúrcio, julho, 2006.

Esta atividade festiva dura em geral cinco dias, sendo realizada na época do aniversário da cidade, está na 37ª edição, sendo a mais antiga de todas as festas marcadas no calendário comunitário anual. Mas, além de ser a mais antiga, ela também é a que atrai para a cidade maior número de pessoas, a maioria “filhos do lugar” ou parentes de filhos do lugar”. Além disso, comparecem à festa do peão “pessoas que fazem a festa”, ou seja, vendedores, artistas, botequeiros, donos de restaurantes, pipoqueiros, sorveteiros, peões, palhaços, locutores, tropeiros, montadores de arquibancadas e toda sorte de gente que, de uma forma ou de outra, dela participa ativamente. É organizada como um festival, isto é, como um espetáculo de massa, acompanhando a modernização dos grandes acontecimentos, e ao mesmo tempo mostrando muito das raízes e tradições populares da cidade, e onde desfilam artistas de várias artes, mas cujo centro é o rodeio de cavalos e touros.

Com o crescimento desta atividade, mesmo a população mais urbana começa a entrar em contato com alguns aspectos que ela coloca em evidência, tais como: música, dança, alimentação e modo de vestir do peão boiadeiro. A população dos municípios vizinhos é atraída para a festa, que torna-se um excelente ponto de encontro da juventude e até mesmo a população de grandes cidades passa a freqüentá-la, movida pelo interesse nas competições do rodeio que são a atração principal deste tipo de evento, e que, de maneira metaforizada, revela o dia-a-dia dos peões das fazendas que contribuiu para a formação da cultura local.

Kashimoto, Marinho e Russef (2002, p. 35) conceituam cultura como “um conjunto de atividades e crenças que uma comunidade adota para enfrentar os problemas impostos pelo meio ambiente”. Nesse sentido, ainda declaram que a cultura abrange diferentes aspectos da vida: conhecimentos técnicos, costumes relativos a roupas e alimentos, religião, mentalidade, valores, língua, símbolos, comportamento sócio-político e econômico, formas autóctones de tomar decisões e de exercer o poder, atividades produtoras e relações econômicas, entre outros.

A cultura, ao constituir-se em conjunto distintivo de atributos espirituais e materiais, intelectuais e afetivos que caracterizam uma sociedade ou grupo social, engloba não somente as artes e literatura, mas também os modos de vida, os sistemas de valores, as tradições e crenças e os direitos fundamentais do ser humano (CLAXTON, 1994). A propósito, esse autor ainda considera que a cultura também abrange uma interpretação global da natureza, constituindo um sistema totalizante para a compreensão e transformação do mundo, e estabelecendo, por outro lado, relações sistemáticas entre todos os aspectos da vida humana, todas as expressões produtivas das comunidades, sejam elas tecnologias, econômicas, artísticas ou domésticas.

Em análise convergente, a questão cultural deve basear-se em uma interpretação global de todos os sistemas que compõem o desenvolvimento humano para que de fato se possa caracterizá-la como um conjunto de padrões de comportamento, valores e crenças, individuais e coletivas, que proporciona uma relação dialética entre o homem e o meio em que está inserido.

Na concepção de Vannucci (1999), a cultura é, pela óptica filosófica, um processo permanente em que o ser humano representa o sujeito produtivo como objeto produzido, estando embutida em seu ser a natureza cultural. O conceito que o autor analisa, entende a cultura como desenvolvimento multidimensional do ser humano, no qual são transmitidos valores e conhecimentos. Em termos etnológicos, a cultura apresenta-se como o modo de vida, o ser, o fazer e agir de um determinado grupo humano.

No entanto, a cultura não deve ser empreendida como modo de vida aprendida ou repassada de geração em geração, algo imutável e concebido por um determinado grupo humano, tendo em vista que sua natureza apresenta-se dinâmica. Em referência ao dinamismo

cultural, Cunha (1986, p. 101) salienta que: “a cultura não é algo dado, posto, algo dilapidável também, mas algo constantemente reinventado, recomposto, investido de novos significados [...]”.

O caráter crítico em relação ao termo cultura mostra-se frágil ao ser analisado como uma interpretação única que desconsidere seu significado humanístico e as variáveis que circundam da relação com o meio. Por isso, a cultura pode ser compreendida tanto como a relação que o homem tem com o meio ao qual se insere ou o modo pelo qual este incorpora comportamentos advindos das relações sociais que apresentam traços diacrônicos com valores e significados que permeiam em seu cotidiano, observando-se nesse caso, à complementaridade das teorias que aludem a sua construção conceitual. Entende-se por cultura todo o sistema de ações, comportamentos e relações construído, concebido, produzido por um grupo social e que desta maneira o caracteriza, o identifica com seu território, sendo este sistema passível de modificações e adaptações sugeridas pelo meio.

Graças à realização da festa, que tem no rodeio sua principal e mais autêntica atração, a cultura do peão boiadeiro, que representa a cultura local, pode ser apresentada e valorizada por todo o público do evento. Durante os rodeios, enquanto se aguarda que os peões entrem na arena, os locutores costumam relembrar não apenas os nomes famosos de peões campeões, como ainda contar velhos “causos”, quase anedotas, relacionados ao rodeio.

Além de valorizar a cultura, esta comemoração também revela a identidade local à medida que a comunidade partilha da mesma vivência pretérita conferindo sentido em relação a coesão grupal. Castells (1999, p. 22) entende por identidade “a fonte de significado e experiência de um povo. [...] o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(is) prevalece(m) sobre outras fontes de significado”.

Castells (1999) arrazoa em favor da idéia de que, do ponto de vista sociológico, toda e qualquer identidade é construída. A construção de identidades vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso. Porém, todos esses materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades, que reorganizam seu significado em função de tendências sociais e projetos

culturais enraizados em sua estrutura social, bem como em sua visão de tempo/espacº. Esta explanação aponta a relação existente entre o rodeio e a valorização da identidade deste território o que explica o fascínio causado por esta atividade na comunidade, daí a necessidade de se entender o funcionamento desta celebração. Considera-se que esta cerimônia pode ser o ponta pé inicial para o desenvolvimento local da cidade, à medida que as pessoas encararem e enxergarem esta ação como um instrumento para a promoção do desenvolvimento e não apenas como diversão, aproveitando o espírito motivador, o clima, a satisfação que envolve estas pessoas na festa e investir em projetos/atividades ligadas ao tema do evento.

2.3 O INÍCIO DOS TRABALHOS, O RODEIO E A CERIMÔNIA DO ADEUS

Como um espetáculo, a festa de Cassilândia/MS procura se apresentar pública e ostensivamente como um evento que se fundamenta na tradição do lugar, mas cujos elementos estruturais se apresentam como o mais indicativo símbolo da modernidade. Pode-se dizer que é em nome da tradição que se concebem os eventos de que a festa do peão se compõe. Entretanto, como espetáculo de massa, existe sempre a exigência de que sua organização seja pautada pelo envolvimento de tudo o que há de mais moderno em termos de tecnologia do *show business*, ainda que nem tudo esteja o mais das vezes visível a olho nu, demandando, portanto, ainda um esforço interpretativo.

Com o objetivo de conceber a melhor festa, uma festa “para peão nenhum botar defeito”, um rodeio melhor ou pelo menos igual ao de Barretos, são envolvidas na organização da Festa do Peão de Boiadeiro de Cassilândia muitas pessoas sob a orientação da diretoria do Sindicato Rural da cidade. Para cada aspecto do evento, vários são os detalhes a serem cuidados. Esta comemoração é programada de tal modo que o seu encerramento ocorra sempre em um domingo. A razão disso é meramente comercial, pois é no final de semana que os promotores podem contar com uma afluência tanto maior de espectadores cassilandenses quanto daqueles que vêm das cidades vizinhas para assistir aos rodeios que encerram a programação, já que se supõe que será nos últimos dias que o espetáculo apresentará as melhores montarias e os melhores peões.

A agitação na cidade começa a se intensificar duas ou três semanas antes da celebração, devido a várias providências que devem ser tomadas. Essas providências são de

natureza diversa englobando desde a garantia de segurança e alimentação para os animais até a recepção dos baraqueiros ou desde aquelas tarefas mais importantes, como a instalação da bilheteria e a garantia da ordem no interior do recinto, até as menos importantes, como a decisão sobre que camisa a comissão organizadora usará na abertura do evento.

A Festa do Peão, de modo geral e também em Cassilândia, é um festival que compreende um conjunto de cerimônias ou eventos que se interconectam para produzir os sentidos de que ele se reveste. Assim, nele podem ser destacadas e descritas, se não mais, pelo menos as seguintes cerimônias:

- a) o ofício religioso, que se caracteriza pela realização de uma homenagem a Nossa Senhora Aparecida na arena do rodeio;
- b) uma cerimônia cívica de instalação dos trabalhos e início do espetáculo e que conta sempre com a presença dos principais responsáveis pela realização da festa e das autoridades mais importantes do município, bem como de visitantes ilustres;
- c) o ceremonial do rodeio, que se caracteriza pela repetição dos mesmos passos na condução dos trabalhos em cada noite, constando, com pequenas variações, do mesmo começo, da mesma forma para apresentação dos peões ao público e da mesma oração aos padroeiros dos peões;
- d) a cerimônia do encerramento, que repete em parte o rito cívico de instalação dos trabalhos, mas que agora possui um caráter glorioso, já que dele farão parte a premiação dos vencedores e a grande queima de fogos.

E como tudo isto tem lugar sempre à noite e como o espetáculo é realizado numa arena aberta, não são poucos os recursos de som e iluminação com que deve contar a organização do rodeio. Desenvolvendo-se ao longo de cinco dias, a Festa do Peão de Cassilândia ocorre durante a última semana de julho com início em data móvel, tendo como única condição a exigência de que ela termine sempre em domingo, como já foi mencionado. Assim, as datas do mês que correspondem ao início e ao fim da festa não são fixas, ainda que o sejam o mês, julho, e os dias da semana em que ela se inicia, quarta-feira, e termina, domingo.

É na noite do primeiro dia da comemoração que se inicia, propriamente, o rodeio. Mas a fase da disputa, aquele momento tão esperado em que os peões estarão enfrentando

cavalos ou bois para, ao final, serem reconhecidos como os grandes campeões, ainda deverá aguardar até que se cumpra a cerimônia de instalação dos trabalhos. Nesse ponto, o presidente do Sindicato Rural irá declarar aberta oficialmente a festa. Será somente a partir desse solene instante inaugurador que o evento continuará sem deixar transparecer algum vácuo no conjunto de procedimentos simbólicos que constituem a totalidade do ceremonial. Não obstante isto, a cerimônia agora executada não possui de todo a autonomia de um ato à parte como às vezes parece ter. Ela própria estará inserida no contexto discursivo do locutor, a quem, desde o início dos trabalhos, quando os possantes alto-falantes liberam os primeiros acordes e mensagens, caberá o controle de tudo o que, de então em diante, se passará ali no recinto.

Um a um e de acordo com uma ordem preparada pela Comissão Organizadora, o locutor convoca ao centro da arena todos aqueles que participarão da cerimônia de abertura. Em primeiro lugar, são chamadas as pessoas a quem se consideram autoridades. Nessa categoria, são incluídos, pela ordem de importância: os membros da Comissão Organizadora, com especial destaque para o seu presidente, que é chamado em primeiro lugar e, somente então, os demais; o prefeito e a primeira-dama do município e, logo a seguir, os vereadores.

Foto 10 - Abertura da 36^a Festa do Peão de Boiadeiro de Cassilândia



Foto: Dalmo Cúrcio, julho, 2006.

Depois de convidar as autoridades, o locutor chama os senhores cavaleiros que correm pelo interior da arena e que, contornando-a sempre, param em semi-círculo a uma mesma distância regular e proporcional da cerca. À medida em que os peões entram correndo, o locutor se põe a recitar um texto, o qual ao longo de toda a celebração, será constantemente

repetido com pequenas variações, sendo ele próprio, muitas vezes apenas um discurso ritual, conhecido de alguma forma entre produtores e espectadores de rodeios.

Logo após a entrada dos peões, o locutor convida os tropeiros e os juízes do rodeio a tomarem seus lugares na arena. Inicia-se, nesse momento, o ofício religioso, uma das características do catolicismo popular brasileiro, representado neste ato pelo predomínio do aspecto devocional dos fiéis, expresso por meio das rezas e dos pedidos de proteção aos santos. Rosendahl (1996) discorre sobre um dos aspectos característicos do catolicismo popular brasileiro, que no pensamento de Oliveira (1985), é a privatização das relações dos homens com os seres sagrados. Esta privatização do sagrado, neste caso, se expressa pela relação do homem religioso com o sagrado, sem a intervenção de nenhuma mediação institucional entre eles.

Nos estudos realizados por Rosendahl (1996), as relações do homem religioso com o sagrado se efetuam diretamente, elas ficam, assim, sujeitas à interpretação e ritualização do praticante: “é ele quem decide em matéria religiosa” (p. 72). Convém acrescentar que a cultura local reflete o alto nível de sacralidade no controle sobre o ritual e as crenças. As práticas de rezas, pedidos, promessas tomam a forma simbólica-religiosa centralizada nos santos. Este momento se revela como um elemento da coesão grupal, no qual todo o público presente pede proteção religiosa aos peões num ato de solidariedade.

Após a primeira evocação, que foi dirigida a Deus, ao Senhor, ao pai Celestial, agora é o instante de evocar a proteção dos santos padroeiros São Sebastião do Rodeio e Nossa Senhora Aparecida. No que tange ao padroeiro, a diversidade ocorre entre festas e não internamente a cada festa: uma festa, um padroeiro; várias festas, vários padroeiros. Isso pode ser percebido de uma maneira quase inescapável, no entanto, existe uma razão para que a festa do peão tenha-se organizado, também como crença, em torno do culto a dois padroeiros.

No tangente ao assunto em questão Pimentel (1997) explicita a idéia de que o medo surge como um dos elementos fundamentais que devem ser considerados quando se pensa na estruturação dos ritos de que se compõe a festa do peão. Muito do que é apresentado como “a vida sacrificada que o peão leva” gira em torno do perigo que representa montar um cavalo ou um touro. É nesse ponto que todo o simbolismo presente na trágica história de São Sebastião e no culto a Nossa Senhora Aparecida, como Mãe Protetora, se articula com a

totalidade da festa para ajudar a produzir uma múltipla barreira de proteção contra o infortúnio e a falta de sorte do peão na possibilidade efetiva de um acidente. O culto à imagem de São Sebastião está associado a determinadas qualidades, as quais, como numa reação em cadeia, vão se constituindo em parte num exemplo para os peões e, em parte, numa força que age sobre estes no sentido de torná-los possuidores de uma habilidade indispensável para a prática do esporte a que se dedicam.

Pimentel (1997) ainda advoga que se o apego a São Sebastião está relacionado mais freqüentemente a certo nível de coincidências entre a história de vida deste santo mártir e a “vida dura e perigosa” dos peões, o apelo a Nossa Senhora Aparecida encontra-se envolto em outro simbolismo. Não se trata, neste caso, de procurar perceber ou atribuir qualquer espécie ou grau de similaridade entre ela e os peões, mas de compreendê-la como uma santa que conserva determinadas características do universalismo católico, ao mesmo tempo em que absorve outras típicas da tradição religiosa popular como se manifesta especificamente no Brasil. As maiores honrarias são reservadas para ela, a quem se classifica como a Virgem, a Imaculada, a Rainha, a Mãe Celestial, a Mãe Santa. Ela é, na religião popular brasileira, uma substituta de todas as mães e a mais elevada representação, que, de cima, tem poder para proteger a todos que com ela se apegarem na hora do perigo e da aflição.

Foto 11 - Ofício religioso



Foto: Dalmo Cúrcio, julho, 2006.

Mas o ceremonial que deve propiciar a proteção dos peões se estende para fora do ceremonial religioso propriamente dito, tendo repercussões em todos os demais momentos da festa. Todas as noites em que há espetáculos, sem exceção, o locutor inicia os trabalhos com

uma prece em que pede proteção dos que ali se encontram, mas especialmente pela proteção dos peões.

A essa altura, já se encontram na arena todos aqueles que deverão, formalmente, tomar parte na cerimônia de abertura da Festa do Peão. Depois de passar a palavra ao prefeito, que pronuncia um breve discurso apresentando a todos os votos de boas vindas, o locutor retoma a palavra e, após pedir aos senhores cavaleiros que caprichem, já que todos conhecem as regras nacionais dos rodeios de cavalo e touro, agradece à Comissão Organizadora pelo trabalho de organizar uma festa tão bonita e pede uma salva de palmas para todos. Fim a cerimônia de abertura da festa, a música estridente volta a tomar conta do recinto e o locutor convoca imediatamente todos a seus postos para não atrasar o início do rodeio.

O rodeio é uma espécie de competição entre o peão e o cavalo ou entre o peão e o touro. Ainda que em ambos os rodeios a disputa se trave entre um montador e uma montaria, existem entre eles muitas diferenças que necessitam ser ressaltadas para que possam ser bem compreendidas as características em que se assenta a diferença. Nada impede que alguém dispute, simultaneamente, as duas modalidades de competição, e é até muito comum haver peões que arrisquem a sorte em ambos. No entanto, segundo os próprios peões fazem questão de ressaltar, o domínio das técnicas corporais e o aperfeiçoamento destas em cada tipo de montaria são tão diferentes que, em geral, ninguém consegue muito sucesso se não se concentrar em apenas uma. Sobre as dificuldades típicas de uma e outra, tanto peões de cavalo quanto peões de touro são unânimes em afirmar que esta última é muito mais difícil.

Do ponto de vista da competição, o peão deve obedecer às regras estabelecidas para a modalidade em que se inscreveu. A transgressão a qualquer regra é denominada apelo, e ele será penalizado ou com uma nota baixa, ou dependendo da gravidade da falta, com sua exclusão da competição. Mas além de ser obrigado a agir estritamente dentro das normas estabelecidas, para que consiga manter uma pontuação que lhe dê condições de prosseguir na disputa pelos primeiros prêmios, o peão precisa de ser um bom cavaleiro e ter um bom estilo. Chama-se estilo, no rodeio, à performance do peão quando, além de procurar equilibrar-se para não cair, é obrigado a manter uma postura corporal condizente com o exigido para cada tipo de montaria, cavalo ou touro, num movimento sincronizado com o ritmo dos corcoveios, além de outras firulas que deve fazer com uma das mãos erguida sobre a cabeça, como forma de incentivar o público.

Foto 12 - Rodeio em touro



Foto: Dalmo Cúrcio, julho,2006.

Acompanhando as análises propostas por Pimentel (1997) a idéia de estilo no rodeio procura incentivar e valorizar técnicas corporais que são produto da invenção pessoal do vaqueiro, não menos daquelas que pertencem à tradição e foram herdadas da cultura pastoril brasileira.

É com base nas regras explícitas e mais ou menos objetivas, e na avaliação mais ou menos subjetiva do estilo apresentado por cada peão, que o juiz atribui notas logo depois de cada performance. Com raríssimas exceções, os juízes do rodeio são recrutados entre ex-peões que, por um motivo ou outro, abandonaram o esporte. Aliás, esta é uma das características principais do mundo do rodeio: em geral, locutores, tropeiros, juízes, etc., são peões que se aposentaram e foram cumprir funções diferentes, principalmente como contratados das companhias de espetáculo. De modo muito semelhante ao que ocorre no futebol, o juiz de rodeio é a autoridade mais importante ali no interior da arena, o que faz com que suas decisões sejam objetos de manifestações de agrado ou desagrado por parte da assistência.

Do ponto de vista trabalhista, as atividades ligadas ao rodeio ainda não foram reconhecidas em lei, o que faz com que, tanto aos olhos dos peões, que são os principais interessados na matéria, quanto aos olhos do aparelho de Estado, esse esporte seja considerado amador, isto é, não profissional. Em parte, devido à ausência de uma lei que regulamente a profissão e, em parte devido ao espontaneísmo em tudo que se refira à organização das competições, o certo é que também inexistem critérios formais e nacionais que regulamentem o julgamento das montarias. Não que não existam regras que permitem algum tipo de uniformidade na atribuição de notas aos competidores. Elas existem e, ainda que não estejam escritas em algum código, a maioria das pessoas acostumadas aos espetáculos de rodeios as conhece e se vale delas em seus julgamentos sobre a maior ou menor justeza de uma nota atribuída pelo juiz a determinado peão.

Segundo essas regras, tanto o peão de cavalo quanto o peão de boi devem estar adequadamente uniformizados, sob pena de a comissão da festa ou o juiz não permitirem que ele participe da competição. O traje obrigatório do peão deve-se compor de botas, calça de couro de montaria, camisa de manga comprida e chapéu, além da espora padrão, isto é, sem pontas aguçadas que possam ferir o animal. A fim de permitir completa liberdade de movimentos ao peão, a calça de couro deverá se ajustar perfeitamente ao seu corpo, sendo abotoada da cintura até a região do joelho. Alguns peões, principalmente de touro, ainda usam um colete de proteção e um capacete no lugar do chapéu, tudo para prevenir acidentes no caso do touro pisotear o peão na hora da queda. Além disso, permite-se que a manga da camisa – que se encontra do lado da mão que segura a rédea no rodeio de cavalos ou a corda americana no rodeio de touros – possa ser arregaçada. A outra, contudo que estiver livre e for obrigatoriamente erguida durante a performance, deverá estar abotoada no punho.

Ainda que, do ponto de vista da organização do rodeio, não faça parte do traje obrigatório do peão, o cinto largo de couro, com grandes fivelas douradas ou prateadas e ornamentado com motivos da vida pastoril, foi adotado, ao longo do tempo, como um dos itens que mais identificam o peão. A fivela é usada como um dos ornamentos que mais chama a atenção em toda a vestimenta estilizada do peão. Tanto que o seu uso generalizou-se por todo o público do rodeio, inclusive pelas mulheres, como um distintivo que remete à idéia de pertencimento a um grupo que se identifica com um determinado movimento cultural a que se denomina movimento *country*.

Para ser classificado, as regras exigem que o peão consiga permanecer oito segundos sobre a montaria. O tempo de cada peão é marcado com o auxílio de um cronômetro e mostrado em um painel eletrônico que fica em cima dos bretes. Todas as performances são repetidamente narradas pelo locutor num ritmo frenético procurando passar aos espectadores o que o peão está sentindo ali na gineteada, além de emocionar toda a platéia e arrancar palmas de todos os presentes.

No rodeio em touros, o peão tem a ampará-lo, de modo a manter o equilíbrio e permanecer oito segundos no touro, apenas uma corda, que é passada em volta do touro, pouco atrás do cupim à qual ele se agarra com uma das mãos para ajudar na sustentação do corpo. Essa corda, que é conhecida como corda americana, em geral é trançada a partir de correias triplas com o objetivo de fazer com que ela se torne, a um tempo, achatada e resistente. Ao montar no touro, depois de untar a luva com breu, o peão segura firmemente na corda americana, dando uma volta sobre a mão com a ponta que passou por dentro da laçada, mantendo o outro braço levantado durante toda a performance. Além da corda americana, o único equipamento que lhe é adicionado é uma correia de sedenho¹¹ que se amarra atrás, entre as ancas e a barriga do touro, tendo como função produzir um certo incômodo, fazendo com que ele pule ainda com maior determinação.

Se no rodeio de touros o equipamento usado se resume à corda americana e ao sedenho, no rodeio de cavalos, além deste último, o animal recebe ainda uma pesada sela que é firmemente atada ao seu dorso através de duas resistentes barrigueiras¹² e uma peiteira¹³, além da rédea que o peão segura com uma das mãos e que o auxilia ou a equilibrar-se ou a sofrer a montaria. Assim, ao contrário do touro, que só recebe sobre o seu lombo o peso do peão, o cavalo tem a contê-lo ainda o acréscimo da sela e da peiteira.

¹¹ Tipo de corda tecida com fios da crina e do rabo das espécies eqüina e bovina, a qual, depois de confeccionada, adquire um elevado grau de aspereza ao ser colocada em contato com a pele.

¹² Utensílio feito de couro ou de alguma espécie de fibra resistente que serve para render a sela ao lombo do cavalo, apertando na região da barriga.

¹³ Correia que liga o lado direito ao esquerdo da sela, passando pelo peito do animal, para que a sela não corra para a anca, desequilibrando o cavaleiro.

Foto 13 - Rodeio em cavalo



Foto: Dalmo Cúrcio, julho,2006.

Depois de subir na cerca do brete e passar para o lombo do animal, o peão iniciará sua performance. No entanto, a porteira só será aberta quando ele der o sinal de que está pronto para dar a partida. A partir desse momento, o peão terá seu tempo cronometrado e todos os seus movimentos estarão sendo observados pelo juiz, que é o responsável pela atribuição de sua nota. O resultado da apresentação, no entanto, não depende única e exclusivamente do peão, parcela igual de responsabilidade cabe ao animal. Já que o objetivo do esporte é a manutenção do peão sobre o animal, quanto maiores forem as dificuldades apresentadas por este, maiores também serão as possibilidades de que o peão obtenha uma boa nota e vice-versa. Em tal contexto, o juiz também leva em consideração, ao julgar uma performance, as dificuldades interpostas pelo animal, em termos de continuidade de saltos aliada à surpresa de movimentos na ação.

A final do rodeio é feita com os cinco peões, de cada categoria, que tiveram as maiores somatórias de notas obtidas durante todos os dias de montarias, e vence aquele que tiver o maior número de pontos. Logo após a somatória dos pontos passa-se para a entrega das premiações, que é o que identifica a Festa do Peão de Cassilândia, por se tratar de uma das únicas festas do gênero a ter como prêmio dois carros 0 km, um para montaria em cavalos e outro para montaria em touros. E a festa finalmente chega ao seu último dia. Foram cinco dias em que houve excesso de comidas, bebidas, fogos de artifício, abraços, jogos, danças, etc.. É com um sentimento misto de tristeza e alívio que os cassilandenses vêm aproximar-se o fim da festa. Com seu encerramento, é também o tempo das festas que cede lugar a um outro tempo cuja natureza não é mais a da agitação e do consumo compulsivo das horas, mas a de um devir moroso em que o que foi é sempre a medida e o prenúncio do que será.

Pode-se imaginar o conjunto de que se constitui a Festa do Peão como uma seqüência lógica de cerimônias que se estrutura como um enredo, iniciando-se com a cerimônia de abertura e terminando com a queima de fogos de artifício. A queima de fogos é uma etapa tipicamente brasileira de toda festa, desde a época colonial, o que pode ser evidenciado nas contundentes observações de Amaral (1998, p. 79):

às luzes e aos adornos, somavam-se os fogos de artifício, cuja presença nas festas da Colônia remonta ao século XVII. [...] O uso de fogos na abertura de festas passou a constituir um veículo da propaganda [...]. Mídia eficiente, pois todos os olhos se interessavam por ela, [...]. Sendo tão fascinante, a artilharia dos fogos de artifício parecia significar a vitória da cultura sobre as forças hostis da natureza, do poder e do tedioso cotidiano.

Em Cassilândia, espera-se que cada festa tenha uma cerimônia de encerramento diferente e criativa. A significação de uma cerimônia de encerramento enquadra-se no conjunto tanto da comemoração quanto das circunstâncias do momento vivido pela comunidade. Nunca é demais acrescentar que um mega encerramento com abundante e colorida queima de fogos conduz tanto aqueles que se encontram presentes ao recinto quanto os que permaneceram em casa a adotar sempre uma posição ritual de elevação dos olhos para os céus, onde as mais diversas formas e cores se alternam.

Fazendo parte do espetáculo pirotécnico, são incluídos alguns quadros com desenhos especialmente preparados para aquele momento, além das imagens de Nossa Senhora Aparecida e do Senhor Jesus, a Comissão Organizadora homenageia aquelas pessoas que faleceram durante o ano e que de alguma maneira fizeram parte da história do município e/ou da Festa do Peão. À medida que rastilhos colocados em torno dos quadros são incendiados, ilumina-se toda a sua área interna e desdobra-se então sobre a área iluminada um pôster enquanto o locutor conta a história dessas pessoas e emociona todos os presentes. Por último, é incendiada uma cascata de fogos no centro da arena anunciando o fim de mais uma festa.

Foto 14 - Cerimônia do adeus no encerramento da Festa de Peão de Cassilândia



Foto: Dalmo Cúrcio, julho,2006.

2.4 O PAPEL DA FESTA DO PEÃO DE BOIADEIRO DE CASSILÂNDIA NO DESENVOLVIMENTO LOCAL DA COMUNIDADE

Um fator de extrema importância para o desenvolvimento local, para Kashimoto, Marinho e Russef (2002), é a cultura popular local na medida que por ser oriunda das relações entre a comunidade do lugar e seu meio (natural e social) permite a configuração da identidade do lugar e de sua população. Afirma assim que a valorização da cultura popular contribui para que a sociedade fortaleça a individualização e a auto-estima diante do outro, numa busca de desenvolvimento original de sua própria criatividade e conforme os seus valores. É premissa para o desenvolvimento se conhecer em profundidade a identidade, cultura local, reconhecer essa auto-identificação cultural de forma a se tornar protagonista do seu processo de desenvolvimento local.

Para dimensionar sobre cultura e desenvolvimento Kliksberg (2001), cita Arizpe (1998) e Iglesias (1997). Assim temos Arizpe (1998) assinalando que a cultura passou a ser o último aspecto inexplorado dos esforços que se desenvolvem em nível internacional, para fomentar o desenvolvimento econômico. Iglesias (1997) ressalta que há múltiplos aspectos na cultura de cada povo que podem favorecer seu desenvolvimento econômico e social; é preciso descobri-los, potencializá-los, e apoiar-se neles, e fazer isto com seriedade significa rever a agenda do desenvolvimento de um modo que resulte posteriormente, mais eficaz, porque tomará em conta potencialidades da realidade que são de sua essência e que, até agora, foram geralmente ignoradas. Para Kliksberg o desenvolvimento cultural é um fim em si mesmo nas

sociedades, avançar neste campo significa enriquecer espiritual e historicamente uma sociedade e seus indivíduos.

A questão direcionada ao desenvolvimento é que este deve ser analisado como movimento sinergético que estabelece estabilidade dinâmica e integrada aos grupos aos quais favorece, priorizando fundamentalmente o desenvolvimento humano na condição de satisfação de seu bem-estar e não de suas necessidades materiais. Sob esse aspecto Suárez (2004, p. 23) relembra que:

El enfoque sistémico (multidisciplinario, interdisciplinario y transdisciplinario) implica abordar la problemática del desarrollo local desde la perspectiva de todos los elementos que conforman el sistema en interacción con su entorno, lo que implica necesariamente considerar múltiples dimensiones interactuando en un territorio dado: económicas, sociales, políticas, institucionales, culturales, etc. Son dimensiones que se condicionan mutuamente. El desarrollo local se plantea como una estrategia integradora, que incluye todos los aspectos de la vida local.

Franco (2002) considera o desenvolvimento em seus aspectos humanos, sociais e sustentáveis, pois uma sociedade que desconheça suas potencialidades endógenas e considere apenas o fator econômico como viabilização do seu desenvolvimento está fadada a sua auto-destruição, já que em seu meio a melhoria nos padrões de vida não seja aplicável a toda camada da população. Em outras palavras, poderá ocorrer crescimento sem desenvolvimento e a reversão para tal quadro é concentrar o processo na composição do capital social e humano, objetivando-se condicionantes de desenvolvimento a toda sociedade.

Correa (2003) menciona os estudos de Castilhos (2001) a respeito de capital social e manifesta a idéia de que o conceito de capital social procura dar mais significado à presença e à qualidade das relações sociais para o desencadeamento do processo de desenvolvimento. Capital social significa relações sociais institucionalizadas na forma de normas ou de redes sociais. Estas relações sociais são institucionalizadas porque representam acúmulos de práticas sociais culturalmente incorporadas na história das relações de grupos, comunidades ou classes sociais.

Para Putnam, citado por Correa (2003), capital social é “o conjunto de características da organização social, onde se inclui as redes de relações, normas de comportamento, valores, confiança, obrigações e canais de informação”. O capital social

quando existente em uma região, torna possível a tomada de ações colaborativas que resultam no benefício para toda comunidade. Coleman *apud* Correa (2003) advoga que o capital social é produtivo e possibilita a realização de certos objetivos que não seriam alcançados sem ele.

Em seu texto, Fukuyama (1996) discute os princípios do capital social como sendo o conjunto de valores ou normas informais, comuns aos membros de um grupo que permitem a cooperação entre eles. Argumenta que é uma capacidade que decorre da prevalência de confiança numa sociedade ou em certas partes dessa sociedade que pode estar incorporada no menor e mais fundamental grupo social, a família, assim como no maior de todos os grupos, a nação, e em todos os demais grupos intermediários.

No aporte de Fukuyama (1996, p. 41), confiança é “ a expectativa que nasce no seio de uma comunidade de comportamento estável, honesto e cooperativo, baseado em normas compartilhadas pelos membros dessa comunidade”. Vale ressaltar que a confiança é o que torna mais eficiente o funcionamento de qualquer grupo ou organização. O bem-estar de um grupo social, bem como sua capacidade de competir está ligada ao nível de confiança inerente à sociedade.

A confiança brota quando a comunidade compartilha um conjunto de valores morais de forma tal, que cria uma expectativa de comportamento honesto e equilibrado. Os valores ganham importância ao serem compartilhados. Quanto mais exigentes forem os valores do sistema ético da comunidade, maior será o grau de solidariedade e confiança mútua entre os seus componentes (FUKUYAMA, 1996).

Sob essa óptica, o capital social refere-se a capacidade que os indivíduos possuem para gerar relações sociais baseadas em reciprocidade e confiança nas suas comunidades, além do potencial organizativo que estas mesmas comunidades possuem. Desenvolver o capital social significa fortalecer a sociedade civil por meio de políticas que melhorem a confiança, também implica propiciar o crescimento da associatividade e contribuir para fazer amadurecer a consciência cívica.

Em seu texto, Falácia e Mitos do Desenvolvimento Social, Kliksberg (2001) discute os fatores cruciais para o desenvolvimento agrupados na idéia de capital social: o clima de confiança entre as pessoas de uma sociedade e com respeito a suas instituições e

líderes, o grau de associatividade, ou seja, a capacidade de criar esforços associativos de todo tipo e o nível de consciência cívica, além da atitude quanto aos problemas coletivos. Ainda relembra que estudos do Banco Mundial atribuem ao capital social e ao capital humano 2/3 do crescimento econômico dos países e diversas pesquisas dão conta dos significativos impactos do capital social sobre a performance macroeconômica, a produtividade microeconômica, a governabilidade democrática, a saúde pública e outras dimensões.

Kliksberg (2001) além de referenciar os precursores das análises do capital social, Putnam e Coleman já mencionados, também evidencia os pensamentos de Newton (1997) e Baas (1997) sobre este conceito. Newton (1997) argumenta que o capital social pode ser visto como um fenômeno subjetivo, composto de valores e atitudes que influenciam como as pessoas se relacionam entre si. Inclui confiança, normas de reciprocidade, atitudes e valores que auxiliam as pessoas a transcender relações conflituosas e competitivas para conformar relações de cooperação e ajuda mútua. Baas (1997) afirma que o capital social tem a ver com a coesão social, com identificação, com as formas de governo, com expressões culturais e comportamentos sociais que fazem a sociedade mais coesiva e mais do que uma soma de indivíduos. Considera que os arranjos institucionais horizontais têm um impacto positivo na geração de redes de confiança, bom governo e eqüidade social. O capital social desempenha um papel importante ao estimular a solidariedade e superar as falhas do mercado por meio de ações coletivas e uso comunitário dos recursos.

O capital social, à margem das especulações e buscas de precisão metodológicas, por princípio válido e necessário, está operando na realidade cotidiana e tem grande peso no processo de desenvolvimento. E como destaca Stiglitz (1998), também citado por Kliksberg (2001), são estratégias para o desenvolvimento econômico as capacidades existentes numa sociedade para resolver disputas, impulsionar consensos, consertar o Estado e o setor privado. Outra fundamental observação feita sobre capital social é a citação de Hirschman (1986) apresentada por Kliksberg (2001), que indica que o capital social se trata da única forma de capital que não diminui ou se esgota com o uso que, pelo contrário, a faz crescer.

É este tipo de capital que se encontra na comunidade cassilandense na realização da Festa do Peão de Boiadeiro, a cidade encontra-se envolta pelo clima de confiança, associatividade, solidariedade e reciprocidade. O território passa a constituir um espaço estratégico para fomentar o exercício da cidadania, baseada no conhecimento e orientada por

valores territoriais. Nesse espaço é possível articular os movimentos sociais, a identidade cultural, as práticas sociais e os processos de produção e de conhecimentos. Reúnem-se, sob o mesmo teto, inúmeras famílias que formam por sua vez, uma momentânea e monumental família, configurando-se um princípio comunitário de união e confraternização. E, na troca de experiências e de atitudes muitas vezes opostas, chegam a um ideal em que as diferenças e a hierarquia são temporariamente suspensas. O discurso dos cassilandenses em geral a respeito dessa celebração repete constantemente que “ela apaga temporariamente as diferenças de classe, preserva os costumes e atrai turistas”.

A comida, também na festa do peão, principalmente no dia do desfile de tropas quando é feito o churrasco na praça, como nas festas em geral, assume um caráter simbólico de alta importância. Existe um reconhecimento nas festas, de que, em tempos de exceção, a comida partilhada deve ser diferente ou especial. E, por meio desse compartilhar de alimentos, revigoram-se os laços de solidariedade, de ajuda mútua, de pertencimento. A mesa farta e comum promove a comunhão da sociedade consigo mesma, provoca a criação de novas relações, regras inesperadas e hierarquias redistribuídas em relação à mesa e aos alimentos. Na euforia dos prazeres da mesa, as fronteiras parecem apagar-se, dissolverem-se ou ocultarem-se antagonismos ideológicos e políticos e as controvérsias de todos os tipos, pois a mesa iguala os homens naquilo que lhe é fundamento natural: a necessidade do alimento e da sociedade para viver (AMARAL, 1998).

A respeito dos conceitos de solidariedade e coesão, Ávila *et alii* (2001, p.41-42) revelam que apesar de se tratar de fenômenos interconexos, não significam a mesma coisa, e advogam que “a solidariedade representa o estado de ânimo que gera volitivos, afetivos e efetivos laços de mobilização e cooperação, visando a solução de problemas, necessidades ou aspirações coletivas e/ou individuais [...]”, enquanto a coesão se caracteriza “pela real concretização do estado de mobilização e cooperação de um grupo de pessoas, pequeno ou grande”. Em tal perspectiva, pode-se sugerir a idéia de que solidariedade são os laços que unem cada elemento ao grupo e é responsável pela coesão entre os homens, variando de acordo com o tipo de organização social.

Em leitura análoga e relacionando solidariedade, coesão e desenvolvimento local entende-se que as pessoas podem se educar para o aumento e aperfeiçoamento de aspectos qualitativos e quantitativos tanto da solidariedade como da coesão. As pessoas podem se

educar para tornarem os atos de mobilização e cooperação, cada vez mais lógicos, viáveis, agradáveis, eficientes e significativos. A educação de pessoas e grupos comunitários para a solidariedade e a respectiva coesão constitui aspecto estrategicamente fundamental no contexto de toda a dinâmica do desenvolvimento local. (ÁVILA *et alii*, 2001)

Correa (2003) evidencia o raciocínio segundo o qual, conceitualmente, o desenvolvimento local é endógeno e pode ser caracterizado como um modelo de desenvolvimento centrado nas comunidades locais, rurais e urbanas, que poderão passar a desenvolver estratégias e criar ou captar meios para implementar processos permanentes de mobilização, organização e endogeneização de capacidades, competências e habilidades da comunidade. Ele é originário da mobilização de forças sociais solidárias e inteligentes quando a comunidade transforma-se no próprio sujeito do desenvolvimento no seu espaço de vida, ampliando suas margens de manobra e autonomia nas decisões a respeito de seus destinos.

A questão direcionada ao desenvolvimento é que este deve ser analisado como movimento sinergético que estabelece estabilidade dinâmica e integrada aos grupos aos quais favorece, priorizando fundamentalmente o desenvolvimento humano na condição de satisfação de seu bem-estar e não de suas necessidades materiais. Nesta vertente o desenvolvimento local remete à questão das relações sociais de confiança e solidariedade, viver em comunidade, sentimento de pertença, iniciativas globais dando lugar às idéias e iniciativas locais (criatividade), por meio da participação popular.

Martín (2001) sugere a idéia de que o desenvolvimento local é o resultado da ação conjunta articulada do conjunto dos diversos agentes sociais, culturais, políticos e econômicos, públicos e privados, existentes no espaço local (município) na construção de um projeto estratégico que oriente suas ações a longo prazo, e que sua promoção depende principalmente da capacidade de organização desses agentes locais para a gestão dos recursos locais e de sua capacidade de enfrentar/confrontar os fatores externos.

Dessa forma, pode-se entender o desenvolvimento local como um processo dinamizador da sociedade para melhorar a qualidade de vida da comunidade local, sendo o resultado de um compromisso que implica mudanças de atitudes e comportamentos de instituições, grupos e indivíduos.

Le Bourlegat (2000) e Martín (2001) defendem os seguintes princípios do desenvolvimento local:

- A força do lugar – relações horizontais (redes horizontais de interação visando o fortalecimento do local para sobreviver à globalização vertical);
- O lugar como espaço de solidariedade ativa – quando a solidariedade social exercida no lugar é intensificada, gera um sentido de força impulsora do desenvolvimento e um caminho para solução de dificuldades na vida das pessoas;
- A cultura popular local – busca o desenvolvimento da criatividade em conformidade com os seus valores, a melhor ajuda para a libertação de um povo é aquela dirigida à conservação e recuperação de sua identidade e de sua cultura porque culturas autônomas têm potencialidades capazes de revitalizar as sociedades;
- Articulação e uso dos recursos naturais e sociais locais e a decisão política sobre o modo de utilização econômica desses recursos.

Em suas contundentes observações, ÁVILA (2000, p. 68) aponta para a idéia de que:

o “núcleo conceitual” do desenvolvimento local consiste essencialmente no efetivo desabrochamento das capacidades, competências e habilidades de uma “comunidade definida” (portanto com interesses comuns e situada em determinado território ou local com identidade social e histórica), no sentido de ela mesma se tornar paulatinamente apta a agenciar e gerenciar (diagnosticar, tomar decisões, planejar, agir, avaliar, controlar, etc.) o aproveitamento dos potenciais próprios, assim como a “metabolização” comunitária de insumos e investimentos públicos e privados externos, visando à processual busca de soluções para os problemas, necessidades e aspirações, de toda ordem e natureza, que mais direta e cotidianamente lhe dizem respeito.

Gabriela Isla Martins (2001) e Cid Isidoro Demarco Martins (2001) mencionam os estudos de Gonzales (1998) e Bryant (1992) a respeito de desenvolvimento local e enfatizam a participação e o comprometimento das pessoas da comunidade com o objetivo de melhorar as condições de vida da população a partir dos recursos, potencialidades e iniciativas locais.

Martins (2002) chama atenção quando ressalta que o verdadeiro diferencial do desenvolvimento local não se encontra em seus objetivos (bem-estar, qualidade de vida, endogenia, sinergias,etc.), mas na postura que atribui e assegura à comunidade o papel de agente e não apenas de beneficiária do desenvolvimento.

Em perspicaz e recente análise em seu texto *Realimentando Discussão sobre Desenvolvimento Local*, Ávila (s.d., p. 9) assegura a idéia de que deve-se entender o desenvolvimento local como “processo de desenvolvimento cultural e socioeconômico emergente de dentro-para-fora da própria comunidade-localidade, em escala emancipatória que a alce à condição de sujeito e não de mero objeto-mesmo-que-participante desse processo.”

Para os autores o reconhecimento dos recursos físicos e humanos dá o caráter endógeno ao processo de desenvolvimento local, e exigem o processo prévio de motivação dos agentes participantes. Além disso, sublinham que este processo é um conjunto original de estratégias que devem ser adequadas a um território, que conta com a participação ativa e solidária da população que nele habita, para encontrar formas viáveis, sustentáveis, contínuas e organizadas de utilização integrada dos recursos materiais, naturais e humanos disponíveis, em prol da obtenção de melhorias no bem-estar deles mesmos.

Martins (2002) sustenta que o desenvolvimento endógeno seria aquele balizado por iniciativas, necessidades e recursos locais, tal como uma comunidade que de fato se conduz a caminho do desenvolvimento, ou da promoção do seu bem-estar, no entanto entende que criar condições para que a comunidade efetivamente exerça este protagonismo se afigura como o maior desafio para que o desenvolvimento local aconteça, considerando que, em algumas realidades locais persistem algumas ausências importantes: da cidadania, da identificação sociocultural e territorial e do sentido de vizinhança.

Em tal contexto, enfatiza-se que a essência do desenvolvimento local é preenchida por uma proposta humanista, holística e ecológica; configurando-se como uma estratégia de planejamento e ação em contraponto ao progresso material (acúmulo de riqueza), pessoal (ganhar a vida) e ilimitado (quanto mais, melhor). Seria oportuno relembrar que é produto da iniciativa compartilhada, da inovação e empreendedorismo comunitários.

O desenvolvimento local valoriza o local como referência territorial (sentido de lugar) por apoiar-se na solidariedade comunitária, nesse sentido Le Bourlegat (2000) advoga que a força do lugar (ordem local) reside no território compartilhado e identificado por uma consciência social e comunitária de entorno, cuja essência é a própria história vivida em comum .

Milani e Cunha (2005, p. 1) afirmam que o desenvolvimento local, definido enquanto “projeto-processo consciente e coletivo de transformação social, situado histórica e geograficamente, resulta de um conjunto de fatores culturais, econômicos e políticos caracterizadores da realidade social”. Neste “projeto-processo”, há significativo grau de interdependência entre os diversos segmentos que compõem a sociedade e os agentes presentes em diferentes escalas econômicas e políticas. Portanto, é fundamental pensar o desenvolvimento local também como fruto de relações de conflito, competição, cooperação e reciprocidade entre atores, interesses e projetos de natureza social, política e cultural. A cultura é fator determinante e estruturante de políticas de desenvolvimento local e de formação de uma cidadania ativa e mobilizada.

Segundo as análises de Beni (2006), o desenvolvimento local visa atender às necessidades e demandas da população local por meio da participação ativa da comunidade envolvida. Mais do que obter ganhos em relação à posição do sistema produtivo local na divisão nacional ou internacional do trabalho, o objetivo é buscar o bem-estar social, cultural e econômico da comunidade, o que leva a diferentes caminhos de desenvolvimento, conforme as características e capacidades de cada sociedade. O desenvolvimento local consiste em um enfoque territorial do desenvolvimento e do funcionamento do sistema produtivo. O território é um agente de transformação, não mero suporte dos recursos e atividades econômicas, sociais e culturais, pois existe interação entre as empresas, as instituições e a comunidade, que se organizam para desenvolver a sociedade e a economia. O ponto de partida para uma comunidade territorial está no conjunto de recursos econômicos, humanos, institucionais e culturais formadores de seu potencial de desenvolvimento.

O presidente do Sindicato Rural de Cassilândia em sua entrevista ressalta algumas das características existentes entre os organizadores do evento e que, de acordo com o exposto, são necessárias em um processo de desenvolvimento local, destacando-se em ordem de importância a solidariedade, a cooperação, a amizade e a confiança. No entanto, afirma que apesar de serem menos presentes, os conflitos e a desunião surgem em determinados momentos, mas são logo minimizados pela coesão do grupo. Outro aspecto observado por Eltes de Castro diz respeito aos fatores de convergência e divergência apresentados na comunidade durante a realização do evento. Ele aponta como fatores de convergência o espírito festivo, o entretenimento e a elevação da auto-estima que fortalecem os laços de

solidariedade e a coesão comunitária, além do aquecimento da economia local promovido pelo aumento do movimento no comércio local, provocado tanto pela comunidade quanto pelos turistas que vêm para o evento. Indica como fatores de divergência as contratações de *shows*, tropas, boiadas e locutores e também o preço do ingresso do evento.

Vale observar que a comunidade deve ser a verdadeira protagonista do seu desenvolvimento, aproveitando esses fatores de convergência e trabalhando para minimizar os fatores de divergência apresentados no processo. A comunidade apresenta, com sua identidade própria e fortalecimento de suas capacidades, habilidades e competências, condições para se mobilizar, convocar as vontades das pessoas que compõem o meio social para que o processo de execução de um projeto de desenvolvimento local conte com o engajamento necessário do maior número possível de membros da comunidade, a fim de compartilhá-lo e distribuí-lo de modo que as pessoas sintam-se co-responsáveis por ele e passem a agir em conjunto com os demais atores na tentativa de realizá-lo. Os efeitos positivos do desenvolvimento local dependem da incorporação do território socialmente organizado, das capacidades das populações locais de agir com criatividade a partir da produção do conhecimento (BENI, 2006).

Tais referências permitem inferir a idéia de que o desenvolvimento local está relacionado com o uso efetivo das capacidades, competências e habilidades das comunidades e com a identidade social, cultural e histórica própria e territorialmente delimitada. Isto é possível por meio do empreendimento e gestão sustentável dos seus fatores potenciais, assim como pela incorporação de conhecimentos e a transformação de possibilidades externas em oportunidades internas, de modo a solucionar problemas ou atender necessidades locais. É essencial observar que é exatamente isto que se verifica na comunidade cassilandense quando ela se organiza na época da Festa do Peão de Boiadeiro.

Para se ter uma idéia aproximada da transformação que se opera na cidade durante todo o período da atividade festiva, mas principalmente no decorrer dos últimos três dias, quando a cidade se enche de gente, carros, bicicletas, comida, som, cores e risos, devem-se comparar sua agitação não com o período que a antecede imediatamente, mas com a calma, o silêncio e o tédio que invariavelmente chegam com o fim das festividades. Tanto em direção ao passado quanto em direção ao futuro, tomando-se os últimos três dias de festa como clímax dos cinco dias em que a cidade praticamente pára e passa a conviver com novas experiências

e, portanto, também com a definição de novos comportamentos compatíveis com o novo momento, é possível pensar em ondas mais ou menos graduais e concêntricas de agitação, que vão se transformando em calmaria à medida que se afastam desse ápice.

Decrescente tanto em relação ao passado quanto ao futuro, é, porém, comparando-se com este último, que se pode ter a exata medida da disparidade entre ambos. Não é exagerado lembrar que, nesse caso, a medida da diversidade não deve recair sobre um momento imediatamente posterior ao fim da festa (segunda e terça), pois este ainda é um momento em que todos os visitantes com parentes na cidade ainda não regressaram aos lugares de onde vieram e todos os vestígios da comemoração ainda não desapareceram. Assim, na quarta-feira, depois do barulho e da agitação dos últimos dias, uma pessoa passa pela praça e ouve o silêncio que paira sobre ela e sente a calma que contrasta com a balbúrdia dos derradeiros dias, é como se a vida houvesse parado e a cidade tivesse adormecido à espera de que voltasse o tempo.

A cotidianidade e o ordinário pertencem, pois, a um tempo diverso do tempo desta celebração. Envolvida pela aura de uma engrenagem temporal que toca as coisas da cidade, como se elas pertencessem à natureza própria dos elementos que a compõem, as pessoas passam a compreender o calendário não mais como uma divisão uniforme entre doze meses que se organizam em duas metades para formar os semestres, mas em duas partes extremamente desproporcionais. A primeira parte corresponde ao período que vai do final da Festa do Peão até o início da próxima edição dessa comemoração. Dito assim, pode parecer que os longos meses que compõem esse período se organizam, por sua vez, mais ou menos uniformemente em torno da expectativa da festa seguinte. Essa impressão é falsa. Também esse período tem suas subdivisões, cada uma das quais tira sua realidade da relação simbólica que mantém, seja com as festas que passaram, seja com as festas que virão.

Em um primeiro momento, toda a referência volta-se para a festa que passou. Esse é o momento em que toda comunidade realmente envolvida com a atividade festiva procura contabilizar suas perdas e ganhos, procurando retirar lições para a realização das próximas. O presidente do Sindicato Rural procura, então, através de todos os meios de que dispõe, informar à população a respeito de quanto rendeu a festa. Mas esse momento não é passível apenas de mensuração quantitativa expressas, seja no ganho do comércio local, das barraquinhas ou na arrecadação do sindicato. Ele é traduzido também pela melancolia que

vem envolta nas recordações alegres ou tristes que a celebração trouxe para cada um dos cassilandenses.

Vencido este período, cujo tom principal no estado psicológico das pessoas é dado pela tristeza que a cotidianidade impõe, sobrevém um momento de espera propriamente dito. Nesse momento, a comemoração que passou já não é tão lembrada como imediatamente após o seu término, ao mesmo tempo em que a próxima não passa ainda de uma expectativa, de uma virtual possibilidade que as tarefas do dia-a-dia ainda não permitiram que se transformasse de novo no espírito festivo. Este, por sua vez, será revivido novamente a partir de meados de junho, quando a cidade voltar a fervilhar no trabalho de organização da festa que dali a pouco a tirarão da enorme letargia em que se encontra há meses.

Alguns preparativos começam muito antes de julho, tais como, contratação dos locutores do rodeio, dos tropeiros, convite aos peões, arrecadação da premiação e são distribuídos cartazes. Segundo o presidente do Sindicato Rural de Cassilândia (2007),

[...] o tempo necessário para realização da Festa do Peão de Cassilândia é de no mínimo 10 meses. Ao terminar uma festa, já começamos a fazer a próxima de forma que, a festa que terminou em julho de 2007, de outubro até dezembro de 2007, já se fizeram os contatos necessários para a festa que acontecerá em julho de 2008. Do contrário corre-se o risco de não se achar bons *shows*, as melhores boiadas e tropas, etc (INFORMAÇÃO ORAL).

O *marketing* da festa entra em ação, atingindo várias cidades e contagiando a comunidade cassilandense com o clima da celebração. Para que tudo isso aconteça e o evento seja um sucesso, o número de pessoas envolvidas na organização é variável, pois depende da participação dos diretores, de acordo com o presidente Eltes de Castro “quem organiza a festa é a diretoria, alguns voluntários da comunidade e outros contratados. Somos 23 diretores e 02 funcionários do sindicato, mas nem todos trabalham e participam” (informação oral). Para tanto, a diretoria do Sindicato Rural é dividida em comissões que serão responsáveis pela organização do evento, sendo as principais comissões: comissão de *show*, comissão de limpeza, comissão do rodeio, comissão de venda dos terrenos, comissão da exposição e comissão de segurança. Cada comissão tem um presidente que deve ser um diretor do sindicato e o mesmo monta sua equipe de trabalho, podendo ser formada apenas por diretores, por voluntários e/ou pessoas contratadas.

Quando chega a semana da Festa do Peão de Boiadeiro de Cassilândia, todos já estão tomados pelo sentimento da solidariedade, associatividade, confiança, reciprocidade e pertencimento ao local. A celebração é pautada pela alegria geral, integração social e cooperação. O som do rodeio é contagioso, exuberante e não há quem não ceda à tentação de ir assistir ao rodeio e parar para ouvir os versos do locutor.

A Festa se revela então como um momento em que além da descontração, do desregramento, da revitalização histórica, da valorização da cultura e da identidade local, é possível renovar as relações pessoais e entrar em contato com idéias e modos de vida diferentes, estabelecendo possibilidades novas que sem essa atividade festiva não aconteceriam. Vale ressaltar que ela tem o papel de aglutinadora de forças que poucas vezes se vê na população cassilandense, tal fator é determinante para inferir-se a idéia de que essa atividade possui aspectos que podem ser aproveitados e que são determinantes, não apenas para a organização dessa celebração, mas para o desencadeamento de um processo de desenvolvimento local.

3 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS COLETADOS

Neste capítulo são apresentados, analisados e interpretados os dados coletados durante o período da pesquisa sobre a Festa do Peão de Boiadeiro de Cassilândia. Os dados da pesquisa são apresentados por meio de tabelas, gráficos e análise teórica, em sua maioria. O enfoque principal será demonstrado, pela análise interpretativa dos resultados, de forma sintética. Ver-se-á que esta comemoração pode servir de exemplo para a riqueza que à primeira vista não parece, mas fica exposta quando feita a análise dos dados e relaciona-se com alguns aspectos do desenvolvimento local para melhor compreender a ponte entre cultura, identidade e desenvolvimento.

No aporte de Elizalde (2002, p. 125) a definição de desenvolvimento baseia-se na idéia de que:

La noción de desarollo se refiere al despliegue del potencial interno contenido en cada ser humano y en toda forma de vida, incluso aún en las más simples. La sustentabilidad tiene que ver con la adaptación del contexto, es decir, del potencial externo, que a su vez es la condición de posibilidad y el producto o resultado del desarollo.

Observa-se que o desenvolvimento deve partir das próprias pessoas que fazem parte da comunidade e não de uma instituição governamental, ou não governamental. Vem ao encontro da proposta do desenvolvimento local onde o primeiro passo é o “desabrochamento das capacidades, competências e habilidades de uma comunidade definida” (ÁVILA, 2000, p. 68). O máximo que os agentes externos de desenvolvimento podem fazer é propor idéias, sensibilizando o local. Contudo, as opiniões propostas devem ser contextualizadas com a cultura e o modo de vida das pessoas daquele lugar, e a sensibilização não deve ser apenas um jogo de sedução, mas sim, um diálogo entre as partes envolvidas.

Por meio da sensibilização o valor humano é ressaltado, mostrando, assim, as capacidades e como a comunidade pode agir e modificar o meio em que vive. A auto-estima, a solidariedade, a confiança, entre outros fatores apresentados anteriormente e verificados na

comunidade na época de realização da Festa do Peão de Cassilândia e que atuam como pilares do desenvolvimento local, devem ser utilizados para a promoção de seu próprio desenvolvimento.

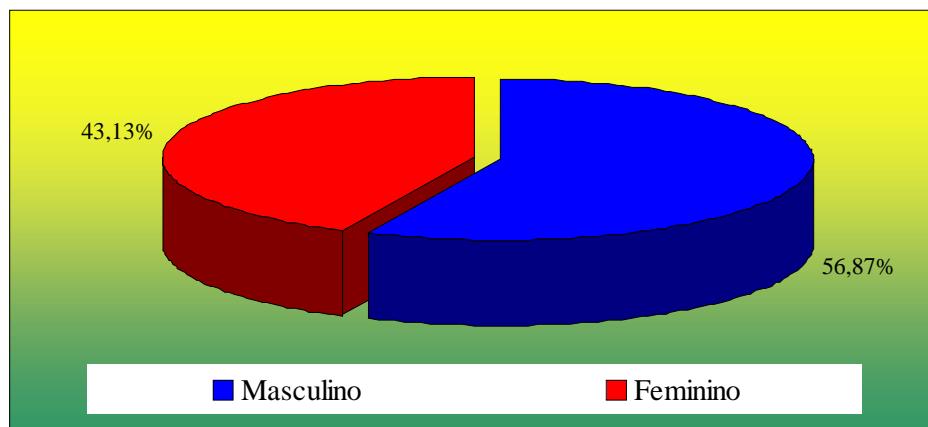
Buscando apreender dimensões do universo do conhecimento inseridas na comunidade, destacando o perfil de quem participa desta manifestação cultural, realizou-se entrevistas entre os dias 26 e 30 de julho de 2006 no local do evento, visando entender o significado e percepção da territorialidade da festa e as implicações dela decorrentes. Além disso, entender o significado sócio-econômico desta atividade festiva para o município de Cassilândia, voltado para a produção do conhecimento, contribui para uma futura gestão de qualidade na perspectiva da consolidação do município como um importante pólo turístico regional por meio do turismo de eventos. A adoção de políticas de gestão de desenvolvimento pela governança local, pode, com os resultados da pesquisa, transformar a Festa do Peão de Cassilândia em um instrumento de desenvolvimento local efetiva.

3.1 DADOS PESSOAIS DOS ENTREVISTADOS

3.1.1 Sexo

Tabela 1 - Sexo

	Qtde	Percentual
Masculino	323	56,87
Feminino	245	43,13
Total	568	100,00

Gráfico 1 - Sexo

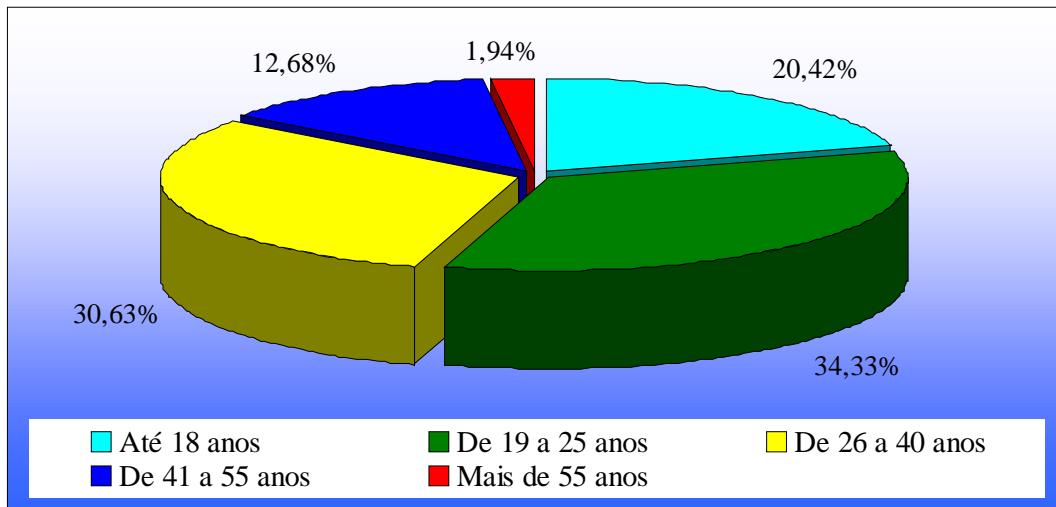
Observa-se no Gráfico 1, que apesar da maior parte dos entrevistados na 36^a Festa do Peão de Boiadeiro de Cassilândia ser do sexo masculino, 56,87% dos participantes, a participação dos representantes do sexo feminino, 43,13% dos entrevistados, também é relevante. Esses dados demonstram o interesse tanto de homens quanto de mulheres na comemoração, ambos participam do evento praticamente na mesma proporção.

O desenvolvimento local enfatiza a participação da população em decisões supondo a existência de capacidade de gestores locais em contribuir para a melhoria da qualidade de vida da população (VILLAR MARTINS, 2000). Neste caso o gestor pode ser tanto homem como mulher, que poderá diversificar as políticas, visando ao desenvolvimento e a interação entre as pessoas da comunidade e atendendo aos interesses de todos.

3.1.2 Idade

Tabela 2 - Idade

	Qtde	Percentual
Até 18 anos	116	20,42
De 19 a 25 anos	195	34,33
De 26 a 40 anos	174	30,63
De 41 a 55 anos	72	12,68
Mais de 55 anos	11	1,94
Total	568	100,00

Gráfico 2 - Idade

Neste Gráfico 2, foi levantada a faixa etária dos entrevistados, onde os participantes com faixa etária até 55 anos se dividem em partes quase iguais de distribuição. Entretanto, nota-se que a participação das pessoas com mais de 55 anos é muito pequena, haja vista que esta celebração acontece no período noturno e as pessoas com mais idade preferem as atividades que acontecem durante o dia.

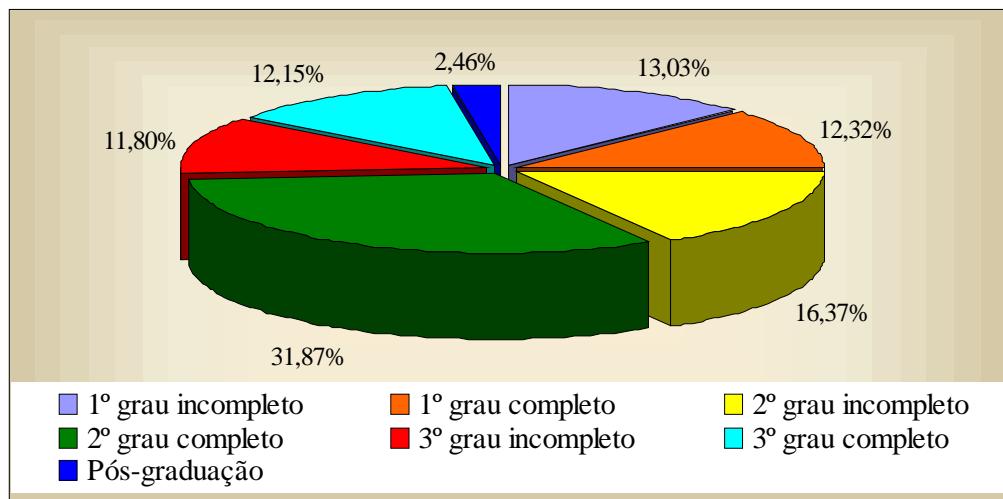
Ressalta-se que, de um modo geral, a idade das pessoas, a priori, poderia influenciar seus projetos de vida, os mais jovens, com maiores expectativas estariam mais propensos a promover projetos com maior durabilidade e riscos, enquanto os mais idosos estariam mais desejosos de segurança e tranquilidade (RIBEIRO, 2003). Assim, os participantes do evento em estudo tendem a um processo de socialização preparando-se para preencher adequadamente seu lugar na sociedade, para garantir o seu ajustamento no ambiente em que vivem. Este modo de vida constitui o patrimônio cultural da sociedade e inclui as técnicas de domínio da natureza, os costumes que regulam o trato com outras pessoas, interagindo na comunidade onde vivem.

3.1.3 Escolaridade

Tabela 3 - Escolaridade

	Qtde	Percentual
1º grau incompleto	74	13,03
1º grau completo	70	12,32
2º grau incompleto	93	16,37
2º grau completo	181	31,87
3º grau incompleto	67	11,80
3º grau completo	69	12,15
Pós-graduação	14	2,46
Total	568	100,00

Gráfico 3 - Escolaridade



No Gráfico 3, foi levantada a escolaridade das pessoas que vão à Festa do Peão de Boiadeiro de Cassilândia, onde pode ser verificado que na sua maioria, as mesmas só tem o Ensino Fundamental e Ensino Médio, verificando assim, a falta de capacitação profissional, a qual proporcionaria a melhoria na qualidade de trabalho e consequentemente a auto-estima das pessoas. O desenvolvimento depende essencialmente do papel catalisador de um projeto elaborado por atores locais, os quais devem estar capacitados para iniciar um desenvolvimento endógeno. Sem uma capacitação adequada o ator dificilmente terá condições de realizar uma política sistêmica, que possa integrar o conjunto de aspectos do desenvolvimento local.

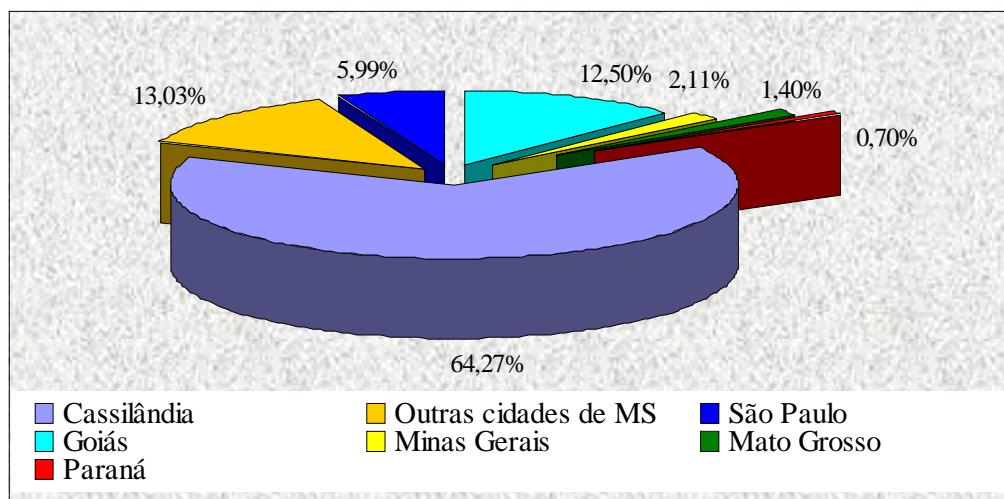
Segundo Brusco, citado por Veiga (2002, p. 11-12), “três lições tiradas da experiência italiana são muito importantes para que haja o desenvolvimento local: a) a necessidade de combinar concorrência com cooperação; b) a necessidade de combinar conflito com participação; e c) a necessidade de combinar o conhecimento local e prático com o científico”.

3.1.4 Local de residência

Tabela 4 - Local de residência

	Qtde	Percentual
Cassilândia	365	64,27
Outras cidades de MS	74	13,03
São Paulo	34	5,99
Goiás	71	12,5
Minas Gerais	12	2,11
Mato Grosso	8	1,40
Paraná	4	0,70
Total	568	100,00

Gráfico 4 - Local de Residência



Ficou claro que, como mostra o Gráfico 4, a maioria dos entrevistados reside em Cassilândia, 64,27%. No entanto, nota-se também que o evento atrai muitos turistas, 35,73%, para a cidade, divididos entre os “filhos do lugar” que vêm para prestigiar a comemoração, e aqueles que vêm atraídos pela magnitude da festa.

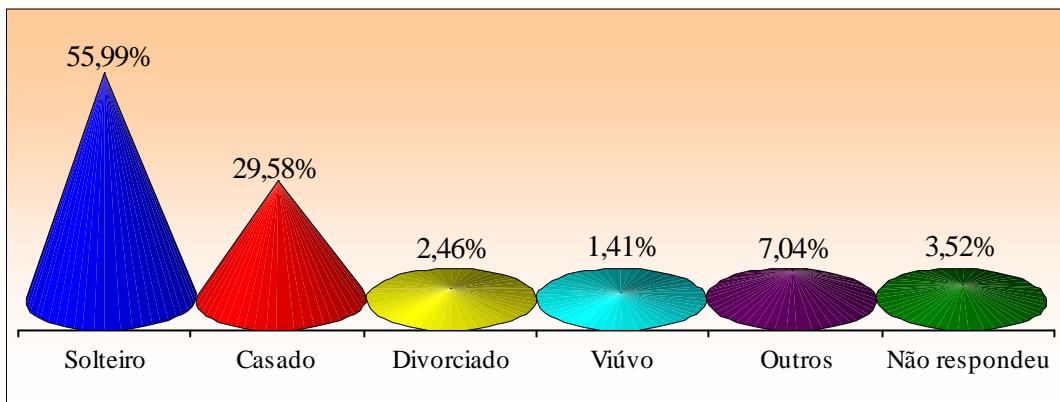
A perspectiva da Festa do Peão de Cassilândia transforma a cidade e o espírito das pessoas, que parecem sentir uma irresistível atração e afinidade pela comemoração. Esta atividade festiva vem se transformando, atualizando-se em função das expectativas dos participantes, demonstrando a grande capacidade adaptativa das tradições, capazes de se reinventarem sempre que necessário e, assim, esta celebração está sendo descoberta não apenas pela população local como modo de identidade, mas também pela mídia, pelo turismo e pelos turistas. É este aspecto que a configura como a 5^a melhor Festa do Peão do Brasil.

O crescimento desta festa proporcionará grandes mudanças nas bases econômicas e culturais da população cassilandense, que além da pecuária terá como atividade produtiva aliada o turismo de eventos. Verifica-se que a comunidade preza e se orgulha do crescimento de sua comemoração e da presença cada vez maior de turistas, o que significa a valorização de suas práticas tidas até então como coisas de “caipiras”. De acordo com Amaral (1998), o desenvolvimento tem um ritmo particular, sustentado pelos interesses turísticos e econômicos, mas também pelo incentivo da população local, que participa ativamente, introduzindo inclusive novos elementos na festa. O desenvolvimento do turismo de eventos, tendo como evento precursor e mais importante a Festa do Peão, pode se converter em uma alternativa para o desenvolvimento local da cidade, como medida para a diversificação da economia, contribuição para o desenvolvimento social por meio da valorização da identidade cultural, geração de ocupações produtivas de renda ocasionada pelo incremento no comércio local provocado pela vinda de turistas.

3.1.5 Estado civil

Tabela 5 - Estado civil

	Qtde	Percentual
Solteiro	318	55,99
Casado	168	29,58
Divorciado	14	2,46
Viúvo	8	1,41
Outros	40	7,04
Não respondeu	20	3,52
Total	568	100,00

Gráfico 5 - Estado civil

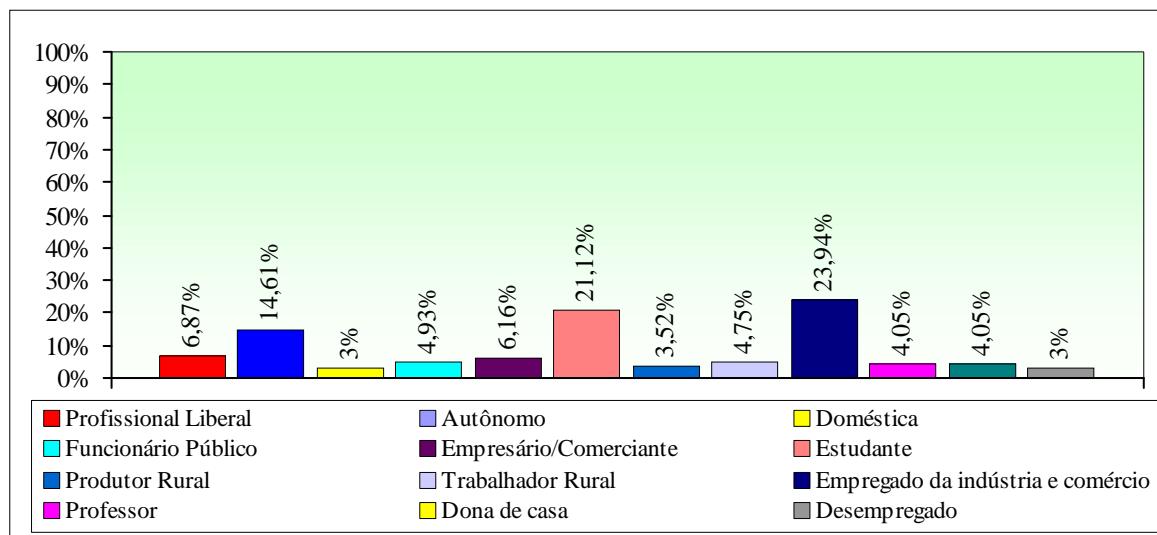
O estado civil predominante com 55,99% é o dos solteiros, em seguida está o dos casados com 29,58%, depois vem o que os entrevistados nomearam como dos amasiados, com 7,04%, em seguida está o dos divorciados com 2,46% e por último, com 1,41% o dos viúvos. Entretanto, 3,52% dos entrevistados não responderam a esta questão. Observa-se no Gráfico 5 que o estado civil dos participantes deste evento é variado, que pode de certa forma contribuir para o inter-relacionamento comunitário não só nas atividades de trabalho como também nas atividades de lazer.

3.2 DADOS PROFISSIONAIS DOS ENTREVISTADOS

3.2.1 Profissão

Tabela 6 - Profissão

	Qtde	Percentual
Profissional Liberal	39	6,87
Autônomo	83	14,61
Doméstica	17	3,00
Funcionário Público	28	4,93
Empresário/Comerciante	35	6,16
Estudante	120	21,12
Produtor Rural	20	3,52
Trabalhador Rural	27	4,75
Empregado da indústria e comércio	136	23,94
Professor	23	4,05
Dona de casa	23	4,05
Desempregado	17	3,00
Total	568	100,00

Gráfico 6 - Profissão

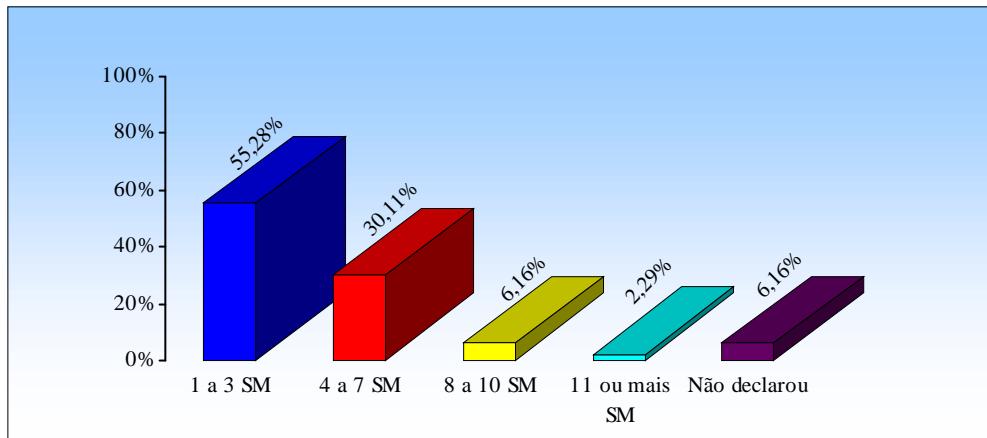
Caracterizando a profissão de cada um, o Gráfico 6 tem a finalidade de mostrar as diversidades de atividades que as pessoas que participam da Festa do Peão de Cassilândia desempenham, demonstrando a capacidade dinamizadora que envolve a comunidade. Daí a importância dos saberes que podem condicionar a implementação de verdadeiras políticas locais, principalmente no que diz respeito a questão de mobilização e de organização do trabalho por parte dos seus componentes (BOURDIN, 2001).

3.2.2 Renda salarial

Tabela 7 - Renda salarial

	Qtde	Percentual
1 a 3 SM	314	55,28
4 a 7 SM	171	30,11
8 a 10 SM	35	6,16
11 ou mais SM	13	2,29
Não declarou	35	6,16
Total	568	100,00

Gráfico 7 - Renda salarial



Ficou claro que os entrevistados abordados ganham, na maioria (55,28%), apenas de 1 a 3 salários mínimos, o que demonstra que as pessoas da comunidade têm baixa renda, o que pode comprometer de certa forma o suprimento de suas necessidades básicas para ter uma boa qualidade de vida na comunidade. Lasch (1999, p. 193), revela que “a sobrevivência de qualquer forma de sociedade humana depende da produção das necessidades da vida e a reprodução da própria força de trabalho”. Mas para se analisar melhor a vida do trabalhador é necessária a compreensão do local, que sempre oferece uma resposta que privilegia a diversidade, as diferenças, a multiplicidade das escalas e a força das pequenas unidades (BOURDIN, 2001). Em tal contexto, as pessoas poderão buscar mecanismos eficientes para a obtenção de uma melhor qualidade de vida, por meio das oportunidades que a realização da Festa do Peão de Boiadeiro proporciona.

No tangente ao assunto em questão, Britto e Fontes (2002) declaram que os benefícios proporcionados pela realização de um evento na comunidade receptora são os mais variados: é um gerador de divisas, à medida que aumenta o número de visitantes na localidade; os turistas de eventos, cujo principal motivo da viagem é a participação em eventos, tendem a gastar três vezes mais que um turista comum, cuja motivação da viagem é o lazer; promove a geração de empregos e renda e a fixação da mão-de-obra especializada no setor; além de possibilitar a ampliação de bens e serviços, uma vez que seus participantes aproveitam a viagem para a realização de passeios, compras de produtos típicos, etc. Todos esses aspectos juntos geram o incremento do turismo em geral, da oferta e da demanda turística e da economia como um todo.

Esta idéia pode ser comprovada se analisarmos o exemplo da cidade de Barretos, que tem a maior Festa do Peão de Boiadeiro do Brasil e atrai turistas de todo o país e também turistas estrangeiros. Este mega evento registra números expressivos e que sistematicamente superam-se a cada ano. Toda a cidade fatura com a festa e o padrão de vida dos barretenses melhorou bastante a partir do sucesso do evento, revitalizando a cidade. O crescimento da cerimônia festiva estabeleceu um merchandising não só dentro dela mas também uma importante comercialização de chapéus, botas, esporas, ponteiras para colarinhos, cinturões, violas, laços, além do leilão do gado eqüino e bovino e muitas atividades mais, além de todo comércio da cidade receber grande quantidade de dinheiro. Além disso, durante todo o ano são vendidos artigos alusivos à festa de peão como souvenir da cidade dos peões (AMARAL,1998).

A intenção de arrecadar fundos para entidades assistenciais foi acrescida da iniciativa de promover a cidade de Barretos na “capital brasileira do rodeio”, tornando-se um pólo turístico e divulgando sua identidade como a “terra dos cowboys brasileiros”. Com isto, a festa gerou dividendos para todo o município e arredores. Para a cidade de Barretos, contudo, não foi apenas o aumento da arrecadação de impostos por meio da arrecadação da festa o valor prático envolvido. Cresceu o número de estabelecimentos comerciais da cidade, e o dinheiro deixado nela pelos visitantes da festa e pelos turistas durante todo o ano. Soma-se a isto, a arrecadação pela exploração da feira agropecuária defronte ao recinto (AMARAL, 1998).

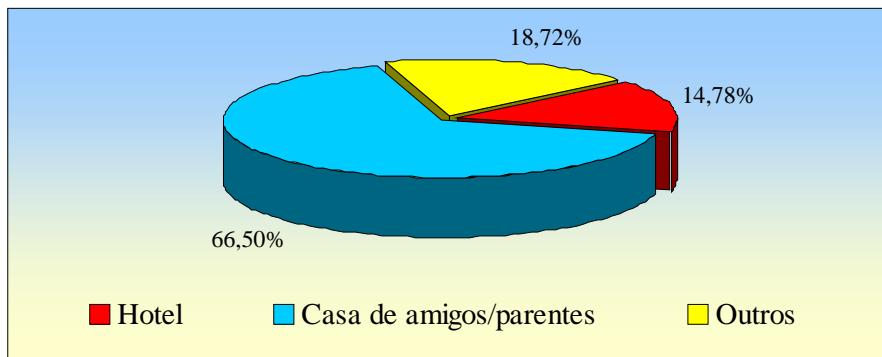
3.3 QUESTÕES SOBRE A 36^a FESTA DO PEÃO DE BOIADEIRO

3.3.1 Meio de hospedagem dos turistas que participam do evento

Tabela 8 – Meio de hospedagem dos turistas que participam do evento

	Qtde	Percentual
Hotel	30	14,78
Casa de amigos/parentes	135	66,50
Outros	38	18,72
Total	203	100,00

Gráfico 8 - Meio de hospedagem dos turistas que participam do evento



No gráfico 8, pelo percentual representativo de 66,50%, verifica-se que os turistas (35,73% dos entrevistados, conforme analisado no gráfico 2) que participam desta comemoração se hospedam em casas de parentes e/ou amigos, o que enfatiza a participação das pessoas, aqui denominadas “filhos do lugar”, que se identificam com a cultura do local, confirmando a valorização do sentimento de pertença que a celebração proporciona.

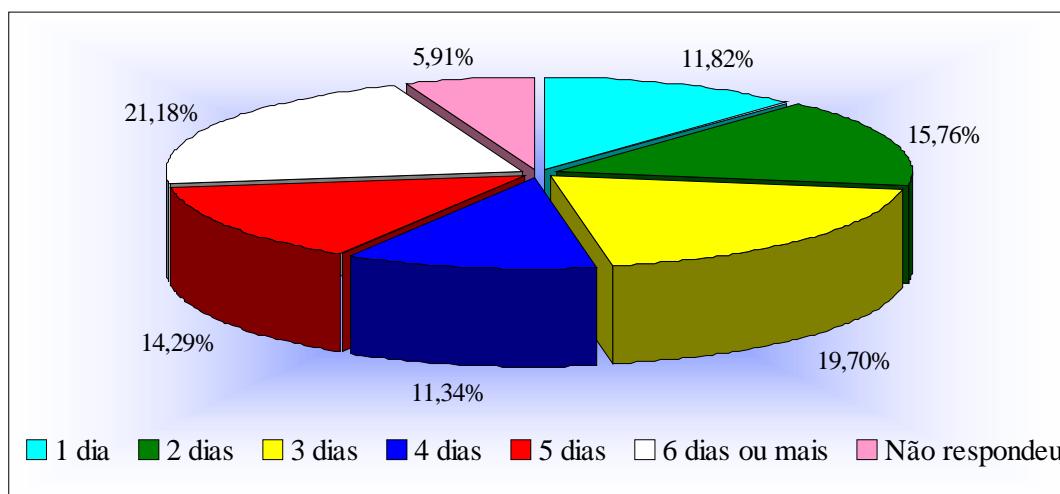
Os dados acima também demonstram que 18,72% dos turistas utilizam outro meio de hospedagem, denominado camping ou barracas, e 14,78% se hospedam em hotéis proporcionando o aumento da taxa de ocupação hoteleira. Observa-se que o motivo de a porcentagem de turistas que se hospedam em hotéis ser a menor entre os meios de hospedagem citados, deve-se ao fato da pouca oferta de hotéis no município, principalmente nesta época do ano. De acordo com dados coletados Cassilândia possui 8 empresas do ramo hoteleiro, que oferecem 184 apartamentos totalizando 384 leitos. Os proprietários destes empreendimentos afirmaram que, na época de realização da Festa do Peão, a taxa de ocupação hoteleira no município é de 100% e a renda dos hotéis atinge o nível máximo. Ainda enfatizam que esta é a única época do ano que atingem esta porcentagem, já que a taxa de ocupação média é de 30% a 40%. (informação oral)¹⁴

3.3.2 Permanência dos turistas na cidade durante a 36ª Festa do Peão

Tabela 9 - Permanência dos turistas na cidade durante a 36ª Festa do Peão

	Qtde	Percentual
1 dia	24	11,82
2 dias	32	15,76
3 dias	40	19,70
4 dias	23	11,34
5 dias	29	14,29
6 dias ou mais	43	21,18
Não respondeu	12	5,91
Total	203	100,00

Gráfico 9 - Permanência dos turistas na cidade durante a 36ª Festa do Peão



O Gráfico 9 mostra que 11,82% dos turistas entrevistados permanecem na cidade apenas 1 dia; 15,76% permanecem 2 dias; 19,70% ficam 3 dias; 11,34% ficam 4 dias; 14,29% permanecem 5 dias; 21,18% 6 dias ou mais e apenas 5,91% dos entrevistados não responderam à questão. A análise dos dados demonstram claramente que os turistas permanecem na cidade, na sua maioria, durante toda programação da Festa do Peão de Boiadeiro de Cassilândia, que se realiza durante 5 dias, comprovando que as pessoas vêm para a cidade atraídas pela atividade festiva.

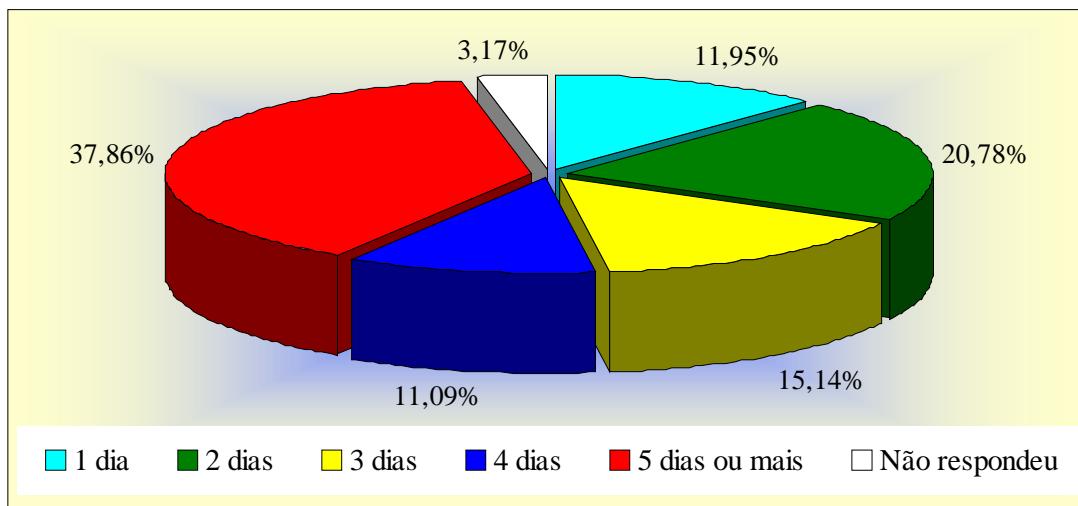
¹⁴ Dados obtidos em entrevistas autorizadas com gerentes e/ou proprietários dos hotéis de Cassilândia em 10/09/2007.

3.3.3 Freqüência na festa

Tabela 10 - Freqüência na festa

	Qtde	Percentual
1 dia	68	11,98
2 dias	118	20,77
3 dias	86	15,14
4 dias	63	11,09
5 dias ou mais	215	37,85
Não respondeu	18	3,17
Total	568	100,00

Gráfico 10 - Freqüência na festa



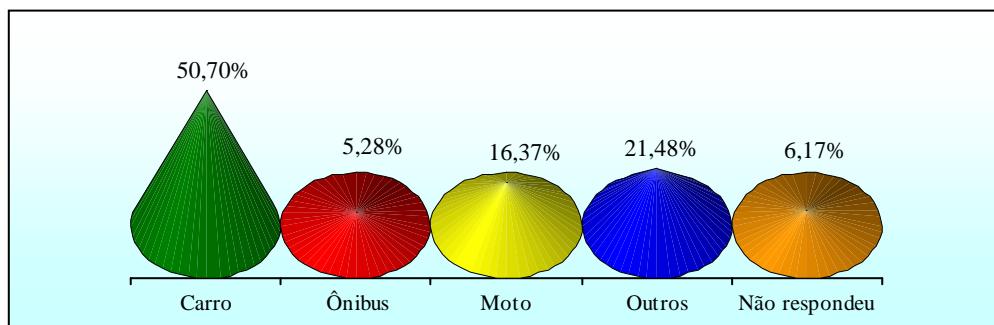
A interpretação destes dados apresentados no Gráfico 10 tem como premissa enfocar a efetiva participação dos entrevistados na comemoração, já que claramente pode-se observar que 37,86% vão ao evento todos os dias; 11,09% vão 4 dias; 15,14% participam 3 dias; 20,78% freqüentam 2 dias; 11,95% vão apenas 1 dia e 3,17% não respondeu à pergunta. Tal aspecto deixa entrever que as pessoas que participam desta cerimônia vão porque realmente gostam e fazem questão de prestigiar todo o evento, participando o maior número de dias possível.

3.3.4 Meio de locomoção para ir ao evento

Tabela 11 - Meio de locomoção para ir ao evento

	Qtde	Percentual
Carro	288	50,70
Ônibus	30	5,28
Moto	93	16,37
Outros	122	21,48
Não respondeu	35	6,17
Total	568	100,00

Gráfico 11 - Meio de locomoção para ir ao evento



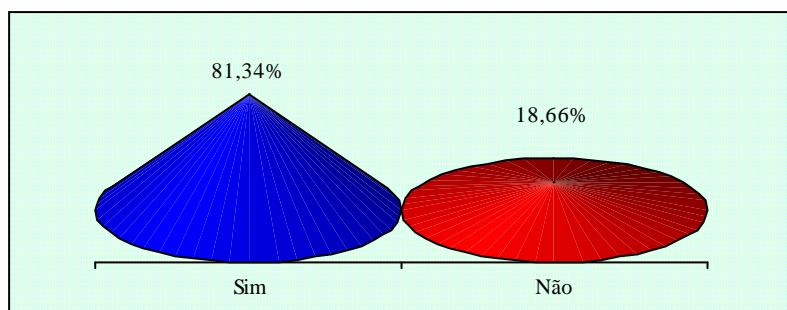
No que se refere ao meio de locomoção dos entrevistados, verifica-se no Gráfico 11 que a maioria, 50,70%, utiliza o carro como meio de transporte; 16,37% vão ao evento de moto; 21,48% utilizam outros meios de locomoção, como bicicleta ou vão à pé, verifica-se que as pessoas que utilizam estes meios de transporte moram na cidade e devido sua condição financeira não possuem carro ou moto. Já os 5,28% que utilizam o ônibus como meio de transporte são visitantes de outros municípios que vêm participar do evento, já que em Cassilândia não existe transporte coletivo e 6,17% não respondeu à questão. Tais dados deixam entrever que o meio de transporte mais importante é o carro, pois mesmo aquelas pessoas que não são da cidade utilizam este meio de transporte já que são de cidades vizinhas em sua maioria.

3.3.5 Participação em eventos anteriores

Tabela 12 - Participação em eventos anteriores

	Qtde	Percentual
Sim	462	81,34
Não	106	18,66
Total	568	100,00

Gráfico 12 - Participação em eventos anteriores



Verifica-se por meio da análise do Gráfico 12, que a maior parte dos entrevistados, 81,34%, já participaram de outras edições da Festa do Peão de Boiadeiro de Cassilândia, enquanto 18,66% participam do evento pela primeira vez. As declarações dos entrevistados demonstram o quanto as pessoas apreciam esta celebração, já que em sua maioria voltam a participar da cerimônia sempre que possível.

No entanto, para que esta comemoração se configure como uma alternativa de desenvolvimento local é preciso que as pessoas participem não apenas como espectadores, mas sim como atores deste projeto. Em que pesem as idéias sustentadas por Beni (2006), é preciso relembrar que a mobilização social é um processo de convocação das vontades para uma mudança de realidade por meio de propósitos comuns estabelecidos em consenso, a fim de compreender o engajamento da comunidade na estruturação de um projeto social mobilizador em que as pessoas se sintam participantes e protagonistas do projeto, identificando-se verdadeiramente com a sua causa.

A vinculação ideal dos públicos pretendida por todo e qualquer projeto de mobilização social encontra-se no nível da co-responsabilidade, para que os objetivos estabelecidos possam ser alcançados plenamente e de maneira duradoura. A co-

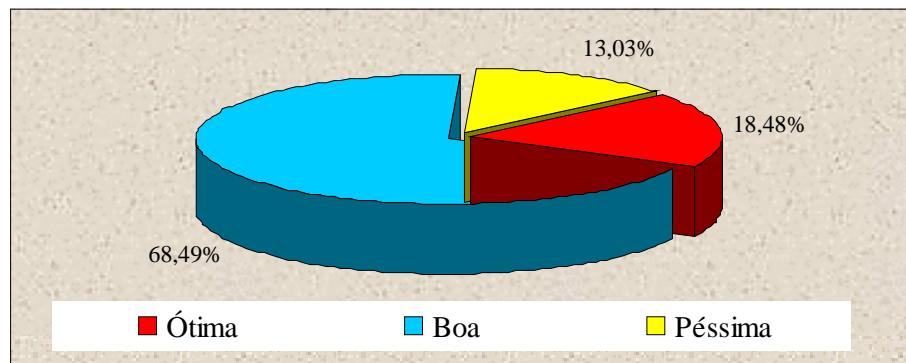
responsabilidade existe quando o público age por sentir-se responsável e por acreditar no sucesso do projeto, entendendo sua participação como fundamental. As estratégias de mobilização, ao pretendem produzir vínculos desse tipo, buscam transcender as meras ações pontuais e circunstanciais. A condição para isso é o estabelecimento da coesão e da perenidade do projeto, que são a ponte entre a ação isolada e a ação co-responsável (BENI, 2006).

3.3.6 Infra-estrutura da festa

Tabela 13 - Infra-estrutura da festa

	Qtde	Percentual
Ótima	105	18,48
Boa	389	68,49
Péssima	74	13,03
Total	568	100,00

Gráfico 13 - Infra-estrutura da festa



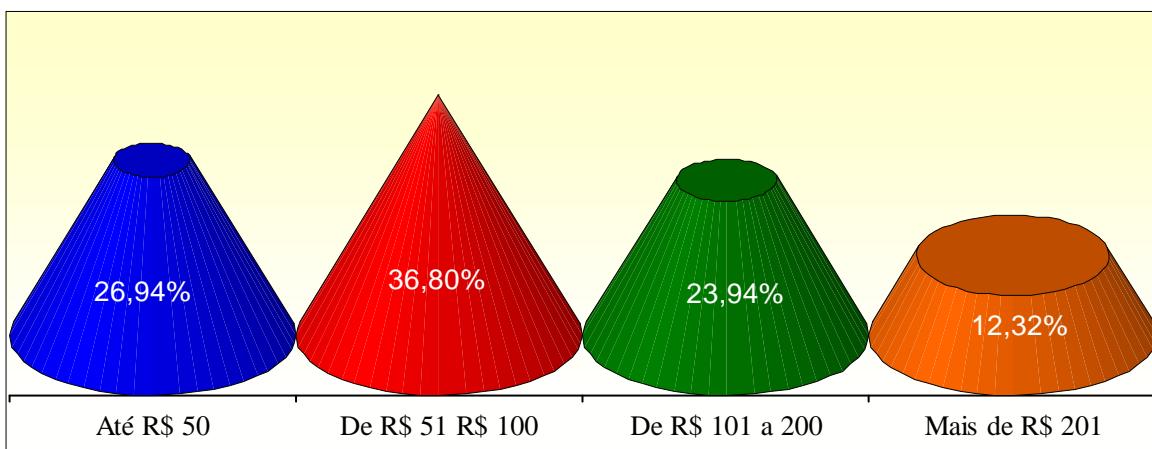
Quanto à infra-estrutura da atividade festiva, nota-se no Gráfico 13 que 18,48% dos entrevistados a classificam como ótima; 68,49% acham boa e 13,03% acham péssima. Tais dados mostram a satisfação das pessoas que participam do evento no tocante à infra-estrutura que o evento oferece, demonstrando a qualidade da festa e a preocupação de seus organizadores em proporcionar o que há de melhor às pessoas.

3.3.7 Movimentação financeira do evento

Tabela 14 - Gasto dos entrevistados com o evento

	Qtde	Percentual
Até R\$ 50	153	26,94
De R\$ 51 R\$ 100	209	36,80
De R\$ 101 a 200	136	23,94
Mais de R\$ 201	70	12,32
Total	568	100,00

Gráfico 14 - Gasto dos entrevistados com o evento



A análise dos dados do Gráfico 14 permite comprovar que as pessoas entrevistadas gastam em sua maioria, 36,80%, entre R\$ 51 e R\$ 100. No entanto, a faixa de gasto dos entrevistados é equilibrada, sendo que 26,94% gastam até R\$ 50; 23,94% gastam entre R\$ 101 a R\$ 200 e 12,32% gastam mais de R\$ 201. A simples confrontação destes dados com as informações observadas no Gráfico 7 indica a baixa renda da população estudada, mostrando a necessidade de criar oportunidades para a melhoria da qualidade de vida.

Apesar disto, verifica-se que a Festa do Peão de Cassilândia movimenta uma grande quantidade de dinheiro e é uma festa rentável. Parece, no entanto, que a questão da lucratividade da festa está diretamente relacionada à sua condição de evento empresarial ligado à atividade privada e à importância da festa no circuito dos rodeios. O apoio de empresas e do comércio local tem permitido a extração de lucros. Nos dois últimos anos, além da costumeira doação dos prêmios feita pelos empresários do município, a festa de Cassilândia contou ainda com uma doação da Prefeitura Municipal, com o patrocínio

financeiro de vários bancos e com a parceria da Cervejaria Crystal que comprou a exclusividade da venda de bebidas no evento, o que dá um bom valor de acordo com depoimento do presidente do Sindicato Rural, Eltes de Castro.

O lucro da Festa do Peão de Cassilândia no ano de 2006 foi de R\$ 45.183,61 e pode ser visto por meio de um rápido inventário da procedência dos ingressos, da natureza das despesas e dos procedimentos contábeis utilizados pela Comissão Organizadora, conforme tabelas abaixo:

Tabela 15 - Valores arrecadados durante a 36^a Festa do Peão de Boiadeiro de Cassilândia

Discriminação	Valor
Venda de ingressos e permanentes	R\$ 233.198,00
Aluguel de terrenos	R\$ 61.837,00
Renda de promoções	R\$ 21.358,00
Venda de camarotes do rodeio e shows	R\$ 7.000,00
Doações particulares	R\$ 138.300,00
Contribuição Câmara Municipal	R\$ 6.750,00
Venda de banhos quentes	R\$ 222,00
Total	R\$ 468.665,70

Fonte: Comissão Organizadora da 36^a Festa do Peão de Cassilândia

Tabela 16 - Pagamentos efetuados pela Comissão Organizadora da 36^a Festa do Peão de Boiadeiro de Cassilândia

Discriminação	Valor
Pagamentos de itens relacionados ao rodeio	R\$ 121.091,50
Pagamentos relacionados à exposição	R\$ 3.910,00
Divulgação	R\$ 17.484,20
Gastos com fogos de artifício	R\$ 5.000,00
Shows	R\$ 154.666,00
Despesas gerais	R\$ 110.910,00
Total	R\$ 423.482,09

Fonte: Comissão Organizadora da 36^a Festa do Peão de Cassilândia

Ao examinar a Tabela 15, o que salta aos olhos é a divisão da arrecadação da festa em duas partes bem distintas: de um lado, o que é produto do esforço empresarial e, de outro, o que é produto de doações de particulares ou do poder público municipal. Pode-se afirmar que, em termos percentuais, os valores arrecadados com a venda de ingressos, o aluguel de áreas do parque e a realização de promoções cobrem apenas 69% de toda a receita da festa, ficando os restantes 31% a cargo ou de particulares ou do poder público. É verdadeiramente digno de nota que, neste último caso, a quase totalidade das doações vem ou de fazendeiros ou de pequenas e médias empresas do município, cuja atividade lucrativa ou ocupacional está relacionada diretamente à agricultura ou à pecuária: casas de revenda de equipamentos e/ou insumos agrícolas, frigoríficos, sindicatos rurais, etc.

No entanto, segundo as informações do presidente do Sindicato Rural, a participação financeira do poder público ainda é muito pequena se comparada com outros municípios, segundo Eltes de Castro “nos dois últimos anos a prefeitura municipal foi parceira doando um valor de R\$ 32.000,00, a prefeitura de Paranaíba todos os anos patrocina praticamente a festa deles inteira, mais ou menos R\$ 250.000,00. Estamos satisfeitos já é um bom começo. A maioria dos municípios brasileiros investe nas Festas de Peão” (informação oral).

E, finalmente, é preciso não perder de vista que a prestação de contas apresentada na discussão acima refere-se a uma festa que contou com vários investimentos no recinto e que a Comissão Organizadora não incluiu em seu balanço o pagamento das despesas com a construção da estátua do peão, o busto em homenagem a Zé do Prado e a placa dos campeões dos rodeios, além dos custos com manutenção do recinto, totalizando R\$ 42.223,28, de acordo com dados fornecidos pela Comissão Organizadora do evento.

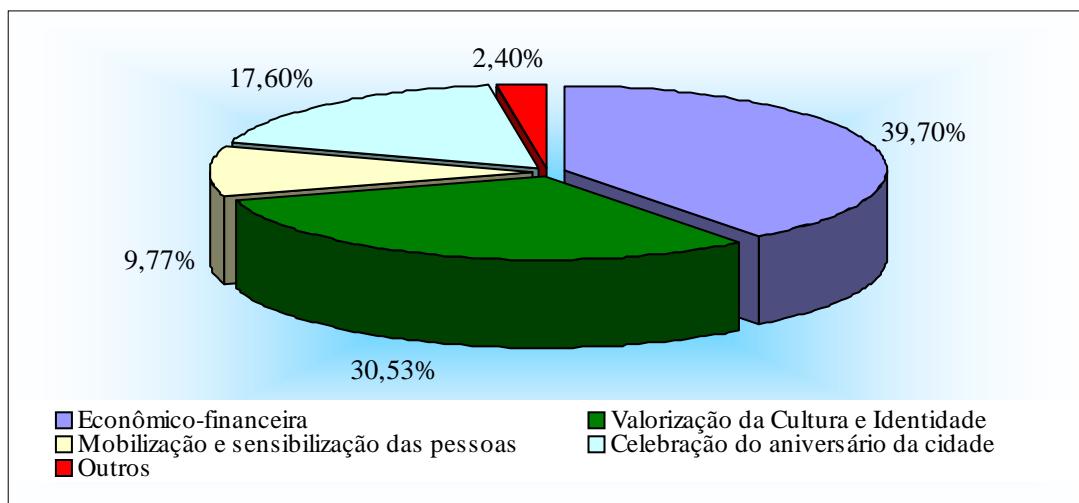
3.3.8 Importância da festa do peão

Tabela 17 - Importância da festa do peão

	Qtde	Percentual
Econômico-financeira	264	39,70
Valorização da Cultura e Identidade	203	30,53
Mobilização e sensibilização das pessoas	65	9,77
Celebração do aniversário da cidade	117	17,60
Outros	16	2,40
Total	665	100,00

Obs.: A população-alvo constituída é de 665, mas o total aferido é 568, uma vez que o entrevistado assinalou mais de uma alternativa.

Gráfico 15 - Importância da festa do peão



No tocante à importância da Festa do Peão de Boiadeiro para o município, o Gráfico 15 mostra que 39,70% dos entrevistados afirmam que esta comemoração tem importância econômico-financeira e 30,53% asseguram que a atividade festiva é importante devido à valorização da cultura e identidade local. Tais informações corroboram para inferir a idéia de que esta cerimônia torne-se uma alternativa de desenvolvimento local para a comunidade, já que mostra-se como uma atividade que promove tanto o desenvolvimento social, por meio da valorização da cultura e identidade, bem como o desenvolvimento econômico, por meio da movimentação econômica que traz para o município durante sua realização.

O desenvolvimento local baseia-se na execução de políticas de fortalecimento e qualificação das estruturas internas dos territórios, criando condições sociais e econômicas

para a geração e atração de novas atividades produtivas (CORREA, 2003). Ressalta-se que o processo de desenvolvimento local enfatiza a identificação de três dimensões: a econômica, caracterizada por um sistema específico de produção capaz de assegurar o uso eficiente dos fatores produtivos e a melhoria dos níveis de produtividade; sociocultural, em que os atores econômicos e sociais se integram às instituições locais e formam um denso sistema de relações que incorpora os valores da sociedade ao processo de desenvolvimento; e política, que se materializa em iniciativas locais, possibilitando a criação de um entorno capaz de incentivar a produção e que favorece o desenvolvimento (BENI, 2006).

Acredita-se que este evento pode se tornar o carro-chefe do turismo de eventos no município, atividade produtiva que favorece o desenvolvimento caracterizada por um sistema de realização de eventos capazes de atrair turistas, transformando Cassilândia em um pólo regional de turismo de eventos. A realização da Festa do Peão, um evento que atinge proporções regionais, é prova da capacidade e vocação que a comunidade tem para a realização de atividades festivas e que enfatizam as dimensões do desenvolvimento local.

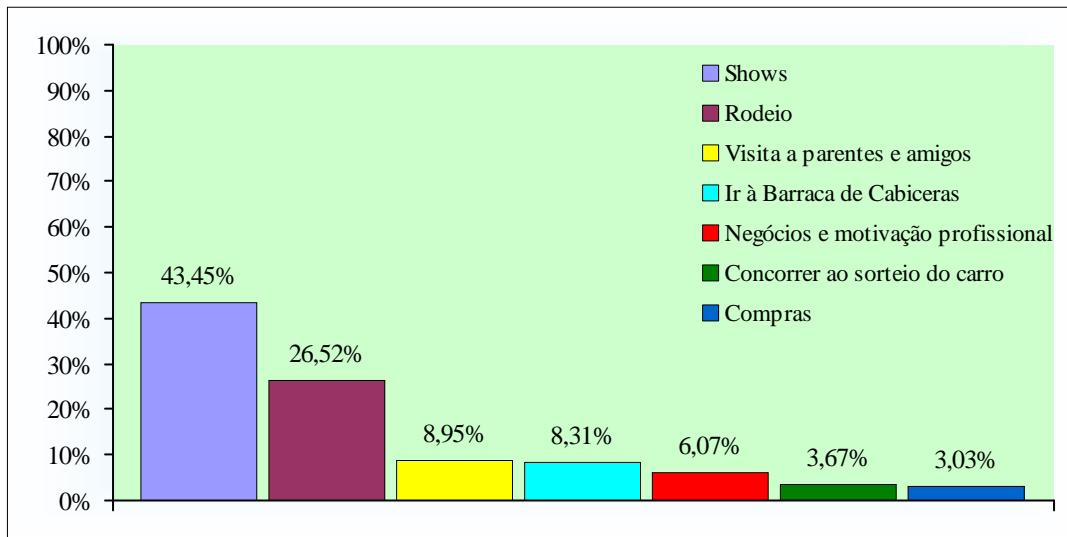
3.3.9 Motivos da participação na Festa do Peão de Boiadeiro de Cassilândia

Tabela 18 - Motivos da participação na Festa do Peão de Boiadeiro de Cassilândia

	Qtde	Percentual
Shows	272	43,45
Rodeio	166	26,52
Visita a parentes e amigos	56	8,95
Ir à Barraca dos Cabiceras	52	8,31
Negócios e motivação profissional	38	6,07
Concorrer ao sorteio do carro	23	3,67
Compras	19	3,03
Total	626	100,00

Obs. A população-alvo constituída é de 626, mas o total aferido é 568, uma vez que o entrevistado assinalou mais de uma alternativa.

Gráfico 16 - Motivos da participação na Festa do Peão de Boiadeiro de Cassilândia



Em relação aos motivos que levam as pessoas a participarem desta cerimônia festiva, o Gráfico 16 aponta que 43,45% dos entrevistados vão ao evento para assistir aos shows que sempre são de música sertaneja ou música caipira. Pimentel (1997, p. 27) indica que o que caracteriza a música caipira é “a presença em suas letras das coisas, fatos e relações que se davam na sociedade e na cultura caipiras, isto é, a condição de se reportar, com exclusividade, ao imaginário da sociedade caipira, composta em sua grande maioria, de pequenos sitiantes”. Ainda assegura que à fase caipira deste gênero musical, segue-se uma outra a que se designa fase sertaneja, “cujas características técnicas são as mesmas da anterior, [...], mas cujo imaginário agora é o do sertão pastoril” (PIMENTEL, 1997, p.27).

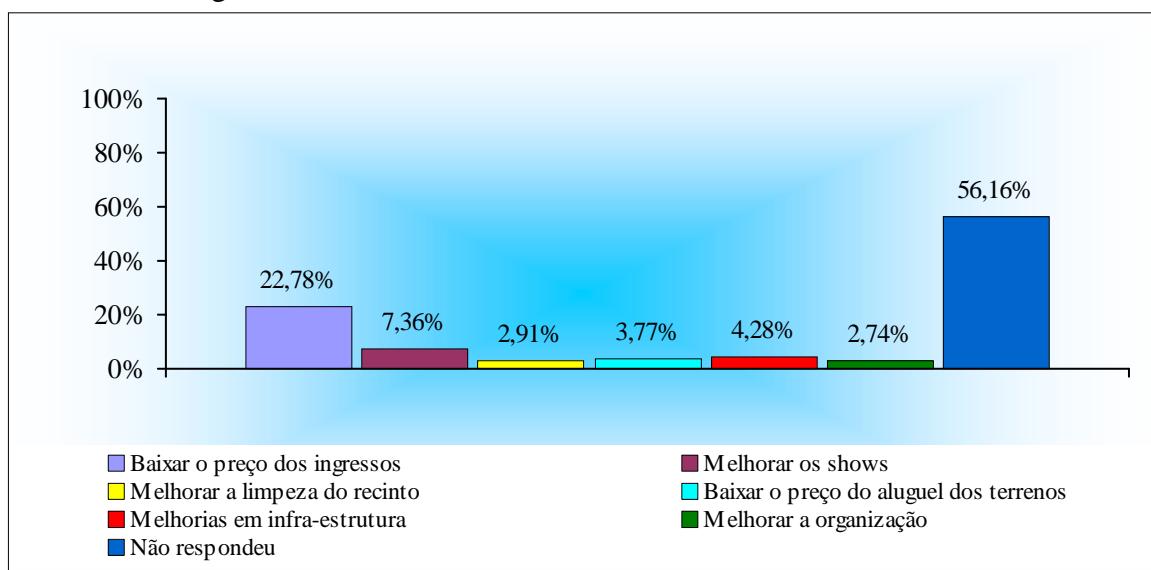
Outro dado constatado pela análise deste gráfico é que 26,52% dos participantes são motivados a freqüentar a festa para assistir ao rodeio, que é uma atração que relembrar a vigorosa luta entre o homem e o animal no sertão. Os aspectos aqui analisados permitem comprovar que a Festa do Peão de Boiadeiro de Cassilândia tem como principal fato a valorização da cultura local que se identifica com a tradição pastoril ressignificada por meio da música sertaneja e/ou caipira e do rodeio. É útil observar que outros motivos também são apresentados, como o lazer (8,31%) e a motivação profissional e de negócios (6,07%) que não devem ser ignorados, pois desse conjunto de fatores decorre, necessariamente, a plausível idéia de se aproveitar esta atividade festiva como uma alternativa de desenvolvimento local. No que se refere às teorias em apreço, um processo de desenvolvimento local deve motivar a comunidade a participar do seu próprio desenvolvimento, por meio de suas habilidades e capacidades proporcionando seu desenvolvimento cultural, social, econômico e político.

3.3.10 Sugestões dos entrevistados

Tabela 19 - Sugestões dos entrevistados

	Qtde	Percentual
Baixar o preço dos ingressos	133	22,78
Melhorar os shows	43	7,36
Melhorar a limpeza do recinto	17	2,91
Baixar o preço do aluguel dos terrenos	22	3,77
Melhorias em infra-estrutura	25	4,28
Melhorar a organização	16	2,74
Não respondeu	328	56,16
Total	584	100,00

Gráfico 17 - Sugestões dos entrevistados



Obs. A população-alvo constituída é de 584, mas o total aferido é 568, uma vez que o entrevistado assinalou mais de uma alternativa.

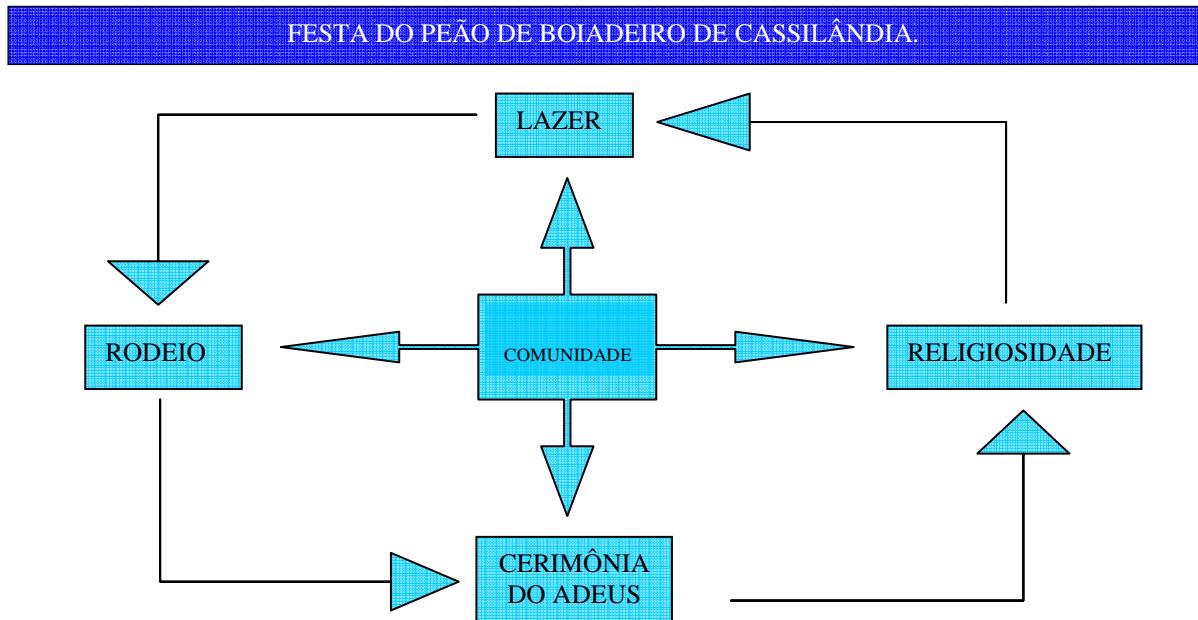
A conjunção dos dados analisados no Gráfico 17 carreia a satisfação dos entrevistados com a Festa do Peão, pois a grande maioria, 56,16%, não deu nenhuma sugestão de melhoria para a realização do evento. No entanto a sugestão mais citada pelas pessoas diz respeito ao preço cobrado pela entrada no recinto, que é de R\$ 15 todos os dias, 22,78% dos participantes sugerem baixar o preço deste ingresso, já que como já foi mostrado no Gráfico 7, a renda salarial da comunidade estudada é baixa. Todavia não se verifica que esta condição

seja um empecilho para as pessoas participarem da comemoração, pois como também já foi observado no Gráfico 10, a maioria das pessoas vão à celebração nos cinco dias em que ela acontece.

Outras sugestões foram apontadas, tais como: 7,36% dos entrevistados sugeriram para melhorar os shows, explicaram que os organizadores deveriam trazer cantores mais famosos, conhecidos nacionalmente, como por exemplo, Zezé di Camargo e Luciano, Chitãozinho e Xororó, Bruno e Marrone, entre outros; 4,28% disseram que deveriam ser feitas melhoras na infra-estrutura, como aumentar as arquibancadas e aumentar o número de banheiros; 3,77% com baixar o preço do aluguel dos terrenos que são alugados para os barraqueiros; 2,91% sugeriram para melhorar a limpeza do recinto, disponibilizando lixeiras; e 2,74% melhorar a organização tomando algumas medidas como aumentar o número de bilheterias para venda de ingressos, colocar mais seguranças no recinto e pontualidade no início do rodeio e shows.

Em seu conjunto, os dados analisados informam que a Festa do Peão de Boiadeiro de Cassilândia apresenta em sua realização várias características de um processo de desenvolvimento local formando uma engrenagem, que ao ser acionada pode ser o início de um projeto para a promoção do desenvolvimento deste município. Vale notar que esta celebração pode ser uma iniciativa para o processo, já que se realiza apenas uma vez ao ano, e a partir dela podem surgir outras atividades produtivas para completar o ciclo do desenvolvimento local, transformando o município em um pólo regional de turismo de eventos. É inquestionável, portanto, a importância desta comemoração que faz aflorar nas pessoas suas capacidades, habilidades e competências por meio da valorização da cultura e identidade local, fortalecendo o sentimento de pertença, potencializando o capital social, a solidariedade, cooperação, igualdade e confiança utilizando, para tanto, o lazer e a religiosidade apresentados no conjunto de cerimônias da festa.

Figura 1 - Características do desenvolvimento local presentes na Festa do Peão de Cassilândia



Diante do exposto, observa-se que a leitura desta comemoração pode ser feita principalmente referindo-se a um contexto local do qual ela retira seu sentido. Com o seu crescimento, verifica-se ao menos uma consequência, a introdução de novos valores estéticos, econômicos, de prestígio, etc., no sistema da festa que coloca em questão, para alguns, os valores comunitários e mais precisamente, a relação de seus membros com as novas presenças na festa, sejam elas a dos turistas, da mídia, das empresas interessadas no consumo que a festa desperta ou outros. Assim, esta atividade vai transformando inclusive o critério de pertencimento que ela mesma proporciona e que constitui uma de suas forças principais.

Apesar de estar se transformando, atualizando-se em função das expectativas dos participantes, demonstrando a grande capacidade adaptativa da tradição e da cultura, capazes de se reinventarem sempre que necessário, a Festa do Peão de Cassilândia continua sendo das famílias, dos parentes que chegam e se unem ao redor da arena para compartilhar os valores em relevo no período da festa, bem como discutir e comentar as montarias no dia seguinte. Este sentido identifica a comemoração que ao mesmo tempo que procura se atualizar para atender os turistas, também conserva suas características familiares, originais de festas do interior para atender as expectativas da comunidade. Embora alguns lamentem a “invasão” dos turistas, outros vêem nela um elemento positivo, que permite a inserção da comunidade local no contexto nacional. Estas transformações são todas, atualmente, folclorizadas pela

mídia em vários aspectos, senão em sua totalidade, porém, são manifestações sociais produzidas em um contexto cultural do tipo comunitário, no qual elas encontram seu sentido e significação.

O conjunto de cerimônias e atividades originais que compõe a Festa do Peão ou pelo menos parte dele é então transformado em espetáculo, tornando-se verdadeiros shows. O resultado da transformação, do ponto de vista do sentido, pode sugerir uma dessemantização da festa, tornando-a apenas um objeto de consumo, quando ela originalmente era uma história que a comunidade contava a si mesma, a história de seus espectadores e atores, que assim teria perdido seu sentido. Isto, contudo, não é verdade, pois a população não deixa de manter o controle da festa, e participar criativamente de tudo que a envolve. Por outro lado, a festa dos turistas não é a festa dos habitantes, que vêm nela os sentidos profundos por dominarem um código que o turista não alcança, por jamais ter vivido ali.

Contudo todos prezam e se orgulham do crescimento de sua festa e da presença cada vez maior de turistas, o que significa a valorização de suas práticas. A celebração realiza desse modo novas mediações, aproximando os diferentes e estabelecendo códigos novos, compreensíveis para os dois lados. Assim, Cassilândia hoje tem a “5^a melhor Festa do Peão de Boiadeiro do Brasil”, já que ela não se deixa capturar, pois tem vários sentidos. Isto resulta de seu caráter mediador que lhe permite, por meio das inúmeras pontes que realiza entre valores e anseios, conter em si vários pares de oposição sem representar de modo exclusivo nenhum deles, constituindo-se, antes, de todos. Em tal contexto, ela é religiosa e profana, conservadora e vanguardista, divertida e devocional, esbanjamento e concetração, fruição e modo de ação social. Ela ainda é o reviver do passado e projeção de utopias, afirmação da identidade particular de um grupo e inserção na sociedade global, o que a caracteriza como um projeto de desenvolvimento local.

Esta idéia de que a Festa do Peão de Cassilândia está ligada ao processo de desenvolvimento é confirmada pela opinião do atual presidente do Sindicato Rural quando ele enfatiza que “virar as costas para a Festa do Peão é virar as costas para o desenvolvimento de Cassilândia”. Para esta idéia se efetivar, Eltes de Castro ainda afirma ser necessário a adoção de políticas de gestão de desenvolvimento pela governança local, por meio de uma parceria sólida entre Sindicato Rural e Prefeitura Municipal para a realização do evento. Em sua opinião:

“o poder público (Prefeitura) ao longo dos anos manteve-se equidistante de participar deste evento, desconhecendo que, apesar de ser promovido e organizado pelo Sindicato Rural de Cassilândia, poderia e deveria se mostrar mais presente, formando uma parceria onde todos se beneficiariam. De um lado a Prefeitura movimentando os setores econômicos do município através de serviços e comércio com a chegada de visitantes e dos próprios municípios e do outro lado o Sindicato investindo em infra-estrutura no recinto e oferecendo o que há de melhor em atrações do gênero, como shows e rodeio, etc, sendo a maior beneficiária a comunidade em geral (CASTRO, 2007).¹⁵

O sucesso de um processo de desenvolvimento local está justamente na parceria entre as instituições governamentais e não governamentais e a comunidade, onde todos são beneficiados e concorrem para um único objetivo, o bem-estar social, cultural, econômico e político da comunidade. Deste modo, a Festa do Peão de Cassilândia se revela como poderoso instrumento de interação, compreensão e percepção da territorialidade da comunidade local, tornando-se o ponto de partida na perspectiva da consolidação desta parceria no município.

¹⁵ Entrevista concedida em 23/10/2007 por Eltes de Castro, atual presidente do Sindicato Rural de Cassilândia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A condução da pesquisa no espaço delimitado de um pequeno município localizado numa área sujeita às influências da expansão do circuito das festas do peão que têm como centro originador o município de Barretos, permitiu perceber com maior clareza como é ao redor da Festa do Peão de Boiadeiro que os cassilandenses conseguem expressar suas relações com os semelhantes e quanto a comemoração marca a conterraneidade. Pode-se, dessa maneira, travar conhecimento de que esta celebração representa a honra, a noção de pertencimento e de residência, a comensalidade e a hospitalidade dos habitantes do município, remetendo para a compreensão dos significados fundamentais de seus ritos. Em tal contexto, pode-se interpretar que esta atividade festiva ritualiza a idéia de pertencimento ao lugar e a valorização da tradição pecuarista em moldes modernos. Ao mesmo tempo que dirige-se para a valorização das “coisas do lugar” e dos “filhos do lugar”, a população local chega a vangloriar-se de que uma cidade tão pequena tenha um recinto tão moderno e nele realize, para orgulho de sua população, a “5ª melhor Festa do Peão do Brasil”.

Na tentativa de compreender e interpretar esta comemoração deve-se levar em consideração dois tipos de realidades: aqueles que se referem à festa do peão em geral, como um modelo criado a partir da experiência fundante de Barretos e que conseguiu se expandir num circuito amplo, e aqueles que se referem ao modo particular, como a população de Cassilândia realiza a sua própria festa a partir da experiência concreta da comunidade. Tem-se, assim, um enredo que se desenrola numa realidade supralocal e que é imaginado em função de um conjunto de noções a que se valora como fazendo parte da tradição da vida pastoril brasileira. Esta cerimônia festiva, portanto, expressa a amplitude dos espaços, configurada em um primeiro momento pela criação extensiva de gado e, em um segundo momento, pela auto-suficiência da realização do trabalho nas fazendas de criação.

Por este viés, pode-se reconhecer a importância exercida por iniciativas culturais que visam a dar concretude a uma certa idéia de pertencimento. A ênfase dada à tradição, nessa perspectiva, não pode ser entendida como conservadorismo ou tradicionalismo clássico. Contrariamente, a tentativa de reconstruir a imagem do sertão sugere que a ênfase dada à tradição rural sertaneja torne-se o ponto de partida para uma iniciativa de desenvolvimento local.

De fato, falar da Festa do Peão de Boiadeiro de Cassilândia é falar da integração da comunidade. A condição de fazer parte de uma nova idéia de ruralidade, marcada pela inovação e por tudo que significa modernidade é o mais evidente, visto que é através do rodeio que estas comemorações ritualizam em moldes modernos a vida pastoril. Deste modo, a integração dos cassilandenses para a realização deste evento, é uma forma privilegiada de reforço na sua luta a favor do desenvolvimento. Sob essa ótica, participar de um conjunto de práticas é como integrar-se a uma rede de sentidos que une a todos em benefício de um projeto comum.

Com relação ao exposto na pesquisa, é perfeitamente aceitável a idéia de que esta atividade festiva torne-se um modo de enfrentar problemas sociais e ao crescer mostre-se como atividade aglutinadora de diferentes interesses, dos religiosos aos empresariais, dos culturais aos econômicos, dos filantrópicos aos da mídia e do espetáculo. Além disso, esta cerimônia festiva não apenas atualiza mito, como revive e coloca em cena a história do povo, contada sob seu ponto de vista, e nela ele se vê e se representa em papéis ativos. Desfilando pelas ruas a riqueza de suas relações com outros grupos, com símbolos de sua história, empurrando a própria história, em toda sua riqueza, levando em frente suas paixões e suas utopias, ele se reconhece. Com o crescimento da festa ela passou a ocupar um grande espaço construído com esta função exclusiva, o que indica a importância da celebração e seu lugar na vida da cidade, além da preocupação em receber bem os que vão ao evento.

Además, esta comemoração movimenta muitos investimentos em sua produção, providos por patrocinadores que a vêm usando como mais um lucrativo espaço para a inserção de propaganda e promoção de consumo, como é o caso da Cervejaria Crystal que há dois anos consecutivos patrocina a festa. Não se trata, contudo, de a cerimônia festiva ter sido invadida pela publicidade e arrancada das mãos populares e, sim, da necessária negociação para seu crescimento, juntamente à percepção, por parte da população, das vantagens, além do

divertimento, que ela é capaz de proporcionar ao crescer, mesmo se para isso for preciso que algo se transforme um pouco. Deste modo, a Festa do Peão de Boiadeiro de Cassilândia já não é mais espontânea, mas cuidadosamente planejada, para a qual os preparativos são feitos com muita antecedência e implicam a organização permanente de pessoas encarregadas de executar inúmeras tarefas.

Pode-se apenas concluir que o sentido da festa é comemorar acontecimento, reviver tradições, criar novas formas de expressão, afirmar identidade, preencher espaços na vida do grupo, dramatizar situações e afirmações populares, invocar a história e os costumes religiosos, contribuindo para a interação e parceria da comunidade, permitindo a todos se reconhecerem como um povo único, o que a revela como poderoso instrumento do desencadeamento de um processo de desenvolvimento local.

REFERÊNCIAS

ALVARENGA, C. R. *A verdadeira história de Cassilândia*. Campo Grande: Gráfica e Papelaria Brasília, 1986.

ALBAGLI, S.; MACIEL, M. L. *Informação e conhecimento na inovação e no desenvolvimento local*. **Ci. Inf.** Brasília, v.33, n.3, p.9-16, set./dez. 2004.

AMARAL, R. *Festa à brasileira: sentidos do festejar no país que não é sério*. 1998. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em publicação eletrônica na Internet, via (www.aguaforte.com/antropologia/festaabrasileira/festa.html). Acesso em 15 de junho de 2006.

AROCENA, J. *El desarollo local: un desafio contemporáneo*. Buenos Aires: Universidad Católica, 2001.

ASSESSORIA DE IMPRENSA DE OS INDEPENDENTES. *Números comprovam a grandiosidade da festa do peão de Barretos*. Barretos: Phábrica de Idéias, 2007.

ÁVILA, V. F. de. *Pressupostos para formação educacional em desenvolvimento local*. In: **Interações – Revista Internacional de Desenvolvimento Local**. Campo Grande, n.1, p.63-75, setembro de 2000.

_____. *Realimentando discussão sobre teoria de desenvolvimento local*. (Texto destinado ao site do Mestrado)

ÁVILA, V. F. et alii. *Formação educacional em desenvolvimento local: relato de estudo em grupo e análise de conceitos*. 2.ed. Campo Grande: UCDB, 2001.

BENI, M. C. *Política e planejamento de turismo no Brasil*. São Paulo: Aleph, 2006.

BÍSCARO NETO, N. *Memória e cultura na história da frente pioneira: extremo noroeste paulista, décadas de 40 e 50*. São Paulo: PUC, 1993. (Dissertação de Mestrado)

BOURDIN, A. *A questão local*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

BOURLEGAT, C. A. Le. *Ordem local como força interna de desenvolvimento*. In: **Interações - Revista Internacional de Desenvolvimento Local**. Campo Grande, n.1, p.13-20, setembro de 2000.

BRITTO, J.; FONTES, N. *Estratégias para eventos*: uma ótica do marketing e do turismo. São Paulo: Aleph, 2002. (Turismo).

CASTELLS, M. *O poder da identidade*: a era da informação, economia, sociedade e cultura. 2.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CAMPESTRINI, H. *Santana do Paranaíba*: de 1700 a 2002. 2ed. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2002.

CANDIDO, A. *Os parceiros do rio bonito*: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1979.

CLAXTON, M. *Cultura y desarollo*. Estudio. Paris: UNESCO, 1994. Disponível em: (<http://unesco.org/ulis/cgi-bin/unesdoc>) . Acesso em 22 de outubro de 2007.

CORREA, S. M. de S. (org.) *Capital social e desenvolvimento regional*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.

CORRÊA, A. de M. *Não acredito em deuses que não saibam dançar*: a festa do candombé, território encarnador da cultura. In: ROSENDALH, Z., CORRÊA, R. L. (orgs). *Geografia: temas sobre cultura e espaço*. Rio de janeiro: EDUERJ, 2005.

CUNHA, M. C. *Antropologia do Brasil* – mito, história e etnicidade. São Paulo: Brasiliense, 1986.

DENCKER, A. de F. M. *Métodos e técnicas de pesquisa em turismo*. 2.ed. São Paulo: Futura, 1998.

ELIZALDE, A. *Línea de dignidad, necesidades humanas y ciudadanía*: perspectivas y desafios. In: **Línea de dignidad**. Chile: CONOSUR/SUSTENTABLE, 2002.

ESPINHEIRA, G. *Branco na memória*. **Caderno do Ceas**. Salvador, n. 152, p.67-79, jul/ago 1994.

FRANCO, A. de. *Pobreza e desenvolvimento local*. Brasília: ARCA, 2002.

FUKUYAMA, F. *Confiança: as virtudes sociais e a criação da prosperidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

GUARINELLO, L. N. *Festa, trabalho e cotidiano*. In: JANCSÓ, I.; KANTOR, I.(orgs.). *Festa: cultura e sociabilidade na América Portuguesa*. São Paulo: Hucitec/USP/Fapesp/Imprensa Oficial, 2001. v.2.

HAESBAERT, R. *Desterritorialização: entre as redes e os aglomerados de exclusão*. In: CASTRO, I. E. de *et alii*. (org). *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

HERMET, G. *Cultura e desenvolvimento*. Petrópolis: Vozes, 2002.

IBGE. *Cassilândia, Mato Grosso do Sul*. Disponível em (<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/matogrossodosul/cassilandia.pdf>). Acesso em 30 de março de 2007.

IBGE. *O Brasil município por município*. Disponível em (<http://www.ibge.gov.br>). Acesso em 20 de novembro de 2007.

JANCSÓ, I. ; KANTOR, I.(orgs.). *Festa: cultura e sociabilidade na América Portuguesa*. São Paulo: Hucitec/USP/Fapesp/Imprensa Oficial, 2001. v.2.

KASHIMOTO, E.; MARINHO, M.; RUSSEF, I. *Cultura, identidade e desenvolvimento local: conceitos e perspectivas para regiões em desenvolvimento*. In: **Interações – Revista Internacional de Desenvolvimento Local**. Campo Grande, n. 4, p.35-42, 2002. v. 3.

KLIKSBERG, B. *Falárias e mito do desenvolvimento social*. São Paulo: Cortez/ Brasília: UNESCO, 2001.

LACERDA JÚNIOR, B. de. *Algumas reflexões sobre as relações de poder e o uso do território no município de Rio Verde/GO*. Disponível em (www.igeo.uerj.br/VICBG-2004/eixo1/e1_contsn1.htm). Acesso em 25 de agosto de 2006.

LASCH, C. *A cultura do narcisismo*. Rio de Janeiro: Imago, 1999.

LEAL, H.B. *Cassilândia: a princesa do Vale do Aporé, sua história e sua gente*. Campo Grande: Morena Gráfica e Editora, 2001.

MACHADO, M. S. *Geografia e epistemologia: um passeio pelos conceitos de espaço, território e territorialidade*. Disponível em (www.bdmdl.ucdb.br). Acesso em 05 de setembro de 2005.

MARQUES, H. R. *et alii. Metodologia da pesquisa e do trabalho científico*. Campo Grande: UCDB, 2006.

MARTÍN, J. C. *Por Mato Grosso do Sul: as escalas do desenvolvimento local*. In: MARQUES, H. R. (org.). *Desenvolvimento local em Mato Grosso do Sul: reflexões e perspectivas*. Campo Grande: UCDB, 2001.

MARTINS, G. I. V. e MARTINS, C. I. D. *Desenvolvimento local: da teoria à prática*. In: MARQUES, H. R. (org.). *Desenvolvimento local em Mato Grosso do Sul: reflexões e perspectivas*. Campo Grande: UCDB, 2001.

MARTINS, S. R. O. *Desenvolvimento local: questões conceituais e metodológicas*. In: **Interações – Revista Internacional de Desenvolvimento Local**. Campo Grande, n.5, p.51-59, setembro de 2002. v. 3.

MILANI, C. R. S.; CUNHA, S. S. *O papel da cultura no desenvolvimento local: a experiência da Rede Pintadas*. Universidade Federal da Bahia. Trabalho apresentado no I ENECULT, abril de 2005. Disponível em www.adm.ufba.br/capitalsocial. Acesso em 18 de outubro de 2006.

ORTIZ, R. *Cultura brasileira e identidade nacional*. 5.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PIMENTEL, S. V. *O chão é o limite: a festa do peão de boiadeiro e a domesticação do sertão*. Goiânia: UFG, 1997.

RAFFESTIN, C. *Por uma geografia do poder*. Tradução: Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.

REVISTA TEMPOS NOVOS. *Desfile de tropas é o maior do estado*. Ano I, n.1, p.34-35. **O Cassilândia Jornal**, Cassilândia, 03 de agosto de 2000.

RIBEIRO, J. L. *Condições socioeconômicas e desenvolvimento local no assentamento Paraíso em Mato Grosso do Sul*. 2003.118 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Local) – Universidade Católica Dom Bosco, campo Grande, 2003.

ROSENDALH, Z. *Espaço e religião: uma abordagem geográfica*. 2.ed. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1996.

SANTOS, M. *A natureza do espaço: espaço e tempo – razão e emoção*. 3.ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

_____. *Metamorfoses do espaço habitado*. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. *Por uma geografia nova*. São Paulo: Hucitec, 1978.

SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. *O Brasil – território e sociedade no início do século XXI*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. In: *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

SUÁREZ, R. O. *Desarollo local sostenible en Cuba: parámetros de medida*. In: **Interações – Revista Internacional de Desenvolvimento Local**. Campo Grande, n.8, p.21-28, 2004. v. 5.

TUAN, Y. F. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Trad. Luzia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1980.

VANIER, J. *Comunidade: lugar do perdão e da festa*. Trad. Teresa Paula Perdigão. São Paulo: Paulinas, 1982.

VANNUCCI, A. *Cultura brasileira: o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 1999.

VEIGA, J. E. da. *A face territorial do desenvolvimento*. In: **Interações – Revista Internacional de Desenvolvimento Local**. Campo Grande: UCDB, n.5, p.5-19, set. 2002. v. 3

VILLAR MARTINS, G. I. *Indicadores demográficos do desenvolvimento econômico no Mato Grosso do Sul – 1970-1996*. Campo Grande: UCDB, 2000.

www.cassilandia.news.com.br, acesso em 12 de setembro de 2006.

APÊNDICES

APÊNDICE A

Formulário de Entrevista Padronizado

Pesquisa sobre os participantes da 36º Festa do Peão de Cassilândia/MS

Data: ___ / ___ / ___.

Perfil do participante

Sexo: () M () F

1-Onde reside

Cidade _____ Estado: _____

2- Idade

- () até 18 anos
- () de 19 a 25 anos
- () de 26 a 40 anos
- () de 41 a 55 anos
- () acima de 55 anos

3- Grau de escolaridade

- | | |
|----------------------------|-----------------|
| () primeiro grau completo | () incompleto |
| () Segundo completo | () incompleto |
| () Superior completo | () incompletos |
| () Especialização | () mestrado |
| () doutorado | |
| () técnico | () tecnólogo |

4- Profissão _____

5- Renda

- () de 1 a 3 SM
- () de 4 a 7 SM
- () de 8 a 10 SM
- () acima de 11 SM

6- Meio de hospedagem

- () hotel
- () casa de amigos e parentes
- () outros

7 – Quantos dias pretende ficar na cidade? _____

8- Estado civil

- () solteiro(a) () viúvo(a)
- () casado(a) () divorciado (a)
- () outros

9-Quantos dias pretende vir à festa? _____

10- Meio de transporte

- () carro
- () ônibus
- () moto
- () outros

11- Dos motivos citados qual o principal da sua vinda a 36º Festa do Peão de Cassilândia

- | | |
|--|---|
| (<input type="checkbox"/>) recreação, lazer, férias. | (<input type="checkbox"/>) compras |
| (<input type="checkbox"/>) visitas a parentes e amigos. | (<input type="checkbox"/>) para ir na Barraca dos Cabiceras |
| (<input type="checkbox"/>) negócios e motivação profissional | (<input type="checkbox"/>) shows |
| (<input type="checkbox"/>) rodeios | (<input type="checkbox"/>) bingo do carro |

12- Como você ficou sabendo deste evento?

- () rádio
- () internet
- () jornal
- () cartazes, panfletos
- () equipe de promoters
- () indicação de amigos e parentes

13- Você participou dos eventos anteriores?

- () sim
- () não

14- Sobre a infra-estrutura qual sua opinião?

- () ótima
- () boa
- () péssima

15 – Quanto o Sr. (a) pretende gastar no evento?

- () até R\$ 50,00
- () de R\$ 51,00 à R\$ 100,00
- () de R\$ 101,00 à R\$ 200,00
- () mais de R\$ 201,00

16 – Qual a importância deste evento para Cassilândia?

- () econômica-financeira, movimenta o comércio local, traz muitas pessoas de fora
- () valorização da cultura e identidade local, elevando a auto-estima da população
- () mobilização, sensibilização de toda a comunidade cassilandense
- () celebração do aniversário da cidade
- () outros

17- Tem alguma observação ou sugestão a fazer?

Muito obrigado!

APÊNDICE B

ROTEIRO DE ENTREVISTA ESTRUTURADA – SINDICATO RURAL

NOME:

DATA: